

# CONTOS SERTANEJOS

AUCTOR: 0080

*Peferino Vieira*  
P. Z. DE A.

*= Jose de*  
PIEDADE, MUNICIPIO DE LEOPOLDINA

1907



IMPRESA OFFICIAL  
Rua Coronel Vieira n. 53  
Cataguazos  
1907

**BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL**

Este volume encontra-se registrado

sob número

509

do ano de

1977



**2<sup>a</sup> edição**  
**CORRECTA E AUGMENTADA**



Piedade, Maio de 1907







## Com ares de prologo



O sorriso, varias vezes, brotará espontaneo, nos labios de muitos, á leitura dos «Contos Sertanejos».

E' que muitos hão sido actores em casos diferentes ; porque, com toda lealdade, declaro que os factos exarados neste livro são todos veridicos.

Não me accusem, porém, de indiscreto, mórmente relatando certos casos passados entre nós, e, quiçá, ainda recentes.

Tive o cuidado de occultar nomes de povoações e dar aos diferentes personagens nomes phantasticos.

Julgo, pois, não melindrar a pessoa alguma.

Limitem-se a dar graças a Deus de ter eu me aproveitado do que lhes aconteceu para pôr em relevo a lição moral que cada caso encerra.

VALE.

Piedade da Leopoldina, Maio de 1907.

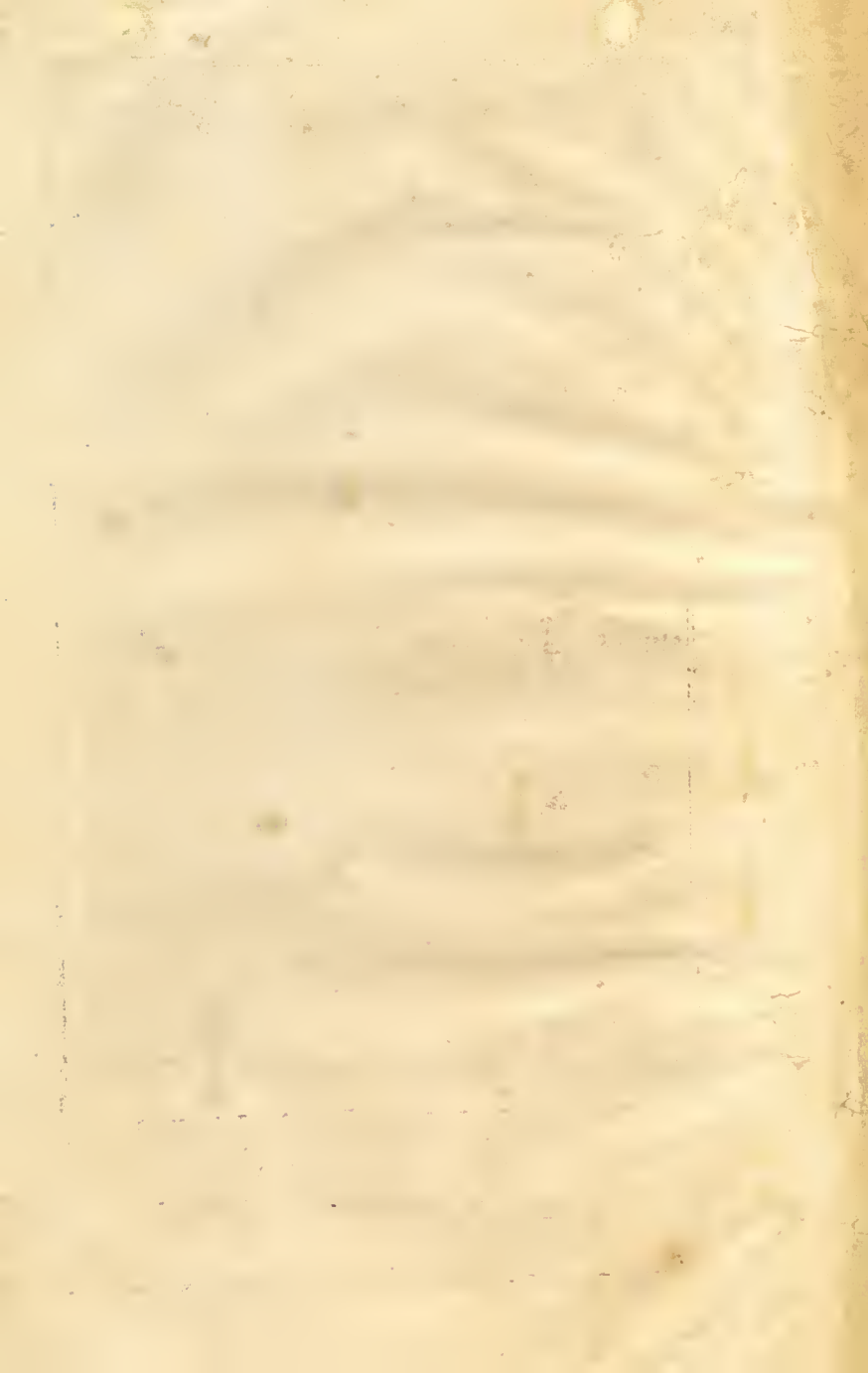
*P. Z. de A.*



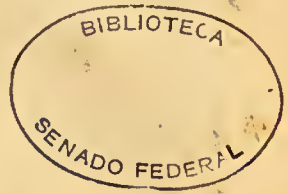


NOSSA SENHORA MÃI DOS HOMENS  
ADVOGADA NOSSA  
**Rogai a Deus pelo Brazil**  
NOSSA PATRIA









## A mentira é peccado



O' de casa ? ó de casa ?

Uma chuvinha *manhosa*, dessas que os sertanejos appellidam *molha tolo*, enraivava o noctívago.

A ruana, estava toda enregelada e tremula.

O' de casa ! tornou a repetir.

— Quem é ? inquiriu uma voz fanhosa e avelhentada.

— De paz.

A porta abriu-se, e um homem corpulento, trazendo um candieiro na mão, appareceu.

— Deus lhe dê boa noite, meu senhor.

— Deus lhe dê a mesma, retorquiu o dono do rancho.

“Perdi-me na estrada, e como faz já escuro, quero pedir a meu amo agasalho por esta noite.”

“O rancho é pobre, respondeu o dono da casa depois de lançar olhos perscrutadores sobre o recém-chegado, mas uma noite passa ligeiro; apeie-se e entre.”

O viandante não se fez rogado, e, dahi a poucos instantes, reconfortado por alguns goles da bôa pinga mineira, fazia honras á ceia.

— Vmee., *mal que lhe pergunte*, inquiriu o velho, é goyano ?

— Nhôr sim, meu amo, sou do norte, e tenho minha gente lá para as bandas do Rio do Sono,

—Então segue para o Norte ?

—Nhôr não ; venho de Goyaz e vou para a Mata da Corda, onde mora minha patrôa.

O viandante não perdia uma garfada. A' medida que conversava com o dono da casa, ia ao mesmo passo saboreiando, ás chicaras, o excellente producto da canna.

—Meu amo talvez já ouvisse fallar em meu nome.

O velho respondeu negativamente.

—Eu sou o Joaquim Mata-Onça, continuou o viandante com fumaças, filho do nortista João Carinhonha, por alcunha o Mata-Onça ; homem que em vida derrubou 220 das *braba*, e que veio a morrer nas unhas de uma dás mais *macoteira* que jámais o sertão criou.

O velho prestava attenção, com a physionomia sorridente.

—Então Vmce. é caçador destemido ?

—Assim; assim, meu amo, mas nunca tremi, quando relampeja uma bicha lá nas nossa *brinha*.

—Pois, meu amigo, foi Deus quem lhe trouxe aqui hoje.

Joaquim começou a olhal-o, desconfiado.

—Como assim ? meu amo.

—Ha já mezes, que uma *macoteira* appareceu-me por aqui e tem dado cabo da criação miúda. Convidei dois compadres para derrubarmos a *bicha* e fizemos tenção de partir amanhã de *madrugadão*. Ha pouco passou aqui o Zéca da Sinh'Anna, e me garantiu que os compadres tinham sido citados para o processo do Quinca Selleiro, e não podiam vir. Fiquei desapontado, pois a cachorrada dos Martins já estava aqui, e que cachorrada !! meu rico senhor !!

Agora, com sua declaração, de novo me entusiasmo, e lhe peço de esmola para me ajudar na caçada.

O sertanejo estava suando frio.

—Mas meu amo, gaguejava elle, não trouxe a minha espingarda.

—Ora, quanto a isso, não se afflija, temos aqui armas de sobra.

Mata-Onça levantou-se da mesa, a tremer e nem se lembrou de rezar, como era seu costume.

La inventar novas desculpas. O velho, porém, foi atalhando :

—A caçada é com pouco prazo. Vmce. deve estar moído da viagem. Durma um pouco, que quando fôr hora lhe acordarei, e Vmce. terá tudo em regra para affrontar a pintada.

Dizendo isso, retirou-se.

Mata-Onça deixou-se cahir na cama, assim mesmo vestido, murmurando :

E esta !! minha Nossa Senhora, o que será de mim hoje ? para que fui mentir, meu Deus ? estou perdido. Bem me dizia minha velha, para sempre fallar a verdade.

Si eu escapar desta, prometto a meu Divino do Barro Preto o garrote amarello de minha patrôa. Ih ! ih ! ih ! e elle era sacudido por um choro nervoso.

.....  
Quando pela segunda vez os gallos abriam o bico, festejando o proximo apparecimento da aurora, dous vultos, de espingarda á tira-collo, caminhavam em direcção ao Capão-Grande, retirado meia legua do rancho.

Ao chegarem lá, o velho destrelou os cachorros e fel-os voar na pista da pintada.

Vai vêr ! moleque ! bradava elle enthusiasma-do.

O sertanejo, em pé, com os dentes a lhe baterem uns nos outros, tremulo, como febricitante atacado de sezões, olhava estúpido para aquillo tudo.

—Veja, meu amigo, como é valente a cachorra-da dos Martins, dizia alegremente o velho.

Mata-Onça quiz responder, mas da garganta secca pelo terror, não sahiu palavra alguma.

—Vmce. fica por aqui, continuou o velho ; se a *braba* lhe visitar, divirta-se com ella ; eu vou para o *burity quebrado*, a ver se ella me faz as honras de um encontro. E elle sahiu a correr.

Mata-Onça cahiu de joelhos, a soluçar.

Minha Nossa Senhora ! Minha Nossa Senho-

ra, tem dó de mim !! Eu juro dar o garrote de Sinh'Anna, a meu Divino.....

Lá, ao longe, os gritos do velho, o interromperam.

Usca, moleque, usca... Vae vêr, *turco*, e.... imitando a cachorrada, bradava : Au...au...au...au... ao mesmo tempo batia as palmas, entusiasmado.

Mata-Onça, cheio de horror, monologava :

E o raio do velho não é que está tocando a coisa para cá, Minha Nossa Senhora !!

Certamente a cachorrada estava na batida da fêra.

Atacando unida, vinha seguindo, fazendo grande barulhada pela matta.

Cheio de terror, o sertanejo atirou ao chão a espingarda e começou a trepar lestamente numa grande arvore que estava perto.

D'ahi a pouco, a canzoada toda estava ao pé d'elle, acuando.

Já no meio da perigosa ascensão, parou.

O que significava aquillo ? D'ahi a pouco teve a chave do enigma.

O velho vinha chegando a correr.

—O' homem de coragem, bradou este, pois o senhor irá matar a *braba* á faca ?

—Onde está ella ? perguntou Mata-Onça.

Pois o senhor ainda não a vio ? cuidado, que ella está armando o pulo.

Ao levantar os olhos, o sertanejo percebeu o felino animal, todo encolhido, com o pello eriçado, olhos faiscantes e terriveis.

Os braços lhe bambaleiaram e elle cahiu pesadamente no chão.

A canzoada toda precipitou-se, e foi com grande custo que o velho o livrou.

Joaquim esteve tres dias entre a vida e a morte, delirando.

—Graças aos cuidados do velho mineiro d'ahi a pouco tempo seguiu para a Matta da Corda, jurando nunca mais mentir em toda sua vida.

—”Quando carreguei o meu goyano para casa, senti que o pezo era maior, e minha velha teve de gastar meia libra de sabão para pôr a roupa d'elle

em estado decente ". Isso me contou o mineiro ; e  
uma gargalhada gostosa, dessas que sacodem o  
corpo todo, alegrou o velho caçador.

Esses mineiros....





## A valsa do vigário



A cheia que ha tres mezes inundára a bella villa de S...,no norte da patria estremecida, lançára em extrema pobreza varias familias.

Senhoras vergonhosas, que não tinham coragem de estender a mão para pedir esmola, lutavam com difficuldades para dar de comer e vestir aos pobres filhos; varias, eram viuvvas e estas ainda curtiam maiores privações; o pobre vigário conhecia tudo, pois em sua freguezia nada lhe era occulto.

Elle multiplicava-se para soccorrer seus pobres, e engendrava todos os meios para esmolar; e, ás occultas, não molestando o acanhamento das pobres vergonhosas, soccorrel-as.

.....

No elegante palacete do barão, havia, no dia seguinte, um esplendido baile, pois chegára do Rio seu filho mais velho, o dr. Alfredo, que acabava de tirar o anel de medico, e ia tudo n'um reboliço e numa verdadeira azafama a preparar um jantar de arromba e uma festa que deixasse nome na villa.

A baroneza ia e vinha de todas as bandas, chamando uma criada, dando ordens a outra, mandando o copeiro dar recados ao negociante da esquina, gritando com a cosinheira que ca-



prichasse bem, para que o jantar deixasse agua na bocca, emfim, uma lufa-lufa que punha todos tontos.

O barão, nessas occasiões, sahia de casa para não ouvir os ralhos da mulher; já tinha convidado a todos os amigos e passeava com as mãos nos bolsos, pelas ruas da villa, a fumar um havana, que o filho lhe mandára do Rio, numa soberba caixa.

De repente, encontra o vigario e exclama, alegre:

—O' meu vigario, como vai essa força?

—Regularmente, barão, respondeu o padre sorrindo-se bondosamente; e v. exc.?

—Meu vigario, já lhe disse que somos muito amigos e não gosto que os meus me chamem de v. exc., chame-me de você.

—Pois bem, barão, mas, sabe, tenho por minha vez de lhe passar uma pitada!

—Porque, padre?

—Pois o meu amigo vai dar um baile, convida a todos e deixa de lado seus maiores amigos?

—Meus maiores amigos? isso é impossivel, convidêi a todos, não é provavel que haja algum que tenha sido olvidado:

—E eu então, não sou seu amigo, barão?

—Como, vigario, o sr. assistiria ao baile se eu lhe tivesse convidado? perguntou o barão estupefacto.

—Certamente, barão, porque não assistiria?

—Desculpe, meu vigario, minha omissão é filha da consideração e respeito que lhe tenho; porém foi uma felicidade encontral-o, e saber que meu amigo não se offende; está, pois, o meu amigo convidado e posso contar comsigo, não é?

—Com certeza, pois eu mesmo é que lhe peço para me convidar.

O barão indo para casa contou á mulher; esta, inteiramente admirada, contou á cosinheira. A cosinheira poz a bocca no mundo, e dahi a duas horas não se conversava em outra cousa na pacifica villa.

—Como! o padre Bartholomeu, um homem sé-



rio, de vida tão santa e respeitavel, um homem que já ha vinte annos parochiava S. irreprehen-sivelmente, conservando immaculada a honra de suas ordens, aquelle homem tão bom, tão meigo, o anjo da Egreja, o consolador dos afflictos, o amigo dos meninos, dos pobres e desvalidos, largar suas graves obrigações e ir a um baile?

Era demais para os catholicos, e os livre-pensadores e incredulos esfregavam as mãos de contentes e aquillo era para elles o prato mais agradavel de todo o anno.

—Ora...ora...mas agora vão vêr...ha de ser engraçado o padre Bartholomeu a *saracoteiar* pela sala.

E elles riam-se a valer, antegosando o escandalo dos fieis e a cara do vigario na dança.

No dia seguinte os ricos salões do barão regorgitavam de convidadós.

Todos, ao entrarem, procuravam curiosamente o vigario, porém este ainda não havia chegado. Riam-se, conversavam alegremente e já respiravam em paz, quando o barão disse :

—Senhores, vai começar o baile.

Cavalheiros tiravam as damas e formavam os pares.

A excellente musica do maestro Nunes, afinava os instrumentos, e depois de collocar em ordem as fileiras de dançadores, o Bolivar, que era o marcante, ia começar, com sua voz atroadora :

—*Caminho da roça*, quando o padre fez sua entrada na sala.

Um frio geral correu pelos assistentes e todos ficaram sem graça.

Uma batina, n'uma sala de baile e a pular no meio do salão, seria o cumulo do ridiculo, e ainda mais sendo um homem respeitavel, como o padre Bartholomeu.

O vigario cerrou a mão do barão e de sua esposa, saudou affectuosamente os assistentes que o olhavam admirados, e, dirigindo a palavra ao mestre da musica, disse :

—Mestre, toque uma valsa.

—Nunes não se fez rogar, e a musica começou

uma soberba valsa que principiou a electrisar a sala.

O padre estendeu o chapéu e começou a passar pelos assistentes, dizendo :

—Uma esmola pelo amor de Deus, para as victimas da grande cheia.

As senhoras tiravam pulseiras e pedrarias, outras, brincos e arrecadas, anneis e relogios, e os depositavam no chapéu.

Até os impios deram.

No fim, o chapéu do vigario transbordava.

Este, num jubilo extraordinario, já descerrava os labios para agradecer a todos o grande rasgo de caridade, quando o barão, pedindo venia, tomou a palavra :

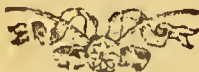
—Meu reverendo: bella lição e de um modo delicado acaba de nos ser dada. Não é decente um divertimento mundano e todo de prazeres numa localidade flagellada pela peste e pela fome. Se meus amigos não levarem a mal, assistiremos a um concerto dado pelo mestre Nunes, e, após o jantar, iremos visitar os nossos doentes.

Uma salva de palmas apoiou essas nobres palavras do dono da casa. Alguns rapazes torceram os narizes, mas a maior parte não levou a mal o transtorno.

O vigario retirou-se, rindo a valer da piedosa peça que pregára a seu povo, e correu á casa de seus pobres, contente por ter o barão dissolvido o baile, onde Deus, provavelmente, seria offendido e as almas de suas ovelhas corriam perigo.

Na villa, ainda hoje, os velhos contam esse caso succedido ha bons quarenta annos.

O padre Bartholomeu já é fallecido ha bem tempo, mas seu nome ainda revive e, até hoje, é celebre a *valsa do vigario*.





## Morte do positivista



Muito comprido, magrissimo e amarelento Arthur estava já um verdadeiro esqueleto antes de morrer.

A Candinha anda por toda a casa, apressada, alheia a tudo, nervosa e chorando sempre; arruma machinalmente os frascos de remedios, assenta-se por um pouco, pousando a face nas mãos e olhando amorosa para o marido, depois levanta-se bruscamente, a suspirar, caminha de novo, sentindo necessidade de fazer alguma cousa, no meio dessa immensa fraqueza da creatura diante da figura tremenda da morte.

Quanto a elle...está esperando tudo o que vier.

Espera, não como protestante, não como arabe que espera as huris no paraizo sensual de Mafoma, não como um homem mesmo...que seja realmente homem.

Esse cadaver, que d'aqui a pouco será um punhado de terra, não é um homem!

Esse esqueleto animado é...é...o que?

*Horresco referens!* esse pedaço de carne que alli está na cama, é um positivista.

Elle reflectiu bastante durante toda a vida, pesou com calma todas as provas, com muito sangue frio calculou os prós e os contra, e, pois, maduramente, concluiu :

"Deus não existe."

Além tumulo não ha nada; morto o homem, está tudo acabado; isso de *alma* é uma invenção dos padres, para ganharem dinheiro.

É uma cousa clara, axiomatica, definida que: *não ha outra vida.*

O medico tinha dito á Candinha que a carcassa não passaria de meia-noite.

Ella olhou para o mostrador do velho relógio. Dez horas.

A Candinha approxima-se mansamente do leito, encostou a fronte junto á cabeça do esqueleto, molhando-lhe o rosto frio com suas lagrimas fervorosas, e, numã toada de voz que teria domesticado uma onça, ella exclamou:

—Meu queridinho....meu queridinho.....

—O que é ?

Ella, alizando-lhe os cabellos:

—Vou chamar um padre, sim ?

—Para que ?

—Para te confessares.

—Não ! respondeu elle fechando a cara e virando-a para a parede.

—Por piedade, meu anjo, é só para agradares á tua Candóca.....

—Tudo farei por ti, menos isso.

—Porém, meu amorzinho, tu podes morrer já, e como comparecerás na presença de Deus ?

—*Não ha Deus !* respondeu elle lentamente.

—Tu podes te enganar, amor meu, e então, então.....eu tenho medo até de pensar no que te succederia !

—Eu não me engano, não posso me enganar, sei que não ha Deus.

Essas palavras foram ditas seccamente, com orgulho e soberbia, apesar de seu deploravel estado.

—Mas imaginemos...continuou a Candinha que procurava todos os meios para fazel-o confesar-se, imaginemos...

—Imaginemos o que ?

—Se por acaso houver um Deus, como eu creio certamente que ha?

—"Então, disse o esqueleto, n'uma toada de

voz adocicada, como se fôra um papai que condescende com os temores do filhinho, então eu voltaria para te contar.

Agora, eu quero que tu me deixes socegado, e pelo amor nosso, continuou elle, pondo as duas mãos juntas, *não me falles mais em padres*".

Muito cansado pela conversa, o moribundo mergulha-se num mutismo scismador e segue attentamente o medonho trabalho da dissolução, que opera-se em seu ser.

A vida e a morte estão travando um grande duello na pobre carcassa.

Suores frios seguram a vida e procuram tocar pelas portas dos cinco sentidos os elementos vencedores da dissolução.

A morte, porém, caminha em triumpho, calma e serena, ganhando terreno sempre naquelle corpo que já é propriedade sua.

Ella annuncia sua victoria por espasmos tremendos que sacodem o corpo todo, assim como a ventania sacode uma folha de papel.

Elle, o pobre esqueleto, com os olhos estatelados, segue toda aquella scena; a grande viagem vai acabar, a estação suprema está pertinho..... o trem de ferro já apitou.....mais alguns arrancos e elle saltará na plataforma tão fria da sepultura.

Elle ouve, de quando em quando, no lugubre silencio do quarto, os soluços abafados da mulher, que, com o lenço na bocca, procura moderar a dôr para não agoniar mais o seu homem.

Lá fóra estava tudo em quietação.

Ouvia-se perfeitamente o *tic-tac* do relógio, e de tempos em tempos, no fundo do quintal, o uivo dorido do *Gambeta*, o negro cão da cozinheira, enchendo de agouro a pobre da Candinha, que estremeia com as rajadas de vento na janella e com os gemidos do *Gambeta*:

A cozinheira, essa, coitada! estava n'um quarto perto, a descansar.

Havia quatro dias que ella não dormia, velando o patrão.

Agora já não podia mais aguentar-se em pé,



e desde varias horas estava num somno reparador.

De repente o esqueleto geme :

Ai !.....inteiriçou o corpo e.....

Estava tudo acabado; o velho relógio da casa bateu lentamente tres horas da madrugada.

A mulher dá um espantoso grito e precipita-se perto da cama, abysmando-se n'uma dolorosa prece entrecortada de soluços entontecedores; depois levanta-se, chama a criada, lava o corpo do Arthur, fecha-lhe os olhos; veste pela ultima vez o seu companheiro de tantos annos, com a roupa que ha muito estava preparada para aquelle fim.

Terminado tudo, Candinha vira-se para a criada :

—Agora, Maria, podes ir te deitar de novo; eu velarei até ao amanhecer.

—Vosmecê fica sósinha aqui ?

—Sim, Maria, ficarei.

—Mas.....

—Vai-te, Maria, eu gritarei por ti, se fôr preciso.

Ella fechou a porta e tirou a chave, depois da sahida da cozinheira; esta, porém, curiosa, como todas as mulheres, ficou espiando pelo buraco da fechadura, a vêr o que ia fazer a Candinha.

Sciende de que estava bem sósinha no quarto mortuario, inclinou-se piedosa sobre o corpo frio do positivista e com voz nervosa :

—Arthur, tu me prometteste que voltarias se houvesse um Deus; responde-me, querido, *ha um Deus ?*

No leito mortuario, o corpo já gelado pela morte, não se mexeu.

—Arthur, continuou ella lugubremmente, em nome do céu, me responde :

—*Há um Deus ?*

As velas accesas nos quatro cantos do quarto, estalavam, fazendo estreneecer a cozinheira, do lado de fóra.

Passou-se então uma scenia macabra e mon-

struosa : o morto levantou lentamente meio corpo e assentou-se na cama ! os cabellos de sua cabeça estavam em pé, como se fossem espetos, e uma labareda do inferno allumiava-lhe a fronte pallida ; dos olhos immensamente abertos pingavam lagrimas de sangue.

A criada quiz gritar ; não o poude ; a voz estava suffocada na garganta ; quiz fugir, porém os pés não caminhavam, grudados no sólo, e ella cahiu como fulminada.

D'ahi a pouco, quando entrou gente, a cozinheira voltou a si.

Arrombaram o quarto.

Deitada de costas e com dois fios de sangue a lhe escorrerem pelos narizes, a Candinha estava morta, morta de medo e de terror.

No leito, inteiriçado e immovel, o esqueleto esperava a hora de ir para a cóva.

Maria, a cozinheira, depois de narrar este facto á visinhança, entrou para um convento, onde acabou fazendo vida penitente.

Feliz d'ella que soube chorar n'este mundo, e, do mal alheio, tirar o bem para si.







## As peniteneias no sertão



A Igreja está de tal modo repleta de fieis, que difficilmente os sacerdotes pôdem celebrar o santo sacrificio.

No largo da matriz o povo estende-se seguramente até meio kilometro, além da porta. Nas adjacencias, a multidão é a mesma.

Computou-se em dez mil almas, o numero deromeiros que tomaram parte na festa do Divino Padre Eterno.

Após a missa é um impossivel entrar-se na matriz.

Com effeito, grupos e grupos de devotos se reparam, e cada qual começa a cantar em voz alta.

Aqui, é o *Bemdito*, alli, vozes graves entôam a *Ladainha*; além, cantam desafinadamente o *Vinde Espirito de luz*; perto do altar, um homem, com os braços abertos em cruz, cumpre sua promessa; na porta principal, uma senhora, com os olhos levantados para a Imagem Milagrosa, résa, em voz alta, com todo o fervor: e aquillo é durante todo o dia, é pela noite além.

Centenas e centenas de barracas, de toldas, de casinhas cobertas com palmas de burity, estendem-se por todas as bandas, semelhando um immenso acampamento em vespérãs de batalha.

Terminada a festa todo aquelle mundo retira-se e o arraial entra na sua vida normal, ficando

no maximo, dentro do povoado, de 300 a 400 pessoas!

Entremos na Igreja.

—Com licença, meus senhores, com licença.

É a gente vai entrando, arrastada pela onda.

Pobre de quem se aventura nos primeiros dias! quasi se morre suffocado. Ao chegar-se ao meio do templo é preciso enxugar-se o rosto, que está banhado de suor.

Da porta até alli, tão curto espaço, é o mesmo que tomar-se um forte sudorifico.

Felizmente, a um lado do altar mór, avisto um claro.

Um esquite aberto vê-se alli: o cadaver tem o rosto coberto com um véo rendado, escuro. Uma senhora, extremamente sympathica, ainda joven, vela ajoelhada perto.

Tem os olhos em lagrimas, e olha afflicta para todas as bandas. Um sacerdote approxima-se, cuidadoso:

—A senhora deseja alguma cousa?

—Meu senhor, estou esperando um padre para fazer a encommendação de meu *ho nem*.

O sacerdote abre o Ritual e começa o *Libérame.....*

Aos Kyries, o sacristão achega-se a elle e offerece-lhe agua benta.

O presbytero rodeia o caixão e asperge o pseudo cadaver.

De repente, porém, brada angustiosamente:

—Nossa Senhora!!! e quer fugir pela Igreja além. Não era para menos.

Quando a agua sagrada salpicou-lhe o rosto, o falso morto estende uma das mãos, bradando: —*Louvado sois Christo, sô reverendo.*

Houve uma grande lufa-lufa na Igreja, provocando faniquitos em varias senhoras.

Serenado o barulho e depois que o padre poud respirar, perguntou á mulher:

—Mas o que é isso, senhora?

—"Senhor reverendo, estando meu marido, ha tempos, para morrer, fiz uma promessa, que se elle escapasse, seria amortalhado, e trazido para

a Igreja dentro d'um caixão e que, além disso, seria encommendado, para que o povo visse claro o milagre do Santo."

Pobre padre, que susto !!

Durante as procissões é que as penitencias são mais exquistas.

Um conserva, cinco, seis, oito velas, atadas em fórma de corôa na cabeça.

As velas vão se derretendo, causando-lhe um incommodo extraordinario.

A dôr provoca-lhe lagrimas e elle continúa, curtindo, até á entrada da procissão.

Atraz do sagrado prestito um rapagão bello, possante, alto, physionomia sertaneja, está inteiramente acorrentado.

Ao pescoço passaram-lhe um tronco.

Os pulsos estão arrojados por uma forte corda de linho.

No corpo, descendo pelos hombros e cahindo-lhe até a cinta, uma forte corrente. Apenas os pés livres.

O pobre rapaz está todo em suor.

Acabada a procissão, curiosos vão inquirir o motivo d'aquillo.

—Com muito gosto lhes explicarei, senhores, deixem, porém, que me desembarace de meus instrumentos de supplicio.

E elle começou, com vóz triste e sentida, onde ainda predominava o arrependimento :

"Meu pai, senhores, principiou a soffrer das faculdades.

No principio iamós *tangendo a coisa*.

Um certo dia, tivemos a desgraça de vel-o furioso.

Elle queria fazer despropositos.

Chegou a tal ponto que vi-me obrigado a amarral-o.

Não sei se por isso ou devido á promessa que fiz a meu Divino Padre Eterno, meu pai começou numa tristura.....numa tristura.....que cortava o coração.

Certa occasião elle me chamou ;

—José, meu filho, estou arrependido do que fiz: tirem-me esta corda, que nada mais farei.

E elle chorava.....aquillo me docu, senhores; meu coração ficou pequenino.....pequenino, como uma cabeça de alfinete.

Até hoje meu pai nada mais soffreu, e para bem dizer já está bom.

Fiquei com remorsos, e agora vim fazer publicamente esta penitencia, para que Deus me perdoe o atrevimento que fiz, amarrando o autor de meus dias.

.....

Em roda da Igreja, durante quasi todo o dia, penitentes e mais penitentes seguem, de joelhos, rezando em voz alta, duas até tres vezes, vindo, alfim, prostrados de canseira, parar na porta do templo.

Outros deitam-se no vestibulo, para que os romeiros passem sobre elles. Alguns, emfim, deixam-se amarrar nas arvores das circumvizinhanças e fazem-se flagellar com açoutes!!

Tudo isso mostra a grande fé, a funda crença do povo goyano. A Igreja, porém, não é a inspiradora, nem a conselheira de taes actos.

Ao contrario. O clero sempre combate energeticamente tudo o que possa ridicularisar o christão.

E' clamar no deserto.

Em todo o caso é bello ver-se o fervor e o verdadeiro espirito religioso em muitos logares da diocese goyana, principalmente no Triangulo Mineiro.

Uberaba, a actual residencia do Prelado, é a cidade mais adiantada de toda a Diocese.

Honra e gloria á Uberaba, esse torrão abençoado de Minas, gemma a mais preciosa do Triangulo, princeza do sertão, e emporio de todo Goyaz, luz intensa que derrama fôcos brilhantes por todas as bandas, terra hospitaleira e fidalga, povo culto e catholico, cidade destinada a um brilhante porvir e digna entre as mais dignas do Cruzeiro do Sul. O meu fim, escrevendo isto, é pedir aos nossos christãos que abandonem essas

penitencias excentricas e espalhafatosas que só servem para chamar o ridiculo sobre quem as pratica. Deus quer o culto razoavel, conforme o conselho do Apostolo São Paulo.

A promessa em si é bôa e santa ; porém, em geral, é bom consultar-se um confessor, sacerdote ou pessoa autorizada, antes de praticarmos um acto que chama a attenção publica sobre nós.





# Joaquim Veneno



Ventava que fazia medo.

O velho arreeiro, o Joaquim Veneno, ia vagarosamente até então e gritando de tempos em tempos :

—Cuidado, rapaziada, cuidado com o lóte da frente, que siga pelo atalho, á esquerda, quando chegarmos á cruz das almas, que hoje vamos pou-sar na Barra Limpa.

Os tocadores estavam alegres, pois na Barra Limpa havia uma vendinha, onde se comprava um “mata-bicho”, que era afamado no sertão.

O vento, porém, principiou a amainar e por seu turno nuvens escuras começavam a acastel-lar-se no céu. De instante a instante, viam-se, lá longe, infinitamente longe, rapidos fuzis que mos-travam como o ar estava carregado de electrici-dade.

Veneno, com seus olhares de velho homem do sertão, conheceu a brusca mudança do tempo e gritou :

—Ligeiro, rapaziada, ligeiro ! Vamos derrubar carga nã Estiva, que a tempestade não tarda.

Os tropeiros não gostaram nada da historia, porque a Estiva era um rancho deserto, onde anti-gamente faziam pouso, e distante do caminho onde se achavam meio kilometro apenas.

Porém a tormenta não dava prazo e era pre-



ciso bater carga lá mesmo. As cataractas do céu pareciam se abrir e ouvia-se de quando em quando o estalar dos trovões que fazia tremer os tocadores.

As toadas alegres que ainda ha pouco eram tiradas pelos tropeiros haviam cessado, e todos estavam graves. Não tardou, porém, que apercebessem a Estiva, e então, num baque, foram descarregando a mulada e encostando as cargas á moda mineira. Em meia hora tudo estava prompto.

Duas grandes toldas de loã, um bom fogo, os volumes e mais carretos que levavam para Ouro Preto, bem recobertos de couro, e a tropa no encosto, tudo tinha sido feito num apice.

A tempestade não tardou a inundar tudo; chovia que era um Deus nos acuda, mas, felizmente, Joaquim Veneno e seu povo não se molharam e estavam abrigados. De repente ouviu-se na estrada que vem parã a Estiva um galopar á redea solta. Veneno levanta-se e vê um cavalheiro ainda jovem e imberbe que lhe diz :

—Amigo, pôde me dar um abrigo ?

—Pois não, meu amo, apeie-se.

O moço apeiou-sê ligeiro e veio assentar-se no meio dos tropeiros. Veneno deu-lhe uma pinga, esperando o café que o cozinheiro da tropa estava a preparar.

— Que chuva, meu amo, que chuva, e de repente!!

—É' verdade, disse o moço e por causa della eu me perdi da comitiva.

—Meu amo vai para Ouro-Preto ?

—Sim, e estava destinado a ir pousar d'aqui a quatro leguas, nos Tres Moinhos, quando começou a chover horivelmente, e me perdi de meus camaradas. Felizmente encontrei os senhores por aqui.

A cada trovão que estalava, Veneno, á moda de sertanejo, dizia se persignando : S. Jeronymo ! Santa Barbara !

O moço sorria: era um desses espiritos fortes, que, educados num meio de costumes desbragados, acostumam-se a troçar de tudo o que ultrapassa o natural e sensível.

Não tardou, porém, que pouco a pouco o vian-



O camarada não se fez rogar e applicou uma meia dúzia de cabrestadas valentes no peralvilho.

—Agora, monta em teu animal e some-te, traste, que não quero que um raio caia aqui por tua causa.

Oito dias após, quando chegou no lugar de seu destino e começou a descansar, Veneno lembrou-se d'esse facto, e sentio remorsos de ter obrigado o moço a pôr-se na estrada já á noite e debaixo de chuva. Procurou um velho sacerdote, seu antigo confessor, um dos homens mais respeitaveis do clero mineiro e contou-lhe tudo, acrescentando :

—Meu padre, julgo que offendi a Deus, e, por isso, vim aqui lhe pedir conselho, e que ore por mim.

—Meu filho, respondeu-lhe o venerando sacerdote, o senhor de modo nenhum offendeu a Deus, ao contrario, praticou uma obra de caridade.

Ganhou muitos dias de indulgencias, e se todos fizessem como o senhor, não haveria mais impios no mundo.

—Como assim ? então como ganhei indulgencias ?

—Praticando duas obras de caridade que são :  
Ensinar os ignorantes e castigar os que erram.



dante e o arreeiro travassem animada conversação, que de quando em quando era interrompida por um trovão e pelas palavras do arreeiro—S. Jeronymo ! Santa Barbara !

O moço, alfim, não se pôde conter.

—Apre ! senhor, pois ainda é desse tempo atrasado, que invoca santos inventados pelos padres ?

Veneno conheceu que tinha um impio diante de si.

—Senhor, disse elle, procurando amaciar a voz, cada qual é livre de acreditar o que quizer ; V. S. não crê, eu, porém, creio e sigo cá os sentimentos e a fé de meus pais.

—Isto de fé é uma babuzeira, disse o moço.

—V. S. está debaixo de minha barraca, é noite quasi, e a tempestade cada vez mais furiosa, peço-lhe mudarmos de conversa.

Começou-se a servir o jantar e não tardou que de novo o impio provocasse o bom arreeiro, que persignou-se, e, de mãos postas, fez uma curta oração para agradecer ao Creador, o sustento que lhe dava.

—Se eu soubesse que vinha cair no meio de beatos, preferia caminhar na escuridão e no meio da tormenta, antes do que pousar aqui.

—Como quizer, senhor, exclamou Veneno, franzindo os sobr'olhos e com voz tremula.

Um medonho estampido ouviu-se então, que pareceu illuminar toda a extensão do lugar, ao mesmo passo que a terra tremeu.

—Valha-nos S. Antonio ! bradou'o arreeiro tremulo e pondo-se em pé. Uma gargalhada acolheu essas palavras. Os tropeiros levantaram-se e olhavam indignados para o moço.

—S. Antonio é um portuguez, disse esse, um pé de chumbo, e o senhor, um mineiro honrado, a acreditar em caraminhólas de padres e de beatas ?!

Veneno deu um pulo e segurou, com seus braços fortes de sertanejo, o moço, que, verde de medo, debatia-se, querendo escapar.

—José, bradou elle dirigindo-se ao capataz da tropa, segura um cabresto ahi e *lavra a cousa nesse tranca*, para saber melhor tratar os santos,



## ÚLTIMA VISITA



Raiava a alvorada na villa. Lenta, lenta e tristemente os sinos badalavam.

Portas se abriam em varias ruas, e moços correctamente trajados, sahiam apressadamente em direcção á matriz.

Em muitas janellas, senhoras ainda com os cabellos em desalinho, debruçavam-se curiosas, perguntando aos homens que passavam :

—Para quem é ?

Na Egreja o sacerdote fez sua entrada, caminhou para a sacristia, tomou a estola e a sobrepeliz e adiantou-se para o "santa sanctorum".

Abriu o tabernaculo, tomou em suas mãos o sagrado ciborio, cobrindo-o com um longo véo de seda branca, e, apertando-o ao peito, tomou a direcção da casa da doente.

Sobre o seu leito de agonia, Maria espera o Salvador; ella está paciente e resignada.

Sabe que esse é o fim de todos nós; crê e espera.

Lança o olhar sobre o passado e lembra-se que todos os annos, pela Paschoa, nunca faltou aos seus deveres de verdadeira christã, sempre recebendo a seu Deus.

Lembra-se de sua infancia, do grande dia em que, pela vez primeira, rodeada de meninas de sua idade e com seu véo branco lhe cahindo

pela frente, aproximou-se do sagrado banquete.

Naquelle dia era a primeira visita, hoje é a ultima!

Lagrimas correm-lhe pelas faces; não são lagrimas, não, de tristeza, porque Maria crê e ama; são lagrimas de amor vendo a bondade de Jesus que, hoje, vem visitar sua pobre morada.

Todos seus pensamentos estão voltados para esse Deus que não a espera mais como outr'ora, mas que vem em Pessoa visital-a.

Maria pediu á sua irmã e solícita enfermeira, que preparasse seu quarto, como se fosse um dia de festa.

Espanaram todos os moveis; queimaram perfumes e o sólo está todo alcatifado de flores.

Ao lado do leito da doente, mãos carinhosas levantaram um pequeno altar; ahí collocaram a agua e um raminho de alecrim; o crucifixo de marfim, que já tinha servido para quasi todos os que a tinham precedido na familia; duas velas, bentas na festa da Senhora das Cañdeias, ardiam, allumiando a imagem de Jesus.

As irmãs, os parentes e os amigos da familia, estão em torno do leito, orando e a chorar!

A doente agora está calma; sua frente até parece illuminada por uma alegria divina, e um doce sorriso parece vagar em seus labios; como a pomba da alliança, sua alma deseja voar para a terra da promissão.

O padre, o piaga do amor, na phrase inspirada do poeta das *Espumas Fluctuantes*, perpassou pelas ruas da villa seguido por um cortejo de fiéis piedosos, ao passo que em varias casas, á toada lugubre da campainha, os moradores abriam suas portas e se prostavam de joelhos, adorando o Deus de nossos pais. Eil-o que chega, á casa de Maria.

Sóbe lentamente a escada e entra no quarto da enferma.

E, então, realiza-se o inenarravel mysterio do encontro do filho de Deus com o filho do homem; encontro supremo, onde Jesus vem tomar pela

mão o escravo que resgatou com seu sangue precioso, e guial-o através as soûbras da morte á immortalidade.

O padre prostrou-se e adorou o Senhor; levanta-se após, toma a Hostia Sagrada e diz :

—Recebe, ó minha irmã, o Viatico do Corpo de Nosso Senhor Jesus Christo, para que te guarde do espirito máo e te guie á vida eterna.

A' tardinha tudo estava terminado. Maria expirava docemente na paz do Senhor, deixando uma suave memoria e uma consolação saudosa na alma de todos os que assistiram ao seu ultimo dormir.

Morte abençoada, na fé, esperança e caridade !  
E' assim que eu desejo morrer.





## O MASCARADO



Muitos dos nossos leitores com certeza leram a seguinte noticia, transcripta em varios jornaes, ha pouco tempo :

"Na noite de segunda para terça-feira do Carnaval, no theatro de Avinhão, após uma valsa, a joven Rosa de Cruis, cahiu de repente e morreu, poucos momentos depois, passando da sala do baile ao tribunal de Deus !"

Em 1885, um musico que marcava a dança com as harmonias de seu violão, e ria-se e brincava, cahiu repentinamente para traz, como fulminado.

Li ha tempos, num certo livro estrangeiro, um caso exquisito, realmente acontecido e que mostra que ás vezes a justiça divina fere o incredulo quando menos elle espera. O Carnaval, com seus prazeres culpados, alegrias loucas e ridiculas, e grotescas phantasias, é uma herança do paganismo, que felizmente tende a extinguir-se.

Porém, contemos a historia, que procurarei narrar como li.

Em uma cidade de provincia, na França, numa noite de Carnaval, tres jovens vestidos á phantasia e mascarados, sahiam dum baile e iam para suas casas, ou talvez a procurar novas loucuras. De repente, ao quebrar uma esquina,



deram de cara com um sacerdote, que levava solemnemente o Santo Viatico a um doente.

Os moços, espantados, puzeram-se a correr; porém pouco depois encurtaram a marcha e um, mais fanfarrão e impio, perguntou aos outros!

—Mas, porque estamos a correr como se tivéssemos azas nos pés? se nos vissem podiam pensar que temos medo!

—Francamente, respondeu um segundo, esse encontro me incommodou e fez-me terror; é a primeira vez que me disfarço e sahi contra os desejos e as lagrimas de minha mãe, que é devota!

—Bobos! continuou o fanfarrão, eu por mim zombo de tudo e de nada tenho medo! Querem vêr? aposto quanto quizerem em como sou capaz de ir a casa do tal doente com esta mascara e passar como padre!

—Hom'essa! exclamaram os dous, com um gesto de espanto; isso seria uma impiedade, um sacrilegio; e, cuidado, companheiro! podia te acontecer desgraça.

—Beatos e idiotas! como eu vos lastimo! Mas vou provar que faço o que disse.

—Em nome do céu, companheiro, pára! disseram os dous.

O joven libertino, porém, já não os ouvia e corria em direcção da casa do doente, seguindo as pisadas do padre, que alcançou, quando esse entrava em casa do moribundo.

Affrontando o olhar severo do sacerdote e a admiração dos parentes, que espantavam-se ao vêr o vigario com um sacristão tão exquisito, elle entrou até o quarto do doente e lá ficou, a um canto, até o fim da piedosa cerimonia.

Os parentes e amigos que alli estavam mostravam-se inquietos e espantados, e algumas mulheres mais medrosas, faziam ideia que era Belzebuth em pessoa que vinha tentar o moribundo.

O fanfarrão não se mexeu, desde a entrada no quarto.

Num canto, immovel, tremulo e agitado, parecia como que collado ao chão.



De repente, um espectáculo horroroso e medonho fez-se ver a todos os que assistiam áquella scena.

O infeliz, dando gritos surdos, ou antes, gemidos abafados, e no meio de horriveis convulsões, procurou arrancar a mascara que lhe cobria o rosto ; porém, cousa admiravel ! a mascara estava como que collada na cara e por maiores esforços que fazia, nada obtinha ; rebentou os cordões, porém a mascara estava de tal modo collada como se fôra uma parte de seu corpo.

O infeliz, que começou a suffocar, gritava :

--Acudam-me ! Acudam-me ! e cahiu por terra arranhando a mascara, mas seus dedos escorregavam como se a mascara fosse uma pedra lisa.

Chegou mais gente ; chamou-se um medico ; todos pelejavam ; nada ! o medico examinou-o bem e disse :

—E' uma cousa extraordinaria ; nunca vi factó assim, e a sciencia nada póde nesse caso.

O padre via nisso um novo exemplo desses terriveis castigõs com que, ás vezes, Deus fere o impio, embora, ás vezes, a misericordia espere annos e annos os perversos.

Elle achegou-se ao moço e com accento de dó lhe fallou do arrependimento e perdão.

O miseravel, porém, não quiz ouvir. Entregue ás mais horriveis torturas, como num delirio de febre violenta, elle dava gritos abafados, percebendo-se apenas o accento da dor incrível e da raiva surda que o devorava.

Suas mãos ensanguentadas pelos esforços repetidos e furiosos, agarravam-se varias vezes na garganta, procurando levantar ao menos uma ponta da mascara, mas tudo era inutil ! e, de tempos em tempos, abatido pelo cansaço ou vencido pelo soffrimento, o infeliz, deitando-se no chão, ahí rolava em medonhas e tremendas convulsões, lançando pela bocca da mascara ondas de escumas, enquanto pelos olhos do cartão suas lagrimas cahiam quentes.

Elle morreu n'um desses accessos, deixando no

coração das testemunhas dessa scena horrorosa, uma lembrança de eterna angustia.

A infinita piedade de Deus derrama seu sol e sua chuva sobre o bom e sobre o máo; sua paciencia espera com carinho o perverso e o peccador, porque nós somos carne, consoante o Psalmista, e temos o espirito unido a essa carne fraca e cheia de miserias.

Por isso, vê-se, ás vezes, o impio feliz e cheio de bens, gozando de passageiras alegrias, ao passo que, quasi sempre, o justo e o bom, soffrem contrariedades e revezes, e a sorte lhes é adversa.

E' a prova mais certa da infinita justiça e da divina misericordia, que premeia a uns com bens temporaes e a outros reserva para os bens sempiternos.

Feliz do crente que soffre aqui nesta vida com paciencia, sempre firme em sua fé.

Algumas vezes, porém, como no caso em questão, a justiça fere de repente e d'um modo medonho, para servir de exemplo aos que ficam.

Não zombemos da religião, não critiquemos da Igreja, porque poderoso é Deus para nos fazer recuar em nossa impiedade.

Os antigos tinham um proloquio infinitamente verdadeiro:

"A justiça de Deus, algumas vezes tarda, mas nunca falha."

Quando vê-se arder a barba do visinho põe-se a sua de môlho; cuidado! não nos succeda o que aconteceu ao inteliz mascarado.





## BOA LIÇÃO



Elle aborrecia-se extraordinariamente.

N'um casarão enorme, sósinho, desde ás 6 da manhã até ás 4 da tarde, (hora em que o patrão entrava) o pobre caixeiro pouco vendia.

Devido, talvez, a muitas lojas na circumvisinhança ou ao aspecto lugubre da casa, o certo é que raros freguezes lá compravam.

Tambem, pondo uma cadeira na porta, elle inventava divertimentos.

Sua especialidade era pilheriar com os paes.

Quando pescava ao longe um'a infeliz batina, fazia mil tregeitos com a bocca e preparava-se para a troça.

Alguns caixeiros visinhos conheciam-lhe o fracco, e, ás vezes, punham-se de plantão para assistir ao pagode, quando algum desventurado sacerdote atrevia-se a passar por alli.

Uma velha tia, uma santa mulher que o havia creado, ralhava com elle, mas como sóem ralar as tias.

—Olha, Bambangá, um dia você ainda sofre por causa dos seus brinquedos ; principalmente, filho, me dóe, quando ouço fallar de tuas bregeiradas com os ministros de Christo !

—*Quaes o que, tiasinha, ministros do dinheiro e da mentira e hypocrisia, é o que elles são.*

A velha, absorta, arregalou os olhos:

—Onde te ensinaram essas cousas, criança ?

—A tiasinha não sabe que sou postulante da loja *Amor e Caridade* ?

—Tú !!! exclamou ella estupefacta, tão pequeno e já seduzido pela peste maçonica ? !!!

—Peste, não, tiasinha, alli é uma verdadeira escola, onde se aprende a conhecer as maldades do mundo.

A tia não se podia conter. Lagrimas banhavam-lhe o rosto.

—Não, meu Senhor de Mattosinhos, eu não consentirei tal cousa ; vou me ajoelhar aos pés de *seu* Honorio para intervir nisto. Serei forte, serei inflexivel, e a alma de minha pobre irmã não soffrerá na outra vida.

Aquillo, porém, era fogo de palha. O Bambanga já conhecia a velha e ria-se á socapa.

Certa occasião, todo dengoso, elle gabava-se de uma das suas.

—Um dia o feitiço ha de virar contra o feiticeiro, observou-lhe a velha.

—Ora, tiasinha, commigo é nove... nem a policia me aguenta ; pois eu cá sou cabra da *pá furada*.

Não tardou a realizar-se o prognostico.

Eram 10 horas da manhã.

O Bambanga, palitando os dentes, enrolava um cigarrinho, fumo pomba legitimo.

De repente, surge, numa esquina, um vulto duma estatura gigantesca.

Bambanga estremeceu.

Era um sacerdote, muito alto, director dum importante collegio no interior...

Bambang i enthesourou as orelhas e começou a urrar, imitando o cavallo.

O padre percebeu, mas não se deu por achado.

Com a cabeça baixa, olhos humildes, continuou no mesmo passo, procurando a rua Municipal.

U.....U.....U.....U..... urubú, urubú, caraiça, caradura, passa fóra, gigante.

O outro nem levantou os olhos.

Bambanga continuou num destempero de palavras da gentalha, até que o vulto desapareceu.

Nesse meio tempo entrou um freguez e o caixeiro foi servil-o.

O sacerdote contorneou a rua Municipal e tornou a ganhar o mesmo caminho; tinha concebido um plano: ia vingar-se do caixeirinho!!

Bambanga tornou-se pallido e tremulo, quando a immensa figura assomou á porta da loja.

Elle tirou da cabeça o gorro de velludo que trazia constantemente em casa e inqueriu com fingida humildade:

—V.S. quer alguma cousa, meu senhor?

—Sim, respondeu o padre, com modos de roceiro; sou um vigario do sertão e quero ver se tiro uma partida de negocio para um amigo meu da roça; se me convier, comprarei tudo aqui mesmo.

Bambanga exultou:

—Pois não, meu senhor; V. S. sente-se que lhe sirvo já a seu gosto. Graças a Deus, nossa casa é uma das mais barateiras da praça, e V. S. vai fazer grande pechincha, podendo ganhar cento por cento de seu amigo.

E com seus botões elle dizia:

—Deixa-te estar, papa hostia de uma figa, que hoje has de escarrar aqui diulheiro para o theatro e para meus divertimentos.

Depois de despachar o freguez, o Bambanga, todo humilde e com a carinha cheia de riso:

—V. S. é servido dum copo de cerveja? E' ingleza legitima.

—Aceito, respondeu o outro.

O sacerdote apreciou, aos góles, a espumante bebida, e sempre com modos de roceiro:

—Deixa-me ver aquella peça de americano.

O Bambanga encostou a escadinha e desceu a peça pedida.

—Para que preço?

—V. S. não se incommode; aparte o que quizer e depois lhe mostrarei a receita da casa européa, onde nos sortimos; pagará a mais apenas os direitos e cinco por cento da casa.

Dahi a pouco o caixeirinho suava em bica,

Era um descer e um subir sem conta.

Tambem o grande balcão da loja estava abarrotado de fardos, chapéos, sapatos, e de mil bugi-gangas.

O Bambanga quasi chorava de alegria.

Nunca vendera tanto. Era bem capaz até de se reconciliar com os padres.

—E' só o que meu senhor ordena ? inquiriu elle após duas horas de trabalho.

—Pois é pouco ? perguntou o outro, sorrindo aparvalhadamente, agora tire a conta.

—Emquanto preparo a conta, V. S. tomará mais uma garrafa da ingleza.

O padre não recusou, e pela segunda vez chupou o precioso liquido.

Bambanga todo grave, assentou-se no escritorio do patrão e começou a sommar.

O padre levantou-se serenamente, tomou o chapéo e fallando a elle :

—Agora ponha tudo em seu logar, meu *caradurinha* ; isso é para você ter o que fazer e não bo-lir com os que passam socegradamente pela rua.

O caixeirinho estava petrificado e aturdido.

Quando percebeu o embrulho e precipitou-se para a porta, a fim de reagir, já era tarde.

O padre tinha-se sumido.

O patrão, quando entrou á tarde, ainda encontrou o caixeirinho arrumando tudo nas prateleiras.

Bôa lição, não ha duvida.







## © DIVORCIO



Guardiana não podia mais com aquella vida. Aquillo não era mais lar domestico : era um verdadeiro inferno.

—Olhe, vizinha, dizia ella á tia Rita, eu ainda um dia vou procurar o vigario para me *descasar*.

—Mas, cretaura de Deus, onde já se viu a gente descâsar-se ?

—Ora, ora, tia Rita ; a comadre Lidovina, ainda hontem estava lendo na *Gazeta*, do Pinto, da esquina, que lá na *Cambra* ha um homem de muita sabedoria, tratando com coragem da grande lei dos *descasamentos*. A comadre Lidovina disse que ella tambem quer se *descasar*.

—Cruzes ! vizinha, *arrenego* de tal homem ; e o que será das pobres *mãe de filho* com a troca dos maridos ?

—O tal homem da *Cambra* diz que as mulheres precisam gozar da vida como os homens, e que a criação dos filhos envelhece a gente antes do tempo.

Além d'isso, tia Rita, a gente errando num primeiro casamento, pôde acertar num segundo ou num terceiro ; em todo caso eu sempre rezo um padre nosso pelo tal homem, que chama-se... chama-se... parece-me, Ouriço Caôlho.

—Bem empregado nome, murmurou a tia Rita ; mas minha vizinha, tira essa ideia de sua cabe-

ça ; vá soffrendo o seu homem com paciencia, como sempre lhe aconselha o vigário e verá que tudo ha de acabar bem.

A conversa foi interrompida por violentas pancadas na porta.

—O' senhora ? está surda ? ha cinco minutos que estou a bater e Vmce. lá dentro a tagarelar como papagaio.

A mulher veio, correndo, abrir.

O marido estava de mau humor.

—Quem está lá dentro ?

—É' a tia Rita que veio me ajudar a acabar umas costuras.

O homem tirou o casaco, tomou assento encostando-se na mesa de jantar, e principiou a tocar uma marcha, tamborilando com os dedos.

Ao cabo de poucos minutos, elevando a voz :

—Então, minha senhora; quando janta-se hoje nesta casa ?

—Mas, respondeu ella ameigando a voz, o jantar é sempre ás tres horas e ainda não são duas e meia.

—Se a senhora estivesse cuidando de suas obrigações, em vez de estar ahi a papaguear, não me fazia agora estar aqui como um dous de páus, perdendo o tempo.

A tia Rita interveiu, apparecendo na sala :

—Boa tarde, visinho.

—Boa tarde, tia Rita.

—O jantar *agorinha* mesmo estará prompto, visinho.

—Está bom. Sabe, tia Rita, acabo de estar com o Vigario.

—Ahi foi bom ir visital-o, porque o pobre homem encafúa-se lá na casa e passa quasi o dia inteiro no sinho.

—Eu o deixei bem nervoso e com certeza elle não gostou da minha visita.

—Como assim, visinho ?

—Fui pedir a elle para nos descasar ! !

—Pois o senhor, meu visinho, na sua idade, pensa nisso ? Basta cada dia sua malicia, como dizia o meu defunto, que Deus haja ; vá vivendo em paz

com sua patrôa, que o casamento uma vez feito não pôde mais ser desmanchado.

—Mas o vigario me deu esperanças.....

A tia Rita esbugalhou os olhos, apatetada.

—O senhor vigario ? ! ! isso é brinquedo do visinho.

—E' o que posso lhe garantir, tia Rita. Eis as palavras delle:

—Soffram com paciencia mais um mez, e, se ao cabo desse tempo não puderem continuar, iremos á Igreja, e eu os descasarei.

A tia Rita cahia das nuvens.

Guardiana, que estava na cozinha, veio se aproximando, e mordendo os labios para conter as lagrimas.

—Está vendo, tia Rita ? Eu não sou a culpada, elle mesmo é quem vive a me *atucanar*.

—O que tem a senhora com minhas conversas ? Vá tratar de suas panellas e me deixe em socego !

—Isso tambem é demais ! O senhor me mata de serviços ; quer separar-se de mim e, ainda em cima, me éscorraça como a um cão ? Bemdito seja o dia que eu puder voltar para a casa de meus pais, livre do senhor.

E ella desatou num choro nervoso.

A tia Rita levantou-se, carinhosa :

—Vamos, visinha, isso não é nada ; tenha paciencia !

E era aquillo todo o santo dia, naquella casa.

Elle devorava quotidianamente a *Gazeta de Noticias*, á cata de algum artigo a favor do divorcio. Quando via o nome do Ouriço Caôlho, descobria-se e beijava-o com respeito.

—Grande cabeça ! Grande genio ! Dez como elle na *Cambra*, e o *Brazil* seria a *primeira nação do mundo*.

O padre via-se bambo com o casal.

Quando o marido sahia de lá, a mulher não tardava a entrar. Um dia o velho sacerdote contebeu um plano genial. Mandou chamar o sacristão e tiveram larga conferencia. Ao separarem-se, tinham os rostos em rísos.

—Segredo, meu amigo, muito segredo, que se

a coisa transpirar..... adeus, minhas encomendas.

—V. S. pôde estar socegado, senhor vigario, terei todo o cuidado com a lingua.

Não demorou muito que o casal explodisse, como uma bomba, na residencia parochial.

—Senhor vigario, não posso mais com este homem !!

—Padre, V. S. nos casou, agora nos descase, que senão ainda mato esta mulher um dia !

O homem de Deus ouviu-os paternalmente.

—Então, meus amigos, não ha mais geito ? Estão dispostos a todas as consequencias ?

—Sim ! responderam ambos ; antes a morte do que uma *vivencia* infernal como esta.

—Seja como querem, meus amigos ; vamos para a Igreja.

.....  
São cinco horas da tarde.

Na sacristia da velha matriz passa-se uma scena estranha, que provocaria risadas a quem a assistisse.

Os protogonistas, porém, mantêm-se num sério quasi lugubre.

Ajoelhados, ella no plano do Evangelho, elle do lado da Epistola, choram.

O sacerdote, de sobrepelez e estola, e na dextra o hyssope, que de vez em quando mergulha na caldeirinha d'agua benta apresentada pelo sacristão, bate na cabeça, ora do esposo, ora da cara metade.

O penitente, com os olhos injectados, põe as mãos, gritando :

—Ai, ai, senhor vigario, ai, ai, ai.....

O padre, severo e solemne, continúa :

—Miserere mei Deus.....

—Dominus vobiscum.

—Et cum spiritu tuo, responde o acolyto, como um écho.

O velho padre volta-se para a senhora e faz-lhe novo gallo com o terrivel hyssope.

A scena continúa interminavel.

Ao cabo de quinze minutos de verdadeiro supplicio, o homem arriscou-se timidamente :

—Mas, senhor vigario, quanto tempo durará esta penitencia ?

Elle muito sério :

—Ha quanto annos estão casados ?

—Ha 20 annos, senhor vigario.

A penitencia só durará vinte dias e durante o curto espaço de duas horas por dia.

A mulher olhou aterrada para o marido.

—Meu homem, murmurou ella contricta, é melhor irmos vivendo como Deus for servido do que aguentarmos essa penitencia tão comprida.

—Pensas bem, minha querida.

E approximaram-se amorosamente um do outro.

O vigario estava radiante. D'ahi em diante o lar conjugal tornou-se um paraíso, e quando elle falava em divorcio, ella levava as duas mãos á cabeça, como para se recordar das pancadas.

O homem calava-se logo.

—Se o tal Ouriço Caólho algum dia arranjar o *descasamento* sem agua benta, então sim, eu me separarei do senhor ; até esse dia bemdito, irei soffrendo suas *quizilias*.





## O DIA DE ANNOS



Leitora amavel, a senhora acredita na sinceridade dos cumprimentos e elogios ?

Não, com toda a certeza, pois não é ?

Eu tambem não acredito, minha gentil e elegante leitora, e quasi todos são de nossa opinião.

Quando encontro um freguez qualquer que me vem lançar uma baforada de incenso cá nas bochechas, com muitos rapa-pés e curvaturas rasgadas, digo cá com os meus botões pobrissimos :

—Eu bem sei o que tu queres, meu rapazóla, e, por de traz das bellas palavras, estou a adivinhar algum motivo de interesse.

O que é certo é que por mais que a gente não dê credito, gosta de receber o salamaleque; lá isso gosta.

E a minha leitora aprecia summamente quando qualquer tabaréo lhe dá um rasgado elogio. Não córe, formosa leitora, sei que V. Ex. tem esse fraco, que é a queda da humanidade em geral, e d'uma maneira toda intima, do sexo honrado por sua esbelta personalidade.

Para consolar a minha leitora, direi que o uso dos cumprimentos é tão antigo como o mundo, e seu inicio perde-se na noite caliginosa dos tempos.

.....  
Era em manhã suavissima e arrebatadora do dia primeiro de Janeiro.



O velho tio Lau, (como o chamavam em casa, pois pelo baptismo chamava-se Nicoláu,) o velho tio Lau, capitão reformado do exercito, nos felizes tempos de nosso santo Pedro II, fumava tranquillamente pelo seu soberbo cachimbo de espuma, tão comprido como o braço de seu heroico proprietario.

*Toc, toc, toc*, bateram discretamente na porta, distrahindo o tio Lau.

—Entre, bradou elle, tirando por um momento, o cachimbo da bocca.

Fez sua apparição um interessante e sympathido peralvilho de dez annos apenas, louro e de olhos azues, formoso como a esperanza.

Era sobrinho e afilhado do velho capitão. Orphão de pai e mãe, desde a mais verde infancia, Paulo fôra recolhido pelo tio Lau, que o adorava como a menina de seus olhos.

—A bençam, titio, diz o menino beijando a mão do capitão reformado.

—Deus te abençõe, meu *Thesouro*.

Era o appellido que Paulo tinha em casa.

Depois, olhando para todas as bandas, como se procurasse alguém :

—A *Dindinha* sahiu, titio ?

—Não, meu *Thesouro*, ella está lá para dentro, preparando a festinha de annos para nós.

Paulo sumiu-se pela cozinha.

A *Dindinha* abraçou largamente a criança.

Ella estava radiante. Eram as unicas horas de sua completa felicidade quando estava com o seu *Thesouro*.

Depois, assentando-se num tamborete, começaram a cochichar : estavam tramando uma conjuração.

Escutemos, leitora e senhora minha.

—Já sabes de cór o teu discursinho ?

—Já, *Dindinha*, está bem decoradinho.

—Não vai você se engasgar, e perder-se na hora.

—Qual, *Dindinha*, não ha o menor perigo ; seu mestre é quem fez o discurso, e eu já repeti todo *inteirinho* o meu cumprimento, na vista de seu mestre,

—Olha, *Thesouro*, meia hora antes do almoço, eu baterei tres pancadinhas com o pé, e tu irás mansamente á sala onde está teu tio. Lá, farás uma grande e rasgada cortezia e recitarás o teu discurso.

O discursinho, escripto pelo mestre-escola, estava guardado numa folha de “Diplomata” e enlaçado por um laço de fita côr de rosa.

Paulo, passeando pelos corredores, espiava para a sala, com os olhos cheios de pontos de interrogação.

D’ahi a pouco, elle ouviu bem claramente :

*Pac, pac, pac, pac.....* era o signal convencionado da Dindinha.

Paulo entrou pela sala, onde, lendo agora o *Jornal do Commercio*, o heroico veterano estava, longe de suppôr na conjuração.

A criança endireitou o pequeno busto, tossiu duas vezes, como já vira o mestre fazer em identicas circumstancias, e começou, com a voz um pouco *encarocçada*, pois era a vez primeira que jogava o verbô :

—Meu adorado e benemerito titio.

Raiou, já, diante do céu e da terra, a madrugada dum anno novo; neste dia feliz, meu reconhecimento e gratidão, fazem transbordar minha alma etc., etc.

E lá toi, por ali além, num roزاریo de grandes elogios ao velho:

O tio Lau, primeiramente ficou pallido pela commoção, pois não esperava tomar aquella pelas bitaculas, mas depois começou a morder os grisalhos bigodes, e murmurava :

—Hum !..... hum.....

E’ que, no discurso de Paulo, havia elogios e palavras bombasticas aos cachos, mas nem uma só vez os labios candidos do innocente haviam-se santificado, pronunciando este nome adoravel :

—*Deus*.

Paulo, ao terminar seu cumprimento, desatou a fita, desdobrando o papel “Diplomata”, e fazendo gravemente nova mesura, o entregou ao titio.

O velho o apertou, longa, longamente ao peito,

bem do lado do coração, e, depois de abraçá-lo bastante, disse, ainda o conservando enlaçado amorosamente:

--Paulo, meu querido filho, é Deus nosso pai e Senhor, quem dá saúde e vida aos velhos, sabedoria aos meninos, a todas as criaturas socego e prosperidade!

E o nome desse Senhor adorável não puzeste no teu discurso!

Outr'ora diziam: o homem põe e Deus dispõe; o proverbio permanece eternamente verdadeiro, apesar de quanto mestre-escola novo que apparece, querendo acabar com a idéia de Deus.

—Que desgraça, criança, que hoje tenham acabado com o ensino de catechismo nas escolas!!

Quando, num cumprimento de família, principalmente no dia de annos, não entra o nome de Deus, este cumprimento é besta como uma cabeça de jumento.

Paulo estava jururú e tristezinho, vendo que o mestre, com toda a sabedoria d'elle, não tinha agradado ao titio.

O tio Lau, para consolal-o, tirou do bolso uma nota de dous mil réis, dizendo:

—E' para comprares doce e balas de estalo.

Vai avizar a Dindinha para fazer o almoço mais cedo, pois sendo hoje dia de annos, todos nós iremos á missa das dez horas. Lá, tu pedirás a Nosso Senhor por tua Dindinha e pelo velho-tio Lau, que te ama muito, meu *Thesouro*.

Paulo estava commovido, vendo os olhos do reformado nadarem em lagrimas, e, tres horas após, na matriz, com as mãosinhas postas, elle orava pelo titio e pela Dindinha, com immenso fervor. Feliz do *Thesouro*, que tinha um tio christão verdadeiro.





## A confissão



O Timotheo, sobresaltado, levantou meio corpo e prestou attento ouvido.

Na porta da rua tornaram a bater com força.

Elle levantou-se rapido, accendeu um côto de velâ, passou a mão na garrucha, que nunca o abandonava de noite, e caminhou cautelosamente para a porta.

—Quem é ?

—É' de páz, irmão.

—Mas quem é, pelo amor de Deus !

—Um empregado do Zéca Melancia, que vem buscar o senhor vigario para dar os ultimos sacramentos a uma creatura.

—Trouxe cavallo ?

—Não, senhor.

—Pois pôde voltar, que fóra de horas, e com um frio desse, *seu* vigario não ha de sahir a pé pelas ruas.

—Ora, seja tudo por amor de Deus, respondeu o outro da banda de fóra, onde irei achar agora um cavallo a estas horas ?

—Não sei, lá se avenha; e quem me dirá que Vmcc. não está nos armando alguma cilada ?

Nós estamos prevenidos: commigo aqui em casa ha mais cinco homens, não temo malfeitos.

—Meu senhor, eu estou sósinho; juro pelo nome de Deus que vim buscar o senhor vigario para uma confissão; e sou catholico e amigo dos padres.

—Tenho dito, concluiu Timotheo ; sem cavallo o padre não sae ; boa noite. E o cozinheiro do padre recolheu-se.

O pobre sacerdote tinha-se levantado tambem, desperto pelas pancadas na porta e embrulhando-se num grande chale-manta, entreabriu uma janella. A' luz do grande lampião que ficava na esquina, não longe da residencia parochial, elle percebeu o mensageiro que realmente estava sósi-nho.

Fechou a janella e voltou-se :

—Abre a porta, Timotheo.

—Mas, senhor vigario, se for algum gatuno ? já está esquecido do que aconteceu com o padre Ludovico ?

—Homem de pouca fé, abre a porta.

Timotheo armou os dous canos da garrucha e executou a ordem do patrão.

Um homem, magro, alto, physionomia attra-hente, entrou, saudando :

—Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo.

—Para sempre seja louvado, bom homem ; então onde é a confissão ?

—E' na casa dos Melancias, meu senhor vigario.

—E' longe daqui lá ?

—Não, senhor vigario, gastaremos trinta minutos, no maximo.

—O doente está muito mal ?

—E' uma mulher, meu senhor, está acabadinha, coitada !

—Ella pediu confissão ?

—Não, senhor vigario, foi um irmão della que chegou do interior, que a exige.

—Porém, ella é religiosa ?

—Muito ; nunca perdia uma missa de domingo.

O padre preparou-se ligeiro.

—Timotheo, traze a sobrepeliz e a estola rôxa, enquanto eu preparo os santos oleos.

—Olha, não te esqueças tambem do vidrinho de agua benta e de uma vela.

O camarada precipitou-se a executar as or-



dens e, dahi a poucos minutos, o vigario e o desconhecido partiam, ainda ouvindo as lamurias do Timotheo :

—Coitado do senhor vigario! triste cousa a gente ser padre: com um frio deste e noite tão escura, andar pelas ruas perigosas duma cidade como esta!

Valha-nos Deus!

.....  
—Cuidado, senhor vigario, bradava o guia, olhe que ahi ha um buraco.

—Mas o que faz essa camara municipal, aqui em Uberaba?

—Ora, meu senhor, cada buraco que a camara entópe custa os olhos da cara da gente, e logo surgem tres e quatro buracos novos para dar de comer a quem tem fome, que são os afilhadinhos da mesma camara e os amigos do peito.

O padre não deixou de achar certa graça nas considerações do guia.

Afinal, depois de muito andarem, chegaram á frente da casa.

—V. Rvma. ha de ter paciencia de subir varias escadas, pois o quartinho da pobresinha é no ultimo andar.

O padre preparou-se para a penosa ascensão naquella Biffel. Era um grande sobrado.

No ultimo andar, num quartinho do fundo, avistou duas grandes velas accesas, e mulheres que cantavam ajoelhadas.

Ao entrar o sacerdote, todas se levantaram, gritando em côro:

—Louvado seja Christo!

—Para sempre. Como vai a mulher?

—Está só esperando os sacramentos da Igreja, senhor vigario, assim que amanhecer o dia vamos enterral-a; faltava só V. Revma.

—Enterral-a?! perguntou o padre admirado, então ella já morreu?

—Sim, senhor vigario, falleceu ao meio dia.

—A's onze e quarenta, emendou a voz rachada duma gorda matrona, que concertava a mortalha



—Mas então, perguntou o padre, não podendo se conter, para que mandaram me chamar?

—Para dar os ultimos sacramentos á pobre filha de Deus, senhor padre-mestre.

—Os senhores estão malucos ?? pois onde viram dar-se sacramentos a um defunto?

—Eu bem tinha falado, *seu* João, disse uma mulata, que estava no quarto.

—Eu tambem avisei á *sá* Chica, mas ella de teimosa, foi dar essa pernada a *seu* reverendo.

—Seja tudo pelo amor de Deus, suspirou o padre.

Andar-se meia legua, com um tempo desse, alta noite e sem precisão nenhuma; valha-me Nossa Senhora! E sahiu pedindo ao guia que o acompanhasse até sua residencia, de novo.

—Mas, senhor reverendo, observou um dos presentes, ao menos reze alguma cousa para a fallecida, afim de V. S. não perder de todo a caminhada.

O padre, porém, fazendo uma venia, com olhares serenos, disse:

—Com Deus passem a noite, senhores.

No caminho, dirigindo-se ao guia:

—Estou sempre prompto e com muito gosto, a qualquer hora do dia ou da noite, a socorrer meus freguezes, mas que loucura é esta de chamar o padre depois da morte dos parentes?

—E' porque, senhor reverendo, o nosso povo ainda está atrazado; eu bem que avisei a elles.





## O capitão Faisca



Imaginem que Sinhá queria obrigar o capitão Faisca a não comer carne nas sextas-feiras da quaresma !!

Elle, o capitão Faisca, não comer carne ? !

As mulheres, porém, nada acham impossivel, especialmente a sua, a Sinhá, uma creatura interessante, magra, pallida, baixa, quasi sempre calada e, conforme dizia o capitão, fanatizada pelos padres.

Na primeira sexta-feira da quaresma ella preparou uma garoupa á maneira italiana; o capitão achára o prato tão delicioso que até se esqueceu que era sexta-feira.

Na sexta-feira seguinte, dous surubís, preparados à *la maître d'Hôtel*, como dizem os francezes.

O capitão comeu calado e preparou-se para a outra semana. Quinta-feira da semana seguinte a bomba rebentou.

—Então, minha senhora, que negocio é esse? Eu vi a senhora, ainda agora, encommendar á cozinheira que comprasse um peixe para amanhã; a senhora, por quem me toma? perguntou elle com uma cara de desmamar criança.

Sinhá olhava o marido com um ar ingenuo e candido, como se não o comprehendesse.

—O que! querido, não alcanço o que queres dizer!

—Oh! as mulheres! as mulheres! cantarolou Faisca com o rosto sombrio, são serpentes que mordem a gente, fingindo agradar; cabecinhas, nas quaes fervem mil combinações para fanatisarem os maridos; quando vêm a occasião perdida calam-se e choram, para verem os esposos arrependidos e promptos a lhes obedecer em tudo. Porém, quanto a mim, minha senhora, está enganada; eu me chamo capitão Faisca e sou *Rosa Cruz* lá na loja da maçonaria. Sim, minha senhora, abra bem seus ouvidos e saiba que eu não comerei mais peixe e que... que...

—Ah! exclamou ella com voz humilde, é por causa do peixe que...

—Não mintas! disse elle; tu sabias bem.

—Como podia eu saber?

—Jesuita! exclamou elle, pondo-se vermelho.

—Basta, senhor, não se zangue; nunca mais servirei peixe ao senhor.

—Nunca mais, não digo, pois aprecio o peixe, mas em outros dias da semana; nas sextas-feiras gosto mais de carne.

—Pois bem, disse ella, só lhe servirei de carne nas sextas-feiras; se até aqui tenho feito o contrario, é porque, como sabe, costumamos variar uma vez na semana, como o senhor mesmo tem exigido, e se ha de variar, porque não o fazer na sexta-feira, que é um dia guardado por todas as familias christãs?

—Era ahi que eu queria te ver, minha sonsinha; como a Igreja manda os catholicos se absterem de carne nesses dias, tu querias que o capitão Faisca, cavalheiro da *Rosa Cruz* da loja maçonica, parecesse obedecer á Igreja? Nunca! nunca! nunca! bradou elle, batendo com o pé no soalho e se excitando.

—Bem, já lhe fallei que não comerá senão carne, e não precisamos brigar por causa disso.

Faisca era um gastronomo de força.

Era o primeiro garfo da freguezia. O Garcia, o hespanhol da esquina, que comia como tres homens, um dia apostára com elle, a vêr quem comia mais, e, após o combate gastronomico, dizia ja-

mais ter visto uma creatura humana comer tanto.

D'uma assentada devorava uma leitôa, dous patos e meia dúzia de perdizes, afóra os accessorios : legumes, etc.

E o vinho ! era o primeiro da terra ; o vinho verde legitimo ao almoço e o Bordéos ao jantar.

Tambem parecia um pipote pela grossura e um tomate maduro, pela vermelhidão. Com que ar de desprezo elle conversava, em particular, quando tratavam da igreja catholica.

—A tua religião, dizia elle á mulher, é verdadeiramente atrasada ! obrigar um cidadão a jejuar e a se abster de carne em certos dias marcados, em pleno seculo XIX, no seculo das luzes e da civilização, do progresso e da luz electrica, da dynamite e de tantas descobertas, que só falta, hoje, intimar ao velho Pedro que nos abra de par em par as portas do céu ! !

A Sinhá, coitadinha ! ouvia tudo calada !

—Minha pobre filha, dizia elle compassivo, vendo a humildade da esposa ; a religião te mata. Olha-me bem : vê como eu sou forte e sadio que, comparando mal, tenho o ar de um touro.

É tu ? magra, franzina, pallida ! Eu não poderia passar sem me nutrir bastante, e... ainda mais, não pense que é por ser maçom que te digo isso, mas só o ver que tu passas sem carne nas sextas-feiras me prostra, me incommoda e me tira o gosto da vida.

Em todo o caso eu sei que é malhar em ferro frio, porque os padres já te fanatisaram a cabeça.

Todos os fins de semana, era essa lenga-lenga. A pobresinha ouvia tudo com uma paciencia infinita. Obedecia em tudo ao marido, calava-se quando o via zangado e continuava a cumprir, sósinha, seus deveres de christã obediente a Deus.

Um dia que Faisca, com voz meiga e carinhosa convidára a esposa a assistir a uma sessão na sua loja, em que iam ser recebidas como postulantes duas crianças, ella lhe dissera :

—Querido, perdôa-me, mas como não me dás o gosto de ir á Igreja, tambem não posso ir á tua loja.

Depois de grande discussão, o capitão viu que a esposa era firme e que daquelle matto não sa-hia coelho, como diz o nosso povo do sertão.

Uma tarde o capitão Faisca sentira-se mal. Chamára o medico e este receitou uma poção. O incommodo, porém, não cedeu e Faisca tornára-se intratavel, nervoso, e, o que era peor e insupportavel para elle, começou a perder o appetite.

O nosso homem andava macambuzio; não era mais o mesmo alegre e passeiador de outros tempos.

A Sinhá, á força de muito carinho e cuidado com elle, ainda o conservava um tanto calmo.

Uma sexta-feira o capitão pediu á esposa que, para a gradal-o, comesse carne ao menos por aquella vez.

—Perdôa-me, querido, não o farei; pois graças a Deus, nunca fiz isso.

Faisca tirou um saboroso pedaço de lombo e, amorosamente, pondo-o no prato da esposa:

—Olha, minha filha, é só para agradar ao teu maridinho: é por esta vez e depois podes seguir o regimen que quizeres; pois bem sabes que respeito as tuas creuças; sempre tens sido para mim uma esposa modelo.

—Não, meu senhor, jamais o farei, exclamou ella submissa, porém resoluta.

Faisca estava verde. Como! sua esposa ousava faltar-lhe á obediencia! Aquella noite elle não poudo dormir.

—Tu me matas! Esta doença me levará á sepultura e tudo devido á tua teimosia e ao teu fanatismo.

Elle passou toda a noite a gemer. Suores frios e um tremor nervoso agitavam-lhe todo o corpo.

Pela manhãzinha, a esposa que passara igualmente em claro, mandou chamar o dr. Bernardino, que era o melhor medico da cidade. Meia hora após, a campainha agita-se na porta e Sinhá corre a receber o medico. Ella estava um tanto ou quanto agitada.

—Doutor! salve meu marido!

—Acalme-se minha senhora, conheço o capitão;



isso não será mais que uma indisposição, disse o medico, tentando consolal-a.

Faisca, com a cama em desordem, olhos esbugalhados, com um medo *onça*, esqueceu-se de que era *Rosa Cruz* e estendeu as duas mãos, dizendo ao Esculapio, com voz chorosa :

—Ah! meu caro doutor, supponho que desta vez estou perdido.

—Que é isto, capitão? Um homem como o senhor, com terrores infantis?

O doutor senta-se num tamborete, toma o relógio numa mão e com a outra o pulso do doente.

—O senhor dorme bem?

—Ha já cinco dias que quasi não durmo, e os poucos momentos de somno que desfructo, são acompanhados de sonhos ridiculos e, ás vezes, medonhos, verdadeiros pesadellos. Hontem, por exemplo, eu me despertei duas vezes gritando; julgava ter sobre meu estomago uma barra de ferro de muitas centenas de kilos, me afogando. Estava alagado em suores frios e sentia ainda um abafamento no peito.

—E a digestão?

—Pessima, doutor, pessima, gemeu com lagrimas nos olhos; é o que mais sinto.

—Não tem tomado algum remedio que excite a disposição?

—Meu caro doutor, o que tenho tomado é agua de Selters, em abundancia: não sei como não morri afogado de tanta agua que tenho bebido, Selters e Vichy.

—Deixe-me ver a lingua.

Faisca escancarou a bocca e poz para fóra um palmo de lingua que mettia medo. Era uma lingua rôxa e toda picada no meio, como se fóra alinhavada.

—Oh!...não pode deixar de exclamar o doutor.

—O que é, doutor; o que é?

—Nada, meu caro, mas é preciso o senhor não facilitar e entrar no uso dum regimen um pouco severo e tomar medicamentos com urgencia.

Faisca quasi nem podia respirar. A Sinhá,



de pé, a um lado do quarto, contemplava tristemente aquella scena, olhando ora para um, ora para outro.

O Esculapio levantou-se e, pedindo o necessario para escrever, fez uma longa receita e em baixo da mesma, acrescentou : "proibição completa de qualquer especie de carne, igualmente de vinho, de pimenta, de café, de cigarros, de qualquer bebida alcoolica, proibição absoluta..."

O capitão Faisca, que se havia levantado devagarinho e que tinha lido tudo, por cima do hombro do medico, desatou num pranto de choro.

—O que é isso, capitão, o que é isso ? inquiriu o medico admiradissimo.

—Ai ! meu amigo ! Ai de mim ! E' melhor o senhor me matar de uma vez. Eu não posso lhe obedecer em tanta cousa, meu amigo, tenha pena de seu doente...

—Como quizer, capitão, o senhor não tem mais que continuar a encharcar o estomago com carne; dentro de tres mezes o amigo morrerá de fome.

—De fome ?...

—Como tenho a honra de lhe dizer—de fome ! !

.....

Dous dias após, Faisca, já um pouco melhor, insistiu para ir á rua.

Foi consultar mais dous medicos de sua amizade.

Não podia crêr na possibilidade de passar sem carne, ao menos nas sextas-feiras, como um bom cavalheiro *Rosa Cruz*.

A' tardinha, quando entrou em casa, vinha com a cara encorujada, como essas aves noctivagas, que piam lugubrememente alta noite, esparramando o medo no meio das multidões.

Sinhá, que já o esperava, foi ajudal-o a se desembaraçar do sobretudo.

—Ah ! minha pobre filha, suspirou elle, estou frito !... Ainda desta vez me venceu a tua Igreja.

—Venceu ?...

—Sim ! Vou viver de ovos e legumes toda minha vida ! ! Quaresma, o anno inteiro... hein ? Agora é

que tu irás estar a teu belprazer, e jamais brigaremos por causa de carne ás sextas-feiras.

A Sinhá sentiu uma alegria immensa invadir-lhe todo o ser e sorriu zombeteiramente, como principalmente as mulheres sabem sorrir, mescla de pouco caso e ironia suprema.





## ANNIVERSARIO DE LENA



Magdalena é o idolo da casa ; é a feliz herdeira do capitão Theobaldo Pinto, o heróe da guerra do Paraguay, como elle modestamente dizia a meio mundo.

Magdalena era um genio irrequieto e travesso como dez.—Essa menina parece que tem azougue no corpo, dizia d. Thomazia, a velha avó, quando Lena, como a chamavam em casa, fazia alguma travessura.

O capitão ria-se como possesso quando ella fazia algumas das suas.

—Olha, meu genro, dizia-lhe d. Thomazia, é preciso começares a educar tua filha, tu não a castigas, tu fazes todas suas vontades, e a excitas em suas insolencias ; essa menina ainda te dará desgostos.

—Ora, ora, a senhora anda só augurando mal, minha sogra, respondia o capitão, com o rosto severo ; deixe-me governar Lena como eu quizer. A senhora ficaria satisfeita que eu a fizesse estudar doutrina, assistir missa aos domingos, etc.

—É então ? que mal ha nisso, pois as moças todas não fazem assim ? perguntou a velha admirada ; tua mulher e eu não fazemos o mesmo ?

—Sabe de uma cousa, minha sogra ? Lena irá estudar na casa da norte-americana, que, felizmente veio para a villa, e nada de igrejas e de ouvir

sermões, que isso é para a gentinhã tola! E elle levantou-se zangado e com as mãos nos bolsos, começou a passeiar, agitado, pela sala, fumando nervosamente em seu cachimbo branco, presente do ministro protestante Broyle.

A velha estava furiosa, e, pallida de odio, retirou-se para seu quarto.

No dia seguinte abraçou a filha, que despediu-se da velha a chorar e foi para casa do Maneco, o seu filho mais moço, que morava no retiro dos Lyrios.

O capitão Theobaldo viu-a sahir e exultou satisfeito, porque a mulher, a pobre Carolina, fazia-lhe todas as vontades e elle poria a filha onde quizesse.

Lena foi para a escola da americana, a mulher de cabello de fogo e olhos de gato, como diziam os meninos da villa.

Diziam as más linguas que ella, á noite, virava lobis-homem e a deshoras andava como phantasma pelas ruas escuras e desertas do Engenho Novo.

Por isso, a rapaziada não andava mais pela villa, á noite.

As velhas contavam baixinho, umas ás outras, essas coisas e mais... certas de arrepiar os cabellos.

—Cruzes! t'arrenego! diziam umas ás outras:

—Olha, tia Joanna, commentava a tia Antonia, ella nunca foi á Igreja e diz que a matriz é a casa do tinhoso, onde o povo adora idolos e catitas de barro.

—Cruzes! t'arrenego! murmurava a devota persignando-se.

O capitão, porém, era espirito forte e zombava desses mexericos e enredos. E, por isso, elle poz sua filha na escola da norte-americana.

.....

Estamos na sala de jantar, tres annos após.

Lena era formosa e elegante, e fazia a satisfação dos velhos. Tinha dez annos completos e era a festa de seu anniversario natalicio: que iam celebrar, quando ella voltasse da escola.

—Então, senhora, que presente daremos á Lena hoje? pergunta o capitão, depois do almoço.

—E' preciso dar-lhe um bello presente, mas vejamos: tu terás melhor ideia que eu; o que daremos?

—Ora, se Lena fosse homem....

—Que tolice, Theobaldo, que extravagancia a tua...

—Para dar uma boneca?!.....

—Uma boneca? a uma moça de dez annos?

—Um vestido de seda ou um córtê de fazenda de luxo?

—Qual vestido, isso ella tem em abundancia, graças a Deus; é bom para os pobretões, murmurou a mulher, dando um muchôcho de enfado e olhando o capitão de soslaio.

—Então compraremos um cavallinho branco e marcheiro, e vem mesmo a proposito a ideia, porque o Barros, o vendedor de animaes, tem um muito bonito.

—Ora, marido, você sempre a cuidar que Lena é homem; para que lhe serviria um cavallo, pois uma menina de dez annos andando a cavallo e servindo de espectaculo para o publico?!

—Ah! achei, achei, exclamou elle triumphante e batendo na testa: compraremos uma linda machina de costura, das ultimas chegadas dos Estados Unidos, que hontem eu vi numa casa, na rua Floriano Peixoto.

A senhora sorriu prasenteira e houve por bem concordar, afinal, com a ideia do marido.

Quando, á tardinha, Lena appareceu em casa, foi recebida com abraços e gritos festivos dos pais.

Ellela, porém, vinha grave e sisuda, já querendo imitar sua mestrá, a americana, que nunca mós-trava os dentes a ninguem.

—Então, Lena, estás contente, minha filha? hoje é o dia de teus annos e espero que nos darás o gosto de tocar alguma cousa ao piano!

—Ora, papai, estou um tanto cansada, acho melhor ficar isso para amanhã.

O velho sentiu um aperto no coração ; a mãe estava comendo brazas.

—Minha filha, pois hoje, dia de teus annos, não te mostras alegre ?

—Que massada, mamãe, pois hei de estar rindo atôa, como tola ? a mestra diz que a gente deve ser séria e grave e pensar na vida, disse ella com ar affectado.

A senhora mordeu os labios e chamou a attenção da menina para a linda machina de costura que o pai comprára para obsequial-a naquella dia.

Quando mostrou o precioso mimo, disse :

—Olha, filha, custou muito caro e poucas moças possuirão uma igual.

Magdalena encolheu os hombros e respondeu :

—Eu não nasci para costurar, mamãe, como qualquer mulherzinha ; entendi que vosmecês pensavam em me dar um presente melhor, e perdõem-me, não esperava receber hoje uma *machina*.

—Então, o que esperavas, Lena ? interrogou o capitão, não podendo mais se conter.

—Meu Deus, o que pôde desejar uma moça, papai ?

—Então, respondas tu, o que pôde desejar uma moça ?

Lena abaixou os olhos, e um ligeiro rubor coloriu suas faces.

A mãe nem respirava.

—A mestra diz, respondeu ella solemnemente, que uma menina, desde pequena, deve tratar de escolher seu marido e eu esperava que vosmecês me obsequiassem já com o *meu futuro*.

Os dous velhos estavam com as boccas abertas e lagrimas de dor corriam de seus olhos.

.....  
A educação sem Deus produz fructos inesperados e tira todo o encanto da infancia.

Povo, povo catholico mineiro, não confieis a educação de vossos filhinhos a inglezes e norteamericanos, que, no geral, são protestantes. Procurai a nossos patricios, os brasileiros; graças a Deus temos bons mestres e mestras. A raça ger-



manica e angla é fria e sceptica e nós, latinos, somos ardentes e amorosos, e só a religião catholica, a religião do nosso povo, fará a felicidade da Patria.





## Verdadeiro Ladrão



Thiago era um rico proprietario da chacara do Bom Retiro, duma cidade do centro.

O povo todo tinha receio de fazer negocio com elle.

Thiago, como homem da moda, era livre pensador.

Elle tinha, porém, d'um modo particular um odio medonho, feroz, implacavel contra a religião catholica e contra os padres.

Quando de longè avistava um sacerdote ficava pallido, vermelho, amarello, enfim, tomava todas as fórmãs de um verdadeiro camaleão.

Gostava muito da leitura. Sua bibliotheca continha tudo o que a infamia tem forjado de mais cynico e blasphemo, que possa ideiar a imaginação do impio.

Todos os romances de Zola, as obras de Comte, os livrecos impudicos, etc., tinham o logar de honra em seu gabinete.

Quando lhe fallavam num bom livro, ou n'algun excellente periodico, elle respondia, fulo de raiva:

— Isso é uma estupidez, uma porqueira, basta ser catholico.

Porém o fraco de Thiago era o proselytismo.

Todas as quintas e domingos, elle reunia os vizinhos todos, os criados, os meninos, etc., e

depois de obter uma grande roda, graças a bebidas que distribuía de proposito para poder doutrinal-os, começava sua cantilena.

—Meus amigos, querem gosar da vida ? Fugam dos padres ; deixem-se de Igrejas, que aquillo é uma tolice.

Elle dizia que a existencia de Deus era um mytho ; Christo, uma imaginação apenas ; o Evangelho, um conto de fadas.

—Meus queridos, não creiam em nada ; trabalhemos para gosar o mais possível e deixemo-nos de religião, que é uma patacoada.

E quando elle despedia o povo, todos sahiam cabisbaixos e tristonhos ; todos retiravam-se macambuzios e sem graça.

A fé é a maior consolação e alegria do pobre e como pôde-se ouvir negar uma a uma as verdades mais serias da religião sem perder-se a alegria?

Catechizando assim o seu povo de tempos em tempos, Thiago exultava e dizia :

—Dentro em breve nossa gente será feliz e estaremos livres desta praga de padres.

Mas, consoante o dictado do nosso povo, quem planta ventos, o que pôde colher senão tempestades ?

Entre os muitos camaradas e aggregados de Thiago, distinguia-se o portuguez Gregorio, que sempre havia sido religioso, probo e honesto.

Com as lições, porém, do mestre, Gregorio pouco a pouco largou-se da religião e tornou-se um verdadeiro peralta.

Um dia, Thiago, já pela madrugada, é despertado pelo latir dos cães e pelos gritos : Péga ! Péga !

Levantou-se espantado e ainda em habitos menores, e viu Gregorio preso por duas praças de policia e rodeado de muita camaradagem.

—Que foi isso, senhores ? perguntou.

—Este homem, respondeu um policia, estava forçando uma porta do quarto particular onde V. S. guarda suas canastras, e achamos já em poder delle estas notas.

E os guardas entregaram ao chacareiro varias notas de cem e de cincoenta mii réis.

—Miseravel gatuno ! disse Thiago, mostrando-lhe os punhos fechados. Bemdita policia, prendendo o canalha que está deshonrando a nossa povoação !

À essas palavras o ladrão levanta repentinamente a cabeça que estava inclinada humildemente.

—Senhor ! disse elle revirando o chapéo á republicana ; não compete a V. vir aqui pregar moral, não o sabe ?

—Eu tenho o direito de te condemnar, canalha ! e hei de te perseguir atrozmente para servir de exemplo aos demais.

—E eu, retorquiu o ladrão, cruzando os braços, eu lhe fecharei a bocca. Senhores da policia ! olhem bem para esse chacareiro e saibam que deviam prender a elle e não a mim ; eis o homem causador da minha desgraça.

—Canalha ! berrou Thiago, com os dentes cerrados pelo odio.

—Canalha vá elle ! disse o ladrão.

—Cala-te, miseravel, infame ! Não me precipites, que te mato ! bradou Thiago, caminhando para o preso e arrancando um revolver da cinta.

—Não me calarei ! Póde me arrebentar a cabeça, senhor ; mas eu era um homem de bem emquanto seguia minha religião e acreditava na vida futura. Eu me tinha resignado á sorte de pobre operario, na qual havia nascido e vivia contente, comendo o pão com o suor do meu rosto.

Por minha desgraça, ha cinco mezes, vim para sua casa e a fé que tinha foi se evaporando. Aqui, o senhor, e na casa de seu filho João, elle, sustentavam as mesmas opiniões. O senhor dizia sempre que tudo o que os padres pregam é mentira e que elles são idiotas e hypocritas, que existem só para enganar o pobre povo.

O senhor dizia que se por acaso houvesse um Deus, que era um Deus de bondade e que não condemnava a ninguem ; que devemos gozar o mais

possível neste mundo e não imaginarmos em nada para depois da morte.

—E o que tem isso com o teu roubo, cachorro ?

O rosto do gatuno tornou-se pallido como um cadaver.

—Que tem isso com o roubo ? E é o senhor, um homem que se diz educado, que pergunta a um bruto como eu ?

Senhor ! se não há outra vida, se não ha um juiz lá em cima e se esse juiz, caso exista, é apenas bondade e caricias para todos, se nós só somos materia e tudo acaba-se com o homem, porque os ricos hão de passar bem e eu comer feijão duro, sem sal, e o torresmo queimado, uma ou outra vez na semana ?

O senhor que é rico e passa bem, não precisa de furtar ; mas eu que passo vida de cachorro e não posso beber minha pinga senão um dia ou outro, o que devo fazer senão furtar ?

Quero descanso, comer bem, beber melhor, rir e divertir-me bastante. Assim como o senhor deseja a boa vida, eu tambem a quero, visto que não devo pagar na outra vida.

A voz do pobre e infeliz artista tinha inflexões lugubres que enchiam de terror o chacareiro.

Que podia elle responder ?

Plantou ventos e o que colhia ?

Agora, perguntamos aos nossos leitores : quem era o verdadeiro culpado ?

Quem furtou algumas notas do rico mestre ou quem roubou a fé, a religião e a felicidade do pobre artista ?





## Jesus na Cruz



Mestre Antonio, o ferreiro da villa, está furioso.

Já ha dez dias que os padres missionarios pregam, e principalmente durante os sermões, na tenda de mestre Antonio o martello não cessava de se fazer ouvir.

Era um barulho infernal. Quando a multidão sahia do templo, cessava a luta do trabalho ; o mestre vinha caçoar com os visinhos, dizendo :

—Eu, por mim, não me confesso, não sou bobo para ir me ajoelhar aos pés de um homem como eu e contar peccados.

Quasi todo o povo se tinha confessado ; mestre Antonio, porém, estava inflexivel.

A missão ia terminar ; no dia seguinte os missionarios seguiam para outra freguezia.

Um dos padrés missionarios tinha um pobre crucifixo de metal, lembrança de sua mãe. Um dos braços do Christo desprega-se da cruz e o nosso missionario teve a idéa, não havendo ourives na villa, de procurar mestre Antonio.

—Senhor, diz elle entrando na tenda, me disseram que V. é um habil official. Podia me fazer a caridade de concertar esta imagem que eu muito estimo, visto ser uma lembrança de familia ?

—Sim, reverendo, posso concertar o crucifixo.

O padre diz-lhe adeus e parte, deixando a imagem.





Sacratissimo Coração de Jesus  
TENDE MISERICORDIA DE NÓS



Esse dia, á tarde, durante o sermão, o povo notou que o martello do mestre estava no descanso. Um grande silencio na officina !

No dia seguinte, ás 4 horas da madrugada, o mestre enfiou-se pelo meio do povo e foi ouvir o sermão. A's cinco horas, o padre, após a pratica, veio tomar os paramentos para dizer missa.

—Meu padre, diz-lhe o mestre, eis aqui sua imagem.

O missionario recebe a imagem e a acha perfeita.

—Quanto lhe devo, perguntou elle ?

—Nada, meu padre, só lhe peço duas palavras em particular.

O sacerdote entra com elle para um compartimento fechado na sacristia.

—Meu padre, disse elle, cahindo de joelhos, quero me confessar.

O padre estava estupefacto, pois tinha ouvido fallar nas disposições do mestre.

—Com mil prazeres, meu irmão, disse elle abraçando-o, mas quem lhe inspirou esse santo desejo ?

—Ah ! meu padre ! quando eu tomei essa imagem nas mãos comecei a tremer. Parecia-me ouvir uma voz me dizer : "Meu filho, entra em ti ; soffri muito por tua alma !" Ha quarenta annos, meu padre, que não choro, desde a noite fatal em que perdi minha companheira ; hontem, porém, chorei e derramei muitas lagrimas aos pés de meu Salvador. Eu tenho muito crime, muita miseria, mas visto que o Bom Jesus morreu por mim, elle me perdoará.

O missionario tinha os olhos raios de lagrimas.

Elle apertou o mestre de encontro ao peito e ouviu-lhe a confissão. Era o filho prodigo que vinha tomar parte no banquete divino. Quando foi dizer a missa o povo notou que elle tinha o rosto radiante e o ferreiro se sentia leve como uma penna.

Estava tão contente que chorava de alegria.

D'ahi em diante, mestre Antonio tornou-se o melhor homem da villa, e os meninos, quando faziam travessura em casa, iam se apadrinhar com

elle, porque sabiam que uma palavra do ferreiro desarmava a ira dos pais.

Porém, se é certo que a piedade de Deus se volta para todo aquelle que saúda ou contempla com respeito a santa cruz, tambem é certo que, ás vezes, a justiça do céo fere, mesmo neste mundo, o insensato que a ridicularisa.

Em 1894, em certa cidade do Norte, um individuo, no sabbado de Alleluia, de madrugada, quebrou os pés do cruceiro e um dos braços do mesmo. Um mez após, num sabbado, acharam o infeliz morto, no mesmo logar onde a cruz quebrada achava-se ainda.

Elle tinha as duas pernas cortadas e um braço partido. Todo o povo viu nisso um evidente castigo do céo, pois todos sabiam que era exactamente elle o autor do sacrilegio.

Eu me lembro ainda de uma das mais negras paginas da historia dos protestantes na pobre Inglaterra.

Isabel, a mãe dos protestantes, a sanguinaria e hypocrita mulher, que tanto mal fez aos catholicos, mandou cortar a cabeça de Maria Stuart, a nobree piedosa rainha, a mais formosa do seu seculo. Caminhando para o cadafalso a bella Maria, tinha nas mãos uma imagem do Senhor Crucificado e a beijava de tempos a tempos, regando-a com suas lagrimas.

—Senhora ! disse-lhe enfurecido um protestante que ia assistir a seu supplicio, não é nas mãos, porém sim na alma que devemos ter a imagem de Christo.

—Deixa-me ! respondeu a grande e formosa princeza ; é bom ter a imagem diante dos olhos para que eu possa conserval-a melhor em meu coração.

Palavras verdadeiramente sublimes !

Sim ! Tenhamos o crucifixo deante de nossas vistas afim de que o tenhamos em nossos corações. Como poderá o crenté fazer uma idéa do Senhor Jesus, se elle jámais viu sua imagem ?

Não ha ornato mais nobre n'uma casa que a imagem do Senhor crucificado, e para a mulher christã o crucifixo deveria ser a joia mais preciosa.



## Historia do tio João



—Eu vos digo que hoje em dia ha cães que valem mais que muita gente.

A essas palavras graves, cahidas da bocca do tio João, a avósinha soffreu um violento abalo e os oculos lhe cahiram dos narizes.

Joanninha, que estava concluindo a historia de Pedro, o pequeno martyr, parou de repente, olhando fixamente o tio e perguntando a si mesma se havia bem comprehendido. Os meninos, que estavam a brincar na cozinha, pararam com o divertimento e foram para a sala, e o tio João, com voz clara e lenta, continuou :

—Sim ! ha cães que valem mais que muita gente e merecem melhor uma condecoração que muitos bipedes de nossa raça, que só as ganham por motivos, ás vezes, frivolos.

—Vale a pena que tu te expliques, João, disse a avó, porque achô tuas palavras e idéas tão exquisitas hoje !

—Pois não, avósinha, e estou certo que a senhora não me reprovará ao ouvir a veridica historia que vou narrar.

A avósinha lembra-se do pobre animal que co-nhecemos outr'ora na aldeia e que acudia ao nome de "Fisga", o possante cão branco da Melodia?

A este nome a avó sorriu-se, Joanninha largou o jornal, e as crianças deixaram o brinquedo



guntou Melodia, tomada de terror e procurando dar firmeza á interrogação.

A voz retorquiu docemente :

—Uma criança perdida que tem fome e frio...

—Oh canalhinha ! urrou a terrível megéra ; a uma hora destas não se corre pelas ruas ; vae-te embora ou eu faço meu cão te comer, malandro !

A voz, mais queixosa e fraca, repetiu quasi como um sopro :

—Pelo amor de Deus ! eu morro de fome !...

"Fisga" não latia mais.

Elle escutava tristemente ; parecia estar comprehendendo que na rua, não longe d'alli, estava uma criancinha abandonada, que o chamava lá fóra, sob um céu escuro e no meio da geada que cahia.

Em pé, collocado na porta da rua, elle rapava furiosamente, com as patas dianteiras, o chão duro, e achando resistencia na passagem poz-se a uivar lugubre e dolorosamente, entristecendo mais a solidão e o silencio de tal noite.

Horrorisada, tremendo de medo e cheia de raiva, Melodia agarrou um pão e, levantando-o, ameaçou "Fisga" com o gesto e com um olhar furioso. Desta vez o cão fez frente ; terrível, furioso, soberbo de colera e rosando, mostrou suas duas fileiras de dentes brancos ; depois recuou como querendo pular e morder a dona.

Melodia estava livida e principiou a recuar para a porta.

—Sahe d'aqui, cão maldicto ! Eu não gosto dos malvados em minha casa e vivendo de minhas sopas.

E abrindo a porta deixou "Fisga" em liberdade.

O nobre animal lançou-se para a rua e desapareceu na escuridão... A porta tornou a fechar-se, ouvindo-se um gemido de dôr triste como uma agonia, e o latido carinhoso do "Fisga".

Essa noite, Melodia não dormiu ; parecia-lhe ouvir vozes ameaçadoras que exprobravam sua crueldade. Levantou-se ao primeiro clarão do dia, foi ver e contar seu dinheirinho, depois abriu a



e fizeram circulo em roda do tio João, gritando ao mesmo tempo :

—Conta, conta, tio João, a historia do cão da Melodia !

Tio João concentrou-se um pouco, concertou a garganta, como de costume, e principiou nestes termos :

—A Melodia ! Ella tinha esse nome exquisito ; alcunharam-n'a assim por ironia, pois sua voz rachada e impertinente desentoava como um velho bronze mal temperado. Seus olhares respiravam egoismo, avareza e hypocrisia. Aliás, a unica harmonia que amava era o som dos escudos, legados por seu antigo patrão, um avarento que tinha morrido havia poucos mezes.

Contava e tornava a contar, quotidianamente, seu rico dinheiro e só conservava em casa o pobre "Fisga" para guardal-a contra os ladrões.

O pobre animal recebia mais pancadas que comida e pagava caro a honra de guarda da casa da Melodia. E, entretanto, "Fisga" vivia docilmente junto de sua senhora e passava quasi o dia inteiro estirado pacientemente, perto da cinza apagada do fogão.

—Ora, uma tarde, a senhora se lembra, avósinha ? "Fisga" soffria fome e frio ; na rua, sem luz, fazia um vento glacial, e nevava que era um Deus nos acuda ! e o cão insencível ao ruido das peças que cahiam uma a uma no velho bahú, escutava o vento que gemia sua eterna queixa balançando as arvores sem folhas. De repente, levantou a cabeça, ergueu-se, eriçou o pello e latiu furiosamente.

A velha, tremula, agitada e inquieta, sentiu um frio intenso percorrer todo seu corpo e instinctivamente agarrou seu rico thesouro e o escondeu no quarto, perto da cama.

Então um gemido se fez ouvir, uma pequena e fraca voz de criança, um grito despedaçador e queixoso que ia direito a qualquer coração. Melodia escutou, e "Fisga", com o olhar acceso, dirigiu-se para a porta. A fraca voz queixosa se fez ouvir de novo mais supplicante ainda.

—Quem está por ahí, a uma hora destas ? per-

porta da rua e viu perto de uma arvore um espectáculo estranho.

Um pequeno menino estava lá, pallido, deitado sobre um monte de palha, trazido, talvez, pelo cão, e vestido com uns trapos rasgados que denotavam sua origem de filho de saltimbanco de aldeia.

Deitado e unido a elle "Fisga" o aquentava com o calor de seu pello e lambia meigamente as mãosinhas do innocente.

Melodia approximou-se e quiz se inclinar para segurar a criança.

"Fisga" precipitou-se furioso sobre ella e quiz mordel-a.

Melodia correu e o cão deitou-se de novo perto do pequeno martyr.

Uma mulher caridosa do logar tomou a criança e até hoje a está educando.

"Fisga", d'ahi em diante, principiou a acompanhar seu novo senhor; nunca mais passou pela casa da Melodia, e quando o menino passava frenteando a casa da avarenta, o cão corria para não ver o logar maldito onde tanto soffrera.

Aqui o tio João parou, limpando uma lagrima.

Que é feito de "Fisga", tio João? perguntou Joanninha.

—Ai! minha menina, "Fisga" já ha muito não existe; quiz vos contar esta historia para mostrar que ha cães superiores a certa gente.

Meus filhos! evitae o egoismo, praticae a caridade e sereis abençoados de Deus e dos homens, como a avósinha, que foi quem creou o abandonado, que é o tio João, que vos conta sua historia.





# Homem de Bem



Existia na cidade de Blumenau, na então provincia de S. Catharina, uma familia patriarchal, cujos ascendentes foram outr'ora celebres na Europa, pois contavam o famoso Marlboroug entre um de seus troncos.

O velho Aubin e sua esposa, D. Gabriella, esmeravam-se na educação dos filhos e d'elles fizeram excellentes catholicos.

O que mais sobresahia entre todos era o joven Ignacio.

Desde criança mostrara-se inclinado á vida militar, e quando o tio, o terrivel capitão Laspite, vinha visitar a familia, a criança fazia mil diabruras, n'uma alegria douda, e acarinhava, de vez em quando, a durindana do tio.

—Quando veremos este pirralho com as dragonas de coronel, minha velha ? dizia o Aubin á mulher.

—Si Deus quizer, pai, respondia Ignacio com seriedade comica, talvez não esteja longe esse dia abençoado.

Aos 14 annos, Laspite levou-o para a escola militar.

Naquelle tempo de seriedade e honradez, era muito difficil obter-se o menor posto no exercito.

Pois, apezar disso, cinco annos apenas decorridos era tenente.

Tendo-se dado séria sedição em S. Salvador da Bahia, Ignacio para lá foi mandado com algumas praças e arranjou tudo com tanto tino e diplomacia, que acalmou os animos e deu a paz á Bahia sem a menor gotta de sangue derramado.

O governo imperial o promoveu a capitão do exercito.

O chefe de policia da côrte nada fazia de importante sem consultal-o primeiro.

—É um homem de character, dizia elle, e embora seja *ultramontano furioso* me agrada.

Ignacio, com effeito, não perdia occasião de dar solemnes e publicos exemplos de amor a Deus e á Egreja Catholica. Uma occasião, estando sósinho mas fardado, aconteceu entrar n'um importante hotel, n'um arrabalde do Rio de Janeiro.

Uma turma de estudantes de medicina, doutorandos, ahí almoçava, também numa algazarra impropria de moços que iam formar-se naquelle mesmo anno.

De repente, dando um pulo para traz, um doutorando exclamou :

—Que é isto ?

É apontava horrisado, fingindo medo, para um objecto, que se via cahido na sala. (Era um rosario.)

Um outro, voltaireano dos quatro costados, de bigodinhos retorcidos, cabellos de *vassourinha*, como o usavam as damas então, e sempre a mostrar a dentuça, tomou o objecto em questão na ponta de uma bengala e passeiando com elle pela sala do hotel, bradava :

—Quem é esse rato de sacristia que tem o desafforo de andar com rosario ?

--Se tem coragem appareça !

A estudantada fizera um grupo compacto, e no meio de troças e dieterios de *espírito*, bradava :

—Quem é o rato da sacristia, quem é o rato da sacristia ?

Ignacio, pallido como um morto, apalpou os bolsos.

O rosario era d'elle. Tinha-o perdido ao tirar um jornal do bolso e não fizera reparo.

Que fazer ?

Expôr-se ao ridiculo, no meio de rapazes levianos ?

Os estudantes começaram a bater palmas trocando :

—Onde está o rato, onde está o ratinho ?

Um amigo, notando a pallidez do militar, interrogou :

—O senhor está incommodado ?

Ignacio, com o sangue a ferver, alheio a tudo, nada respondeu.

—Cambada de hypocritas, continuava o da *vassourinha*, andarem com um rosario, imitando as beatas velhas.....

De repente, estacou admirado.

Com o busto erecto, fronte altiva, pallido, olhos faiscantes, o militar tocou-lhe ligeiramente o hombro.

Agora, na vasta sala, reinava silencio de morte.

Todos os olhares devoravam os dous protogonistas daquella scena.

Estendendo a mão, Ignacio disse seccamente :

—Aquelle objecto é meu, dê-m'o.

O doutorando, com um sorriso de desprezo, fazendo-se valente por fiar-se no concurso dos collegas, respondeu :

—O que ?! o senhor, um militar, um official do exercito brasileiro, com um rosario em punho como um padre velho e capão ?

Ignacio, arrebatando o rosario da mão do pedante, guardou-o.

O estudante começou a vociferar.

Os outros, em côro, continuavam, assobiando, a modinha então em moda :

*Cala a bocca sinhá Rosa,  
Não contes que vou rezar ;  
Se contares é peccado,  
Tenho medo de apanhar.....*

Ignacio, por prudencia, procurou sahir. O da *vassourinha* embargou-lhe os passos ;

—Oiá, amigo, estás com medo ?



O militar mediu-o de alto a baixo, e com sorriso nervoso, compassivamente :

—Retire-se, criança, não quero ser covarde, dando ensino a um menino malcriado.

O estudante tornou-se rôxo de ira e despeito.

Aquellas palavras — *menino* e *criança* — eram como que duas bofetadas que lhe batiam nas descoradas faces.

—Canalha! bradou elle com os dentes cerrados...

E approximou-se, rapido, do militar, procurando esbofeteal-o.

Então, repentina, como a ira, passou-se uma scena triste.

Agarrado pelo fundo das calças e suspenso ao ar como se fôra uma penna, o estudante foi atirado pelo lado de fóra da porta.

O *croisé* partiu-se nas costas; as calças rasgaram-se, deixando ás vistas uma ceroula immunda e suja.

Grupos numerosos, attrahidos pela bulha estacionavam nas ruas.

Quando o *vassourinha* levantou-se, ainda tonto pela vergonha, foi acolhido por uma tempestade de assobios.

Cercado pela estudantada, encafuou-se no hotel, afim de mudar a roupa.

Quanto aos estudantes, temerosos, nada fizeram.

Ao passar pela rua, após o almoço, a multidão descobriu-se respeitosaente diante do valente capitão e applausos prolongados o victoriaram.

.....

.....

Certa occasião, sendo desafiado para um duello, barbaro e estúpido preconceito dos *soi-disants* civilisados, não o quiz aceitar, dizendo ser prohibido pelas leis da Igreja.

Alguem, mais tarde, o chasqueando com os titulos poucos galantes de cobarde e poltrão, elle descobriu a farda e mostrando varias cicatrizes ganhas no serviço militar disse ;



—*Eis aqui minha defesa.*

Estando em S. Domingos, certa ocasião, já alta noite, foi sitiado por numeroso grupo que berrava:

--Matemol-o ! Matemos o morcêgo.

Encostando-se na esquina proxima, o capitão desembainhou a espada e tornou-se terrivel. Os que ousavam approximar-se para feril-o, cahiam por terra.

Tendo abatido dois ou tres, os outros fugiram. Julgado, foi, unanimemente, absolvido e abraçado por todos.

Sua fama espalhára-se longe, e não havia quem não exaltasse o caracter nobre e honrado do destemido official.

Foi recompensado por seus muitos trabalhos com as dragonas de coronel e morreu cheio de dias e de serviços prestados á patria, deixando nobre exemplo para os vindouros.

A religião honra ao homem e ella é a mãe dos valentes.





# Sem confissão



Com seus grandes oculos espetados na ponta do nariz, corpo debruçado sobre uma peça de americano, que ia desdobrando e cortando,— d. Catharina, via-se em seu rosto—estava triste, muito triste.

A casa era grande, immensamente vasta, e a velha estava no fundo da sala de jantar.

De repente, Sinh'Anna, a caçula, entra correndo e agitada :

—Mamãe, lá na porta tem um padre.

—Um padre ?

—Nha sim.

—Ai ! meu Deus ! Com certeza é para confessar o Manduca. Sinh'Anna, vai abrir...mas não ! diga a elle que aqui não tem ninguém. Meu pobre filho !... O dr. M. declarou que evitassem todos os sustos !

—D. Catharina mora aqui ?

—Sim, senhor vigário, mas não está.

—E o marido ?

—Tambem sahiu.

—E o doente ?

—Mudou de casa.

—Bom ; depois voltarei.

—Que massada ! Não mandei chamar nenhum padre e eis que um me cahe em casa. Quem lhe diria que aqui tinha um doente ? Sempre ha mui-

ta genticinha que gosta de se intrometter na vida alheia. Manduca não está também nesses estados ; ainda hontem saboreou dois pratos de sôpa e pôde ser que elle escape.

—Além disso, mamãe, accrescentou Sophia, a mais velha, se o padre entrar, elle pensará que vai morrer, e só pela commoção é capaz de bater as botas. Tanto trabalho para matar Duduca, de repente.

E todas desataram a choramingar.

—Soceguem, meninas, o padre não entrará.

—O padre disse á Sinh'Anna que voltaria ; Duduca estava dormindo e acordou com o barulho ; perguntou quem era ; dissemos que era um pobre, e elle me pediu que lhe desse 500 réis de esmola.

—Pobre filho ! Como elle é bom ! E' assim : Deus tira os bons e deixa os máos !

Na manhã seguinte, Catharina já não pensava mais naquillo, quando as duas meninas entraram de sopetão.

—Mamãe, é o padre !

—Mamãe, é o vigario !

—Ai, meu Deus ! meu Deus ! que desgraça ! falem baixinho, vão para o quarto de seu irmão e digam que é uma visita dum cometa do Rio. Eu me arranjaréi com o padrecó.

—Minha senhora, murmurou o padre inclinandose respeitosamente diante da pobre mãe.

—O sr. vigario deseja alguma cousa ?

—O dono da casa.

—Não está.

—A dona ?

—Uma sua criada, sr. vigario. V. S. me perdõe de recebél-o assim na porta, mas estamos com...

—Oh ! minha senhora, eu sou quem lhe pede perdão por incommodal-a nas suas funcções de enfermeira, porque, segundo me disseram, aqui ha um doente ?

—Sim, é meu filho... está soffrendo um pouco, porém o medico ainda não desesperou de todo. Ainda tenho esperança.

—Elle segue algum regimen ?

—Não, senhor, paramos com todas as drogas.

—Come e dorme soffrivelmente ?

—Só toma sopa, e isso ha seis mezes ; de dia dorme quasi sempre ; porém, de noite está sempre agitado e afflicto. Neste momento elle dorme profundamente e é preciso evitar todo'o barulho.....

—Na verdade, minha senhora, os doentes ficam tristes quando estão sós, e gostariam de tempos em tempos de um dedo de prosa...; se a senhora me desse licença...

—Meu senhor, elle está dormindo !

—Oh ! senhora, eu não quero perturbar o descanso d'elle, amanhã virei bem cedo, e, talvez, seja mais feliz.

—Senhor vigario, se for preciso chamaremos V. S.

—Minha senhora, eu lhe entrego a alma de seu filho ; o que está feito, está feito ; e se elle morrer sem confissão ?

—Senhor padre, eu não desejo que meu filho morra como um cachorro, sem sacramentos e sem Deus ; Ave Maria ! esconjuro ! mas desejava que o pedido partisse d'elle mesmo.

—Ai ! minha senhora, como quer vmce. que um moço de vinte annos diga a si mesmo que é preciso renunciar a todas as esperanças da vida ?... especialmente quando a senhora e todos que o rodeiam, conspiram-se para lhe fazer vêr tudo côr de rosa ?

—Senhor padre, exclamou ella, já um tanto ou quanto nervosa, o meu Duduca sahiu da Escola Militar da Praia Vermelha, ha apenas dous annos, e já veiu com o principio de doença do peito ; veiu para cá tomar arés, e desde então está comnosco. Que peccados queria o senhor que elle tivesse commettido ?

—Oh ! minha senhora, me admiro da sua bôa fé ; nós todos somos peccadores. Cuidado ! não tome essa grande responsabilidade diante da justiça divina : os paes respondem pela alma dos filhos ; seu filho deve morrer como christão e não

como animal; perdôe-me, minha senhora, mas, como vigário sou obrigado a fallar a verdade.

A senhora depois ficaria arrependida, deixe-me um pouco com o querido doente.

—Amanhã, senhor vigário, vou preparal-o agora. E o vigário sahiu.

De madrugada, a velha levantou-se contente, pois o Duduca não dera signal de si, e parecia ter dormido como uma pedra.....

—Manduca, como passaste? Duduca? Duduca? Meu querido? Meu filho, meu filhinho? Abre teus olhos, levanta a cabeça!

O' meu Deus, elle nadã diz! Dúduca, Duduca, não me assustes, amor?

—Ai, ai, ai, minha Nossa Senhora das Dôres, prorompeu Sinh'Anna, desatando em pranto de choro nervoso, elle está frio, mamãe, está morto, morto, minha Nossa Senhora, morto! e soluços prolongados despedaçavam-lhe o peito.

—Não me desgrace, minha filha, vai ligeira chamar o padre, pôde ser que a alma ainda esteja ahi.

Em casa era uma scena medonha. Todos estavam de joelhos e com as mãos postas, a soluçar!!

Dahi a pouco o padre entrou, correndo. Lançou os olhos sobre o leito. Hirto, com os olhos vidrados, as mãos rigidas, a bocca entreaberta, narinas dilatadas, frio, eternamente frio, Duduca dormia o somno derradeiro.

O padre nada disse; apenas lançou um olhar cheio de dó e de severidade sobre a mãe, e retirou-se.

Infeliz mãe, que por sua culpa deixou o filho morrer sem confissão. Depois da morte, contas terríveis prestarão a Deus os paes e as mães que deixam, em suas casas, as pessôas morrerem sem sacramentos.





## Bem feito



Quem não o conhece no visinho Estado de Goyaz ?

Barba cerrada, alto, ligeiramente envergado, moreno, com um sorriso a lhe brincar eternamente nos labios, o Tristão acha-se em toda a parte onde ha divertimento e alegria.

A rapaziada nada faz de interessante que não convide o Tristão.

E' o homem da moda. Tem a mania, porém, da época : é espirito forte.

Não fallem com elle em milagres ! Elle vos dará uma gargalhada nas bochechas.

—Eu sou lá bobo para acreditar em padres ! Elles o que querem é dinheiro ; divirtamo-nos e deixemos Deus com seu mundo.

O Tristão já vai caminhando para os 50, porém se lhe perguntardes a idade, elle responderá sempre e invariavelmente:

—Este anno completo 30 !!

E' um pandego esse nosso Tristão.

Havia chegado, ha já dois annos, na terra, o joven Cypriano de A. Era um moço profundamente catholico, e Tristão gostava sempre de tomar sopa com elle.

Certa occasião encontraram-se os dois, numa casa de negocio. A casa estava repleta de rajazes.

—Olá, Tristão ! —O' meu beato, como vamos ?

O rapaz corou ligeiramente e retorquiu :

—O' Tristão, sabes o que quer dizer beato ?



—Si sei ! beato é todo frequentador de Igreja e de rezas

O outro sorriu-se :

—Eis ahi, meus amigos, disse elle dirigindo-se aos rapazes ; empregam termos sem saber a significação.

—O' Tristão, antes de me chamares beato, vá primeiro indagar o que significa essa palavra, para não passares como bobo-alegre.

O Tristão ficou um pouco desconcertado:

—Olha, Cypriano, respondeu elle, você é um moço distincto e intelligente, e só lastimo que seja tão caróla.

—Caróla, porque ?

—Ainda hoje ouvi contar que você ia a Muquem cumprir uma promessa !

—É que tem isso ?

—Pois você crê em Nossa Senhora da Abbadia ?

—Eu ? com toda a certeza que creio e a amo de todo o coração, pois sou catholico.

—Qual ! aquillo é uma comedeira : não ha tal Senhora da Abbadia.

E Tristão, n'uma tempestade de indignação, enfiou uma tirada medonha contra os padres e devotos da Senhora da Abbadia, e terminou :

—Não ha tal Senhora da Abbadia : eu cá sou protestante, só quero saber de Deus, o mais é invenção dos homens.

O joven Cypriano nada disse, mas um riso de malicia encrespou-lhe os labios e murmurou baixinho:

—Deixa-te estar, que eu te curo, meu protestante de uma figa.

D'ahi a tres dias havia um divertimento na casa do Manéco, um kilometro apenas retirado da cidade.

A sala estava cheia de convidados.

O Tristão era figura obrigada da pandega e já lá estava ha muito.

A viola chorava a um canto, e um sapateado rasgado enchia a casa de alegria.

O Tristão cantava ao som da viola:

Quando os carecas entraram,  
Todos deram seu vintem,  
Só o Manéco não deu  
Por ser caréca também.

Bravo ! seu Tristão, bravissimo !  
E uma salva de palmas estalou na sala, electri-  
sando o pandego.

O Tristão ia abrir a bocca para gemer outra  
modinha, quando o Polycarpo, o da venda, entrou  
e lhe disse :

—Tristão, sua filha mandou-o chamar ligeiro,  
pois sua mulher teve uma açaque e está muito  
mal.

O Tristão empallideceu.

—Hom'essa ! pois ir me apartar da festa, no me-  
lhor da pandega !

Aquillo com certeza é porque eu hontem fallei  
que ella não iria a Muquem, como era seu desejo.  
E' um caiporismo a gente estar em terras de  
beaterios e fanatismo !

—Mas, seu Tristão, é bom ir, porque D. Fininha,  
sua filha, veiu a chorar, pedir a minha velha que  
viesses eu, em pessoa, buscar a Vincê, que sua mu-  
lher está mal, muito mal.

O Tristão não teve remedio senão rogar umas  
duas ou tres pragas e tomar um trago de pinga,  
pedindo desculpa a todos por se retirar antes  
do tempo.

—Olha, Tristão, gritou o Manéco, nós suspen-  
demos o brinquedo até tua volta.

—Pois sim, muito obrigado, respondeu o espiri-  
to forte ; d'um pulo verei o que ha e n'um instante  
estarei no fandango outra vez.

Até já, rapaziada.

—Até já, Tristão ! responderam todos em côro.

Eram oito horas da noite. Fazia um frio de  
rachar.

—Que massada, andar a gente pela estrada com  
uma escuridão desta, murmurava elle, e logo hoje  
é que a velha lembrou-se de ter seus faniquitos  
costumeiros.

E com as mãos enterradas nos largos bolsos  
do jaquetão, chapéo afocinhado para a frente,

mastigando um charuto quebra-queixo, com que tinha sido obsequiado pelo Manéco, caminhava agitado e ligeiro para poder quanto antes voltar para a sucia.

De repente, porém, um suor frio humectou as fontes do Tristão. Elle ouviu um gemido triste e prolongado e um—ai! ai! como se fôra soltado por algum moribundo nos ultimos estertores da agonia.

Os cabellos da cabeça se levantaram e o chapéo cahiu por terra, elle olhou para a arvore da esquerda, na beira do caminho, e um espectáculo lugubremmente horroroso se desenhou diante de seus olhos espantados.

Diante d'elle, effeito da imaginação ou realidade, (não o poderia afirmar no momento critico e nos apuros em que se via), levantava-se um immenso vulto branco, como os phantasmas das "Mil e uma noites".

Dois braços gigantescos, que pareciam tocar a abobada azulada do firmamento, a bocca desmedidamente aberta, donde se escapava uma chamma amarella e phantasmagorica, de joelho sobre a arvore do caminho, tudo isto fez empacar o nosso homem.

Elle tremia como os juncos frageis da lagôa balouçados pelos vendavaes nocturnos.

Sentiu uma zoada nos ouvidos, e o coração ficou pequenino... pequenino, que não lhe ouvia mais as pancadas.

O Tristão queria desandar n'um carreirão para traz, mas onde estavam suas pernas? Os pés pareciam uma massa de chumbo, e a luz da razão se lhe evaporava.

—Ai... ai... ai... gemia lugubre e dolorosamente o phantasma... quem vale a uma alma penada e triste...

E n'uma lamuria, como o dobre de sino a finados, queixas doridas e amargas sahiam d'aquella bocca ou fornalha do inferno.

O Tristão sentiu tresandar um cheiro pronunciado de enxofre e parecia-lhe perceber dois córnos na cabeça do monstro.

—Cruzes! t'arrenego, tinhoso! teve elle bocca

para dizer, e quiz fazer o signal da cruz, mas os dedos tremulos arranharam apenas a testa.

Uma gargalhada sinistra, semelhante ao uivo d'essas corujas que a deshoras assombram a imaginação credula do vulgo, retiniu nos ouvidos do Tristão.

E o maldito attentou os olhos n'elle ; cruzes ! dois olhos que eram mesmo dois tições, e a arvore remechia-se toda como se fôra balançada por uma legião de demonios.

Santo Deus ! o phantasma desceu de seu pouso e caminhava automaticamente para a banda onde elle estava.

Era demais ; o terror deu-lhe pernas, e elle enfiou n'um carreirão onça-pela-estrada a fóra, gritando com fé viva :

—Minha Nossa Senhora me valha ! Minha Nossa Senhora me valha !

Elle ouviu alguém correr tambem atraz, e a poucos passos de distancia, estreneceu, pois a causa de seus terrores pousou uma mão gelada sobre seus hombros. O Tristão sentiu que o folego lhe faltava e cahiu para traz, como se fôra fulminado por uma faisca electrica.

O Cypriano, (pois era elle que de accôrdo com o Polycarpo, o da venda, tinha preparado aquella troça) arrancou a mascara e desembuçou-se do longo sudario, bradando :

—Sou eu, Tristão, sou eu, isso é uma brincadeira.

O nosso homem parecia estar no outro mundo. Cypriano accendeu sua pequena lanterna furta-fogo e debruçou-se sobre elle.

—Parecia estar morto, tão intensa era a pallidez que lhe cobria o rosto.

—Hom'essa, e se elle morrer ? miurmurou Cypriano.

E teve realmente medo do resultado da brincadeira. D'ahi a pouco chegou o Polycarpo, o da venda, e agarraram aquella massa inerte, levando-a para a casa mais perto, logo na entrada da villa.

No dia seguinte todo o povo do commercio estava a par da maroteira, e não se conversava

n'outra cousa. O Tristão esteve tres dias de cama e ficou mal com o Cypriano, quando soube do caso.

—Aquelle patife! deixa-te estar, meu cabrinha, que eu hei de te ensinar como se brinca com o filho de minha mãe.

Aquillo, porém, era raiva só de momento, pois o homem tinha bom coração, e não passou-se muito que tornaram de novo a camaradar-se e a reatar as antigas relações.

—Olha, querido, disse-lhe a avisada esposa, é melhor deixares de mão certas companhias, pois não quero ficar viúva por causa de brinquedos de máo gosto.

—Ora, senhora, pois eu serei alguma criança? Não ha de me acbntecer mais outra, lhe prometto.

Todavia, não levou muito tempo a cahir n'outra esparrella. Eis como se passou o caso:

—O' Tristão, disse-lhe um dia Cypriano, vamos cciar amanhã á custa de Polycarpo?

—Poderemos ir, mas como faremos?

—O Polycarpo tem um peqnenho poleiro, e nós, á noite, lá iremos bifar-lhe umas gallinhas.

—Esta dito, concordou nosso homem, esfregando as mãos de contente, e a velha é quem ha de preparar a cciata.

—Não tem duvida.

A' noitinha, dois vultos embuçados rondavam a horta do Polycarpo. D'ahi a pouco, um pulou pelo barranco do fundo, (era o Tristão) e o Cypriano tódo encolhido, atraz do muro, o esperava para receber as gallinhas. Momentos após o grito de—pega o ladrão! retiniu aos ouvidos do moço e elle ouviu a detonação d'um tiro.

Tristão tornou a saltar o muro e cahiu aos psé de Cypriano.

—Fui atirado, amigo, estou morto!!!

Cypriano ria-se a bandeiras despregadas. Elle tinha feito tudo de combinação com o Polycarpo, e o pobre do Tristão tinha apenas raspado um formidavel susto e recebido um tiro de polvora secca.

—Bem feito! disse-lhe a mulher, quem te avisa teu amigo é.





## Missa não enche barriga



E' como lhe digo, meu caro, vim tomar um fartão de cidade, pois ficarei aqui toda esta semana.

—E' um prazer para nós, coronel, pois bem sabe como é estimado em toda esta Paracatú.

—Muito obrigado. A velha queria que eu viesse cedo para assistir a missa!!

—Olha, João, me dizia ella, hoje é domingo, você tem de ir á cidade, vá cedo e com antecedencia, pois a missa é ás 11 horas, e daqui lá é, apenas, uma legua, e você será feliz entrando na cidade sob a protecção divina.

—Mas, meu caro, as mulheres são sempre *pié-gas*, suppondo que se não fossem ellas, não haveria religião no mundo. De proposito, vim mais tarde.

—Sahir de casa sem almoço, não era possivel, pois a missa não podia me alimentar.

—Perfeitamente, coronel, respondeu o outro, sorrindo.

—E o coronel tirou a carteira elegante e offereceu um *bahiano*, maduro, ao amigo.

—Que ellas tenham religião, é bom, cortando com os dentes, a ponta do charuto, commentava elle, mesmo para nosso socego, mas nós homens, nós, classe elevada, a bater nos peitos, como uns *maricas*, isso me põe nervoso.

—Perfeitamente, coronel, respondeu o outro, como um écho.



O coronel foi homem de palavra. Desde domingo, ao meio dia, até sabbado, á tarde, conservará-se na legendaria cidade mineira de Paracatú e dêra um regalo a seus amigos.

Proprietario abastado e homem de grande influencia, contava numerosos amigos na cidade. Cada dia da semana era uma festa.

Monsenhor Antonio, o vigario, celebrava quotidianamente o santo sacrificio da missa.

Senhoras, ás vezes, o convidavam.

—Vamos á missa, coronel ?

Elle as olhava compassivamente :

—Irei, mais tarde, senhoras, vão andando que daqui a pouco estarei na Igreja.

E quando ellas viravam as costas :

—E' o que faltava, o coronel Marimbondo estar lá no templo, jururú como um pinto molhado, a ouvir o cabra Antonino mastigar um latim de algibeira !! Não, nessa não cahe o neto de meu avô, o heróe da tomada da Laguna, concluiu elle, com emphase.

Paracatú é uma cidade velha, uma cidade decadente, mas conserva ainda, com bastante fulgor, o espirito catholico, fogo sagrado de nossos paes, que expulsaram os hollandezes protestantes do Brasil.

Por isso, bastantes vezes, o povo tem se levantado em massa para repellir a grosseria e a insolencia dos filhos de Lutheró, que têm querido violentamente protestantisar a cidade.

Tambem as linguas das velhas devotas cortaram a valer a pelle do coronel.

—E' um protestante dos quatro costados, dizia uma.

—Olha, prima, é um *mação brabo* ; quando a Xandóca se casou, elle foi convidado, visto ser padrinho de *baptismo* della, pois o raio do homem só para não assistir á missa, conservou-se todo o tempo na porta da Igreja e de chapéo na cabeça ! !

—Cruzes, prima, murmurava a outra, *abrenun- tio* tal homem ; pobre da d. Maricota, e ella, que é tão *esmoleira e missona* ? !

—E' verdade, é uma santinha, mas teve a infelicidade de casar com um turco.

E nesse diápasão, as linguinhas afiadas como navalhas, barbejavam a vida do neto do heróe da Laguna.

O coronel era um amante louco da cerveja.

Passava todo o santo dia a perambular pelas casas de negocio, e como todos lhe conheciam o fraco, a cerveja escorria pelos balcões, e, á tarde, o nosso homem estava *apimentado* como um verdadeiro *John Bull*.

O coronel, porém, não era tão ruim como diziam as beatas. Fazia suas esmolas, era amigo de seus amigos, bom e pontual pagador, diziam os negociantes, e, principalmente, pilherico, de prosa agradável, *un bon viveur*.

A semana correu-lhe deliciosamente em Paracatú.

Sabbado, á tarde, elle esperava os animacs, que a esposa devia mandar da fazenda.

Não contava, porém, com o beatismo da velha.

O pagem chegava sósinho e sem animal de sua sella.

Entregara-lhe um bilhete. O coronel tornou-se sisudo.

”Como passaste ahi toda a semana, não é justo que venhas sem a missa de domingo. O padre Manoel diz sempre a missa muito cedo. Mandarei o animal amanhã de madrugada, e, após a missa a que assistirás por toda nossa familia, te esperarei para almoçarmos juntos.”

O coronel amarrotou a carta e explodiu em improperios.

Em seguida, dirigindo-se ao pagem :

—Volte já para casa e diga á senhora que prepare o jantar para logo, á noite.

Arranjarei animal aqui e voltarei sósinho.

O homem foi despedir-se dos amigos.

Na primeira casa que entrou, a senhora sahuiu-se com esta :

—Como, coronel ? já é tarde, o senhor esteve aqui a semana inteira ; fique mais hoje, e partirá amanhã a pósa missa...

—Qual missa, minha senhora, isso não enche a barriga de ninguém ; já mandei prevenir o jantar e não posso perdê-lo.

—Jantarão conosco, coronel.

—Obrigado, minha senhora, irei hoje, sem falta.

Parecia que a providencia o convidava benignamente. Em todas as casas dos amigos teve de aguentar o mesmo pedido das damas.

Por ultimo, o homem estava furioso, já nem respondia.

Na residencia parochial, o bom Monsenhor Antonino, (que era seu amigo), insistiu ainda.

—Olha, vigario, a missa não engorda a gente.

O padre, olhou estupefacto.

—Como, amigo ? o senhor, um homem educado sair-se com objecção tão rasteira e vulgar ? deixo-se disso, pouse aqui hoje commigo.

Não houve meios. Pela tardinha, quasi ás horas do *Angelus*, S. S. partiu.

Ao dobrar a esquina da ultima rua, para ganhar o chapadão, elle encontrou o pai Joaquim, o velho lenheiro, tão popular no sertão.

O preto, que entrava vergado sob o peso d'um grande feixe de lenha, levantou os olhos e saudou-o :

—Louvado seja Christo, meu sinhô.

—Adeus, tio Joaquim.

—Eh ! eh ! meu sinhô vai tão tarde ! Vossemeçê devia *faiá* e ir amanhã cedo ao dispôs da missa de seu padre Manué.

O coronel franziu os sobrolhos.

—Missa não enche barriga de ninguém, tio Joaquim ; até amanhã.

E, esporéando a cavalgadura que a obsequiosidade de um amigo lhe tinha emprestado, partiu a trote largo.

.....  
.....  
.....  
O povo em massa sabia da Igreja. Acabavam de bater onze horas no relógio da matriz, e, após a missa conventual, o vigario desparamentava-se na sacristia,

As senhoras, em grupos alegres, cumprimentavam-se, communicando-se os *mil nada*s da vida do sertão.

Nisso, lá no alto da torre, o sino grande começou a dobrar.

Todos, admirados, inquiriam :

—Quem morreu ?

O padre Antonino, igualmente, perguntou a alguns que estavam na sacristia :

—Por quem é aquelle signal ?

—Não sabemos, sr. vigario.

As mulheres, da porta da matriz, olhavam para a torre.

O velho sacristão, com o corpo envergado, mãos agarradas nervosamente na corda, fazia chorar o sacro bronze.

Não tardou a aclarar-se tudo. Uma multidão de cavalleiros, rodeiando um caixão carregado pelos pretos da fazenda, procuravam a matriz.

Era o coronel, fallecido ás onze horas da noite, duma congestão, consequencia de láuta ceia, regada constantemente pela espumante cerveja.

Ao abrir-se o esquife, para proceder-se á commendação, notaram-lhe a proeminencia do ventre e muitos commentavam, dizendo :

—"Elle fallava que missa não enchia barriga, de que lhe serviu a ceia ? !".

Neste meu querido Brasil, particularmente aqui no sertão, certos individuos, verdadeiros bobos alegres, e que querem passar aos olhos do vulgo como espiritos fortes, vivem só a clamar :

--Missa não enche barriga !!

Lembrem-se do que dizia o grande Mestre Jesus :

—"O homem não vive só do pão."

Levantem as fronte para o céu e não vivam só terra a terra, como fazem os animaes não dotados de razão.

Amemos a Deus e adoremos-o particularmente no santo sacrificio da missa, o acto mais sagrado de toda a religião.

Deixemos essa objecção de "missa não enche barriga" para os caipiras e os matutos,



# UM SONHO



Lá fóra fazia um trio intenso : o vento passava ululando e sacudindo com impetuosidade as folhas das arvores.

O silencio enchia a cidade e raros eram os transeuntes que se afoitavam ainda a andar pelas ruas.

Cães uivavam aqui e alli, enchendo de tristeza e dum vago terror os raros que ainda estavam despertos.

Ganhei o leito e não tardou que uma visão d'além povoasse meu entendimento.

Eu estava na ante-camara do Paraiso...Anjos iam e vinham, graciosos, ageis, apressados. Advinhei que havia festa e que a doce voz de Jesus dirigia os preparativos duma audiencia.

—E' talvez a morte de algum justo, pensei, e sua entrada triumphante no reino da gloria.

Que felicidade a minha, entrever a figura magestosa e cheia de gloria n'um novo eleito ?

Um barulho profundo, louginquo, que percebi subir da terra, se levantava rapidamente : não distingui palavras, eram gritos infantis e innocentes vagidos que se misturavam sem se confundir e se harmonisavam com mais suavidade que as obras primas de Gounod e Carlos Gomes.

Eu escutava arroubado e tremulo de sensação. As vozes se amorteceram lentamente e ondas de harmonia se levantaram dum orgam que ouvia



gener debaixo dos dedos de um anjo, sem vel-o, embora olhasse para todas as bandas.

Centenas e centenas de criancinhas, como um enxame immenso de abelhas, com os rostos a respirar muita tristeza e dôr, nús e manifestando profunda magoa, circumdavam de todas as bandas uma visão cheia de luzes e de flores onde eu distingui apenas a figura resplandecente e divina de Jesus Menino, num throno de gloria.

Elles estendiam para o Divino Cordeiro os bracinhos innocentes, como outr'ora a Paulo estendiam as mãos os de Macedonia.

Um grande silencio fez-se nas alturas infinitas e ethereas, e uma criança se prostando de joelho e com a face em terra, deante do throno, orou com voz plangente e triste que cortava o coração :

--Senhor, nós somos as crianças das margens do Araguaya : Vossa luz divina illuminou toda intelligencia que vem ao mundo, mas essa luz suave e sacrosanta ainda não brilhou para nós. Nossos paes vagam como ovelhas sem pastor pelas interminas florestas do Tocantins e do Araguaya.

--Senhor, Senhor, tende pena de nós.

O bom Jesus tinha os olhos arrazados de lagrimas.

Elle levantou suas mãos divinas e sagradas, aquellas mãos que fizeram o céu e a terra e lançou a benção sobre o immenso bando dos innocentes.

E a visão desapareceu. Continuei apenas a ver dois anjos que voavam trazendo a benção do Menino Deus para a terra.

Impellido pela curiosidade e por um vago sentimento do dever, segui com os olhares os embaixadores santos.

Para onde iam elles ?

Iam para as bandas onde Guanabara viu a luz do dia.

Salve, ó minha formosa Sebastianopolis, ó terra abençoada onde a caridade trabalha pela mão dos anjos da terra, recebendo a visita de seus irmãos, os anjos do céu !

D'um vôo rapido os espiritos das alturas pararam diante da kermesse que as senhoras do



Rio de Janeiro estavam a fazer a favor dos selvícolas do Araguaya.

Sobre as frentes das senhoras bemfazejas os anjos atiravam nuvens de flores : "eram as bênçãos de Jesus".

Elles tornaram a voar para o céo, levando escriptos, em livros de ouro, os nomes das batalhadoras da caridade, das filhas de Jesus que, no Rio de Janeiro, cooperam com os missionarios a favor do baptismo e da educação christã de milhares e milhares de indiosinhos que, nós e inconscientes da vida futura, erram como animaes sem dono pelo Araguaya.

Bemditas, bemditas de Deus, sejam essas filhas do Senhor, que procuram assim a glorificação de Deus e o reinado social de Jesus Christo !





## O segredo da Confissão



O facto historico que vamos narrar aos leitores passou-se na patria de Guilherme Tell.

Fazia um frio intenso e nevava bastante na vespera do Natal do anno de 188...

O padre Antonio, vigario de Volneige, foi dar um gyro em sua freguezia para visitar aos pobres e aos doentes e preparal-os para a festa do Natal, que devia celebrar no dia seguinte.

Cahia a neve em grossos borbotões, o vento assobiava nos ramos das arvores despidas de folhas, e a viagem do vigario, penosa, era, ás vezes, cheia de perigos, porque era facil perder-se e cahir n'algum precipicio.

No entanto, após ter andado em varias casas de doentes, consolando a todos e dando a alguns mais necessitados o pouco que em sua pobreza podia dar, elle voltou para o presbyterio, debulhando seu rosario e rezando por suas ovelhas.

No largo da Matriz, quasi em frente á escola, um bando de meninos brincava atirando para o ar grossas bolas de neve

O pequeno Gregorio, filho do ferreiro, no fogo da brincadeira, lançou uma bola que bateu e n'cheio no peito do padre.

O menino ficou branco como a cera, e, tremulo e envergonhado, baixou a cabeça. Levantando, porém, timidamente os olhos, elle viu a boa e santa physionomia do vigario, que sorria bondosamente.

Tirando o bonetsinho de velludo escuro, que lhe cobria a cabeta loura, disse :

—Bom dia, sr. vigario.

—Bom dia, meu menino, respondeu o padre ; e meigamente bateu-lhe duas palmadinhas na face.

Quando retirou-se, os meninos disseram :

—Que santo homem !

O vigario dirigiu-se pausadamente para a Matriz, sempre recitando o rosario....

.....

São 4 horas da tarde.

Silencio profundo na Igreja Matriz.

Sósinho, o sacristão Guilherme ia e vinha, agitado, d'um lado para outro, preparando altares, o pulpito e o presepio do menino Deus, para os festejos que deviam ter lugar á meia noite.

O vigario entrou e, dirigindo-se para o elegante altar do presepio, ajoelhou-se e ficou mergulhado na oração, e de tal modo embebido que parecia estranho a tudo o que se passava.

Apenas 15 minutos após, elle teve um ligeiro estremezimento, ouvindo, não longe da Matriz, a detonação de uma arma de fogo.

Alguns momentos mais, a porta da sacristia abriu-se estrondosamente.

O sacristão, com os olhos injectados de sangue, a physionomia alterada, com grande tremor em todo o corpo, approximou-se do padre e disse-lhe ao ouvido :

—Sr. vigario, tenho uma palavra a lhe dizer, venha já.

O sacerdote levantou-se, e notando a agitação de Guilherme, disse-lhe :

—Que tens, meu bom amigo ? Tão pallido ! Estarás doente ?

O sacristão sacudiu a cabeça negativamente, murmurando :

—Ai ! que desgraça, que grande desgraça !

O padre olhava-o, atemorizado.

O sacristão passou a mão pela fronte banhada de suor e, bruscamente, cortando as interro-

Desde que o avistei, que ia para o trabalho, após o jantar, alvejei-o e fiz fogo.

Elle cahiu pesadamente para diante, com os braços abertos, sem dar um grito sequer. Oh! elle estava morto, bem morto, porque o filho menor que o acompanhava sacudiu, varias vezes, o corpo, chamando o pai com voz entrecortada de gritos. Eu estava vingado, mas o remorso agora me mata. Absolva-me, meu padre!

O padre tinha cahido quasi desfallecido no encosto da cadeira, anniquilado, abafado por uma dôr medonha que o depedaçava interiormente, e uma torrente de lagrimas molhava-lhe o rosto.

O assassino levantou os olhos, e, após, sem a menor commoção, levantou-se lentamente, abriu a porta da sacristia e sumiu-se.

O padre Antonio, sempre debaixo do golpe da terrivel revelação, orava chorando com a fronte nas mãos. De quando em quando um soluço subia-lhe á garganta e murmurava á meia voz:

—Meu Deus! Meu Deus! Não de me julgar culpado, estou perdido...perdido...

O pobre homem soffria medonhas torturas moraes. Elle se via, pelo pensamento, accusado dum crime monstruoso; a arma homicida estava alli, na sacristia, num canto...e aquelle chapéo...aquella batina...Tudo ia denunciá-lo; e elle, o confidente daquelle crime; elle que conhecia perfeitamente o verdadeiro culpado, não podia abrir a bocca para sua justificação!

O segredo da confissão levantava-se diante de si; antes morrer que quebrá-lo.

Que situação horrivel lhe creava o dever!

O pobre padre estava acabrunhado e cheio de angustias, e as forças necessarias para enfrentar a lucta pareciam abandoná-lo.

Involuntariamente elle pensou na grande dor de sua velha mãe, quando ella soubesse pela voz publica que seu filho era accusado dum assassinato covarde.

Oh! não era possivel que a piedosa velha o julgasse culpado, mil vezes não!

O vigario lançou um olhar supplicante ao

gações do padre, poz-se de joelhos na sacristia, aos pés do sacerdote, dizendo :

—Sr. vigario, quero me confessar.

—Confessar-te !!

—Sim, sr. padre, e immediatamente, não posso mais com tanto remorso.

—Pois bem, reze o *Eu peccador*, e pôde começar, meu filho.

Inclinando a frente, elle fez precipitadamente sobre si o signal da cruz e disse, com voz rouca :

—Meu pae, me accuso de ter assassinado um homem !

O sacerdote estremeceu e abafou um grito.

O penitente continuou :

—Acabo de matar o Zé ferreiro, agora mesmo ; eu o execrava secretamente, o odiava cada vez mais por seu orgulho e desprezo a mim ; era preciso acabar com o odio que me devorava, e escolhi o dia de hoje.

—O' desgraçado ! desgraçado ! redarguiu o confessor ; devias ter orado, orado muito ; Deus ter-te-ia feito parar antes de te precipitares no abysmo.

—Orar ? ! murmurou o sacristão, nem me lembrei disso ; escute, meu pae, escute minha confissão até o final.

Hoje, cedo, no presbyterio, eu imaginei : Será hoje á tarde ! Tomei a espingarda de caça de v. revdma., puz duas balas nella, em seguida a escondi aqui, na sacristia.

O padre tornára-se pallido como um cadaver ; frio suor brotou-lhe na frente e seu corpo tremia involuntariamente.

—Meu Deus ! não pode elle conter-se ; essa espingarda...

Guilherme continuou :

—Quando v. revma., hoje, sahiu a visitar os doentes, eu tirei a espingarda que tinha occultado, revesti-me com sua batina, tomei o chapéo de abas largas que v. revdma. usa nas viagens maiores, e fui me esconder no capão fronteiro, onde o Zé ferreiro tem o côstume de passar para o trabalho.

grande Christo da sacristia, que, com os braços abertos e fronte coberta de sangue, parecia olhal-o e lhe sorrir com ternura.

—Meu Deus! que a vossa vontade divina seja feita e não a minha.

Elle invocou tambem Maria, a Virgem Purissima, a advogada de todas as causas, a mulher forte, em pé no Calvario, assistindo á agonia do Senhor.

Elle estava reanimado quando, de repente, da banda de fóra, o estrondo de centenaes de vozes fez-se ouvir. A porta abriu-se violentamente e a multidão entrou colerica, medonha, ameaçadora, bradando :

—Assassino ! assassino !

—Confessa o crime, miseravel ! gritavam uns.

—Hypócrita e fingido ! bradavam outros : olha a espingarda ainda alli ; o remorso não o deixou escondel-a.

O pobre padre, com os olhos baixos, conservava-se impassivel.

—Agarrem este covarde ! disse um que parecia a autoridade, e levemol-o para Berna, é lá que elle deve ser julgado e condemnado.

—Sim ! sim ! urrou a multidão, morte ao assassino !

O processo de Volneige se proseguiu activamente.

Dias após o padre Antonio teve de comparecer diante do juiz. O infeliz parecia ter envelhecido dez annos.

Seu rosto pallido e magro, seus olhos circulos duma cor violacea, seu andar tremulo, sua fronte curvada, tudo denunciava os terriveis sofrimentos moraes supportados.

Penetrando no recinto do tribunal de Berna soffreu uma violenta commoção ao antolhar sobre uma credencia, as provas de seu crime, a batinha, o chapéo e a espingarda.

A sessão começou com toda solemnidade.

A sala estava repleta.

A's interrogações do juiz o vigario respondeu calmo :

—Eu sou innocente !



O juiz, de novo, magestosamente :

—Em nome do Juiz, dos vivos e dos mortos, réo, fallai a verdade.

—Eu sou innocente, tornou a dizer o padre.

—Quem é então o culpado ? perguntou o juiz.

—Não sei, respondeu o sacerdote, é dever da justiça descobrir.

As testemunhas foram inquiridas. Eram numerosas.

Todas tinham visto o José ferreiro fulminado pela arma de fogo, cahido perto do capão, e haviam visto o padre Antonio fugindo, com o grande chapéo desabado e com a espingarda na mão.

A arma estava alli, diante do juiz, bem como as outras provas accusatorias.

Era inutil, pois, que o réo persistisse em se dizer innocente.

As testemunhas eram unanimes em condemnar o sacerdote.

Uma unica, pouco antes do conselho entrar para a sala secreta, levantou a voz defendendo-o; era o pequeno Gregorio, filho do morto.

A' todas as questões que lhe foram postas, elle respondeu :

—O padre Antonio não é o assassino de meu pai !

Essa revelação lançou a perturbação no espirito dos juizes e a sessão foi adiada.

O acusado começou a orar com mais fervor, reentrando para o estreito cubiculo de sua prisão.

Poucos dias depois, o juiz Hergoz, passeando n'uma area, circundada d'uma grande muralha, ouviu vozes infantis e parou prestando attenção.

Eram dois meninos de Volneige que fallavam animadamente.

—Estás convencido então, Gregorio, que o padre é innocente ?

—Sim, Gaspar, inteiramente convencido.

—E eu, Gregorio, tenho certeza que elle não matou teu pai.

—Como assim ?

—Escuta. Tu te lembras daquelle dia que estavamos no largo e que uma bóla de neve, lançada por ti, bateu no padre ?

—Lembro-me.

—Pois bem, vendo o sorriso e a bondade do sacerdote, eu, que sou filho de protestante e que nunca entrei em templo catholico, porque papai me prohibiu, entendi aquelle dia ir ver o que iria lá fazer o padre, tão cedo. Quando elle entrou eu me agachei e fiquei escondido, atraz d'um grande banco, para ver o que o padre fazia. Elle ajoelhou-se perto d'um altar que estava todo enfeitado, e alli ficou com a fronte nas mãos. D'ali a pouco ouviu-se um tiro e, minutos após, o sacristão entrou pela Igreja, fazendo um grande barulho. Dirigiu-se ao padre e o chamou para a sacristia, e, lá, não sei o que elles fizeram ; mas o certo é que, pouco depois, vendo o povo entrar e prender o padre, fiquei admirado e fugi com medo. Nada disse até agora, porque papai me prohibiu fallar.

O juiz, ancioso, offegante, e encurtando a respiração, não perdia uma unica palavra da conversa.

Uma luz brilhante illuminou seu espirito. Elle partiu para casa e mandou chamar o sacristão.

Fechado em seu quarto, resolveu ir ás ultimas para ver se seria feliz em seu plano.

—Guilherme, disse elle lenta e serenamente, tu és o assassino do José ferreiro ?

—Eu ? !... balbuciou o sacristão, que tornára-se livido.

—Sim, tu, nós temos as provas do teu crime.

—A justiça se engana ; eu estou innocente, gaguejou elle, todo tremulo.

O juiz fel-o calar-se.

—Eis o que se passou, disse elle ; tu premeditaste a morte do ferreiro e, para isso, não trepidaste em perder um innocente. Te vestiste com a batina do padre e tiraste a espingarda delle, em seguida te escondeste, esperaste o ferreiro e atiraste. Uma testemunha escondida atraz da Igreja te viu entrar com a espingarda na mão...

—Basta ! basta ! gritou o miseravel, cahindo de joelhos, eu confesso tudo.

O juiz estava radiante ; sua conjectura era, pois, verdadeira.

—Eu matei o ferreiro como dizeis, e, após o crime,

me confessei ao padre, de proposito, para que elle não me perdesse. Ai! estou perdido, perdido para sempre!

E o infeliz contou tudo o que se passou e a confissão que fizera ao padre Antonio.

—Deus é justo, disse o juiz, cedo ou tarde a verdade resplandece.

Um novo processo foi instaurado e Guilherme condemnado á prisão perpetua.

O padre, quando sahiu da sala da justiça, que estava repleta de povo, foi acclamado pela immensa multidão.

—Viva o padre Antonio! Viva o homem santo!

Elle voltou para sua pobre freguezia e lá continúa sem affectação a cumprir seus deveres parochiaes. Todo o mundo o ama como a um pae e o venera como a um santo do altar.

Em sua passagem pelas ruas os meninos se descobrem com respeito mysterioso e dizem em voz baixa, uns aos outros:

—*Eis o martyr do dever, eis o santo do segredo da confissão.*





## A florzinha dos bosques



"Deixai os meninos virem a mim : delles é o reino dos céos."

O Salvador bemdito, ao pronunciar essas palavras adoraveis, ant'olhava já centenares de grandes homens que haviam de seguir seu exemplo, na educação da infancia.

Gerson, o famoso chancellor de Paris, admiravel na sciencia e na piedade, e a gloria da França em seu seculo, honrava-se ensinando o catechismo a centenares de crianças numa pobre freguezia de Lyão (França). Como varios doutores da Sorbonna levassem a mal que um professor tão sabio e chancellor da Universidade se rebaixasse assim, Gerson respondeu-lhes :

—Os senhores julgariam a Universidade rebaixada se eu fosse preceptor do Delphim ? se eu fosse mestre do filho do rei da França ?

Pois esses meninos pobres são filhos de Deus, e eu me orgulho em lhes ensinar a doutrina do grande Mestre.

E' conhecido de todos o caso do celebre philosopho e revolucionario francez, pai da impiedade no seculo dos philosophantes.

Um dia, varios amigos e incredulos como elle ao entrarem em sua casa, o apercebem ensinando amavelmente o catechismo á sua filha.

Tomados de espanto lhe perguntam como elle ensinava o catechismo, uma antigualha, tão combatida por todos, á sua filha ?

—Não conheço livro melhor para fazer a felicidade humana que esse!

Para a vida e para a morte, o catechismo é o rei dos livros, e, por isso, em todos os tempos, grandes homens se honraram ensinando-o a seus filhos.

A Igreja Catholica obriga os seus parochos a ensinall-o a seus parochianos, e o cura de almas que faltasse a essa obrigação seria responsavel, aos olhos de Deus, da ignorancia de seus freguezes.

A proposito, contarei aos meus leitores um caso succedido em Roma, que, estou certo, agradará aos verdadeiros catholicos que julgam a felicidade verdadeira morar, não no mundo, mas além tumulo, lá, onde moram a paz e o contentamento pleno.

Havia em Roma, ha annos, um bom e santo prelado, que se comprazia sobremodo em ensinar a doutrina aos meninos pobres.

Quando na rua encontrava bandos de crianças desvalidas, elle as reunia em torno de si e lhes fallava, em linguagem singela, de Deus, da eternidade e da alma.

Seu rosto modesto e risonho, o encanto e a doçura de seus modos e a delicadeza de sua caridade, se propalaram e ganharam a confiança do rebanhosinho, e todas as vezes que atravessava o Transtevere, uma multidão alegre e travessa o seguia. Elle entrava, de preferencia, numa Igreja da visinhança e lá instruia as crianças.

O respeito do santuario impunha logo silencio á turbulenta assembléa, depois as fileiras se formavam e viam-se as cabecinhas louras inclinadas, e os olhos avidos fixos no mestre.

Havia uma semana para os meninos e outra para as meninas.

Entre estas, notou-se um dia uma menina intelligente, que, ouvindo fallar de Deus pela primeira vez, e ouvindo contar a Paixão do Salvador, ficou arrebatada. Era orphã de pai e mãe e havia sido creada por uma velha tia, que na sua pobreza partilhava a magra sopa com a innocente.

Após o catechismo dirigiu-se ao prelado e perguntou-lhe :

—Será verdade, meu padre, que o Salvador morreu por mim sósinha ?

—Não, minha filha, elle morreu por todos os homens.

—Mas, reperguntou a criança, pensava Elle em mim quando estava na cruz, me vê agora e sabe meu nome ?

—Certamente, filha, Jesus pensava em cada um de nós, quando morreu ; ama todas suas creaturas, sabe o nome de todos e vê o bem e o mal que cada um faz.

Essas palavras de tal modo gravaram-se no espirito da criancinha, que ella só pensava em Jesus. Com algum dinheiro que obtivera, vendendo flores, trocou uma pequena imagem do Crucificado, e essa imagem, que lhe recordava sempre tudo o que o Salvador soffrera por ella, nunca mais sahio de seu pensamento.

Seus maiores prazeres era quando estava sósinha embevecendo-se diante do Senhor.

Pouco a pouco, sob a influencia da graça, notaram-se nesta alma amante e abandonada de todos, transfigurações sublimes.

A vida cheia de distrações, na cidade, tornou-se-lhe insupportavel ; tudo o que não fallava de Deus a prostrava.

Como todas as almas superiores, ella apaixonou-se pela solidão e buscou-a. Separou-se de Roma e refugiava-se n'um pequeno bosque visinho da cidade. Lá, em companhia do Crucificado, passava horas felizes, tornando-se de dia para dia mais humilde, mais recolhida, mais amorosa, e semelhando antes um anjo que uma creatura humana.

Suas companheirinhas, que sabiam disso, a deixavam em paz, rodeiando-a de tal veneração, que ninguem a reprehendia e começaram a chamal-a *florzinha dos bosques*.

Florzinha dos bosques fez sua primeira communhão com uma piedade angelica.

A presença de Jesus Christo naquella alma privilegiada acabou o que a graça e a solidão haviam principiado.



A criança parecia nada mais ter de commum com o que é humano.

Sua figura pallida, tóda aureolada de celeste innocencia e candura, elevava as almas e fazia pensar-se nesses typos d'innocencia ideal, immortalisado pelo pincel de Fra Angelico.

O povo começou a se occupar dessa criança e a rodeial-a de veneração.

O prelado, seu catechista, via com prazer o dedo de Deus que operava prodigios naquella alma.

Entretanto, nos fins de Junho, passou-se uma semana inteira, sem que ninguem visse a florzinha dos bosques.

Começaram a temer que lhe tivesse acontecido alguma desgraça. Ella tornava-se cada vez mais fraca e a vida parecia abandonal-a.

Suas companheirinhas se incommodaram e o bom prelado não poude tambem conter-se.

Guiado pelo bando das innocentes entrou pelo bosque onde, ella tinha o costume de procurar a solidão.

Era um desses raros capões, que se encontram no caminho de Roma a Frascati.

No mais espesso do capão e sob uma especie de berço formado de fragrantés loureiros achou-se a pequenina deitadinha sobre um leito de folhas. As mãos estavam postas na attitude da oração e cerravam ainda a imagem do Crucificado.

Approximando-se mais, viram que ella estava morta !!

O bando de crianças pôz-se instinctivamente de joelhos, soluçando.

O prelado, cuja voz trahia a profunda commoção que se passava em sua alma, disse :

—Não choreis, minhas filhas, foi o bom Deus que veio colher a *Florzinha dos Bosques*.





## S. JOSÉ E O MENINO CATHOLICO



Na França, Belgica, Hespanha, Portugal e em todas as nações catholicas da Europa, os pais de familia e os parochos têm grande cuidado na preparação dos meninos para a primeira communhão.

No dia da primeira communhão, os meninos se vestem do melhor modo que podem e pedem a benção a seus pais. Em seguida, dirigem-se á Igreja, e, todos incorporados, assistem á missa e cantam hymnos piedosos acompanhados a harmonium. Terminada a missa, sahem em procissão pelas ruas da cidade.

Os meninos vão com a bandeira do Bom Jesus e as meninas com a bandeira de Nossa Senhora.

Quasi sempre os pais acompanham os filhos á sagrada mesa e, na procissão, muitas vezes, alguns choram como crianças, ao notar a piedade e o fervor dos filhos.

Como é bella a religião catholica! A proposito, contarei o seguinte-facto aeontecido ha poucos annos:

N'uma freguezia da França, estava o parochò a preparar um grupo de meninos para receber a Nosso Senhor, pela primeira vez.

Tinha escolhido o dia de S. José, de quem era ardente devoto, para offerecer ao Bom Jesus esses corações innocentes.

Dous dias antes da primeira communhão, estava o piedoso pastor na Matriz, a preparar os meninos, lhes ensinando o catechismo.

De repente, faz entrada no templo sagrado um homem, um artista da terra, com o rosto severo e os olhos faiscando de colera. Adianta-se para o meio dos meninos.

O sacerdote dirige-se mansamente ao temerario e lhe pergunta :

—Meu amigo, que deseja ?

—Vim buscar meu filho, respondeu o artista.

Todos os meninos ficam tristes e olham com piedade para o pequeno José, que, pallido, considerava o pai.

—Senhor padre, continuou o homem, quero meu filho e immediatamente. A mãe é catholica, eu, porém, não o sou, e meu filho jamais o será.

—O senhor me espanta, meu amigo, nós só recebemos á primeira communhão, crianças baptisadas catholicamente. Seu filho não o foi ?

—Sim, sr. padre, e eu mesmo assisti a cerimonia do baptismo d'elle ; até aqui elle tem seguido a religião da mãe, porém d'ora avante, seguirá a minha, será protestante.

Dizendo isto, agarra violentamente a criança por um braço e brada :

—Caminha para adiante, que hoje temos que ajustar contas !

O vigario interpõe-se entre o pai e o filho, e, então, passa-se uma scena commovente.

A pobre criança cahe de joelhos aos pés do artista, e, com as mãos juntas e os olhos arrazados de lagrimas, diz :

—Meu pai, eu vos serei sempre obediente, eu vos amarei de todo coração, mas, pelo amor de Deus, deixai-me na religião de mamãi ! Eu quero viver e morrer catholico.

A essas palavras os soluços embargam-lhe a voz. Todos os meninos choravam igualmente.

O pai conservou-se inflexivel e severo. Apenas, á força de instancias, dirigiu-se para a porta da Igreja e ficou esperando o fim do catechismo, para então levar o filho.

Ao terminar a cerimonia, o menino estava pal-

lido e tremulo. O padre estreitou-o ao peito, dizendo-lhe :

—Estás com medo, meu José ?

—Sim, meu vigário, estou com medo, mas é por mamã, coitadinha ; quantos máos tratos vai sofrer hoje, por minha causa !

—Tem confiança, meu filho, respeita teu pai, e obedece-lhe em tudo, mas no fundo de teu coração dirige tuas orações a S. José, que te ha de valer.

Elle sahio da Igreja e todos os meninos, com o vigário, começaram a orar para que S. José viesse em soccorro de seu protegido.

Na manhã seguinte, á hora do catechismo, todos compareceram, mas o logar de José estava vasio.

Que acontecera ?

Chegado a casa paterna, o pai levanta o braço para bater nelle ; a criança se lança de joelhos, abraçando-lhe os pés, e molhando suas mãos com lagrimas.

—Meu pai, diz elle, não me bata, mas deixe-me fazer a minha primeira communhão, não dê tantos desgostos á mamã.

O pai perdoou, mas não desarmou a colera e o odio contra a religião catholica.

Levou o filho para o trabalho e jamais o perdia de vista. O menino trabalhava, chorando, e não quiz almoçar nem jantar.

Quando o sino da Matriz tocava para o catechismo dos meninos, elle ia prostrar-se de joelhos aos pés do pai, para que o deixasse ir tambem.

O artista, porém, estava inflexivel e severo, a nada attendia.

Entretanto, no dia da festa de S. José, cêdo, ao chegar a Igreja, o piedoso parochio viu seus meninos todos, mas faltava José, como sempre.

—O' Jesus, ó Maria, exclama olhando para a imagem do Salvador, deixareis perecer o cordeirinho vosso ?

—O' São José, não guiareis para aqui vosso pequeno protegido ?

Immediatamente elle ouve na porta da egreja a meninada a gritar :

—O' José, viva, viva !

Olhou e viu José que entrava, radiante.

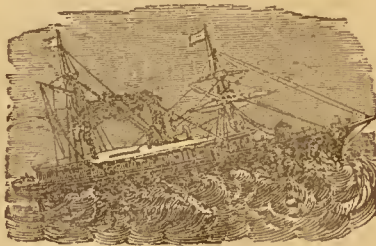
Via-se que elle tinha soffrido bastante ; mas como estava contente no meio de seus compa-  
nheiros !

Redobrando a alegria geral, redobrou tambem o fervor de todos, e poucas horas após, Deus entrava pela primeira vez nesses corações puros e innocentes, e José parecia um anjo de piedade na mesa da Eucharistia.

Enternecido pelas lagrimas e pedidos incessantes da esposa e do filhinho, e piamente o cremos, tocado pela graça de Deus e pela intercessão do glorioso patriarcha S. José, o artista determinou-se a deixar o innocente seguir a religião materna.

Deus te salve, meu glorioso S. José, protector da innocencia e arrimo certo de todos os que te invocam com rectidão ! Protege os meninos brasileiros e defende-os das escolas sem Deus !





## A Estrella dos Mares



Vae em alto mar a corveta indiana ; dentro, muitos passageiros, entre os quaes um zeloso missionario, filho e devoto fiel da augusta Mãe de Deus.

Vae em alto mar a corveta indiana !

A' meia noite, contra a expectativa geral, o mar começou a engrossar e o navio a balouçar de tal modo, que todos se levantaram dos leitos, e á proporção que marchavam, uma vaga e incomprehensivel agitação apoderava-se dos animos.

Uma lufada impetuosa de vento inclinou o navio a ponto de ficarem detidos.

No mesmo instante ouviu-se um ruido terrivel.

Os mastros da gavea, quebrados pelo choque, cahem, trazendo na queda as vergas carregadas com as velas e todo o apparelho ; duas embarcações pequenas foram arrancadas dos logares e ficaram para sempre perdidas.

Espectaculo horroroso ; a morte ! e morte em pleno mar, apresenta-se tremenda, diante de todos.

As mulheres gritavam desesperadas, e muitos homens, correndo para uma e outra banda, augmentam o horror e a confusão.



O missionario, então, grave e sublime, arranca o crucifixo debaixo do habito e, levantando a voz poderosa, diz :

—Irmãos, todos de joelhos ; façamos um acto de contricção, porque vou dar aos que quizerem a absolvição, que provavelmente chegou nossa hora suprema.

Quasi todos receberam a absolvição.

Durante esse tempo a queda dos mastros tinha permittido ao navio indirectar-se algum tanto ; a agua entrava ainda, mas era em menor quantidade e por intervallos.

Muitas pessoas aproveitaram-se desse momento para se confessar melhor ; outros não o puderam ainda, mas prometteram fazel-o depois.

Estava-se nisso, quando se ouviu a voz do commandante que gritava :

--Todos para cima !

Era o momento decisivo ; todos subiram ao convéz, á excepção das mulheres.

Entre estas estava uma senhora franceza, com dois filhinhos nos braços.

Pobre mãe !

Só ella poderia dizer o que sentia seu coração, quando depois de ter visto o marido subir para o convéz, levando-lhe um dos innocentes, viu o missionario, que tambem ia partir.

A pobre mãe estava ajoelhada n'agua, apresentando o filhinho ao sacerdote e pedindo para elle e para ella uma benção, que julgava final.

—Dei-lh'a, diz o missionario, com o coração partido pela commoção, retirando-me precipitadamente para não chorar.

Um outro espectáculo, e mais triste talvez, apresentava-se lá em cima do convéz.

O céo estava tão escuro que não se podia ver um ao outro.

A chuva era tão abundante e forte que parecia ser um novo e temeroso diluvio.

Os mastros cahidos rolavam de um para outro lado, augmentando os balanços e a confusão.

Fatigavam enormemente o navio e o faziam continuamente abysmar-se, ora de uma, ora de outra banda ; a cada instante os passageiros

tremiam, e, fazendo o signal da cruz, pensavam ser submergidos, apezar de toda a intelligencia e pericia do digno commandante e da valente equipagem que o auxiliava.

Desde o começo da tormenta os officiaes e a marujada rivalisavam de prodigios para lutar contra a horrorosa tempestade.

Tudo o que é dado ao homem fazer em semelhantes circumstancias elles o faziam.

Mas o que podem a intelligencia e a habilitade humanas, contra a furia dos elementos!

O navio, alijado por uma habil manobra, era impellido valentemente para terra, que os marinheiros julgavam ainda bem longe.

Reunidos em immediato conselho, os officiaes tomaram uma resolução unanime. Julgaram ser melhor dar á costa e iam tudo praticar para esse fim.

De repente, em um vivo clarão, a terra mostrou-se bem perto de todos.

Quando muito duas milhas além, mas muito mais perto, estava uma comprida linha de recifes!!

Parecia, portanto, que a morte era inevitavel!

O commandante ordenou uma certa manobra, que infelizmente não pode ser executada, porque o navio não obedecia mais ao governo; ia, pois, á ventura, ou, antes, guiado pela Providencia.

Estavam chegando aos cachopos.

Nesse momento, o mais perigoso de todos, o commandante gritou com voz forte:

— Todos para cima!

Correm de toda a parte; parecia o juizo final.

Reunidos ao pé do missionario, todos puzeram-se de joelhos.

Este olhou para os bravos marinheiros, abençoando-os.

Nesse instante solemne, um quadro horroroso se apresenta a todos os olhos.

As mulheres tambem hayiam subido.

A pobre mãe (franceza) se descuidára um pouco e a criancinha cahira ao mar.

Aquella mãe, em desespero, quiz tambem se atirar em busca do filho querido.

Um heroico official, beijando precipitadamente a mão sagrada do missionario, atirou-se no meio das ondas revoltas, gritando :

—Mãi das Dores, salvai o innocente !

Tres vezes gritou no meio da completa escuridão.

Depois do terceiro grito nada mais ouviu-se, senão o barulho immenso do tufão.

Tudo parecia perdido !

Entretanto, no navio, aquella mãe infeliz, no excesso da dor, não queria ouvir consolação, e em altos brados pedia a todos a morte.

De repente o navio parou violentamente.

Providencia divina ! Estrella dos mares ! Estavam todos salvos !

O navio parára nas praias da ilha da Celebridade. Amanhecia.

Os desgraçados, desembarcando, prostraram-se todos de joelhos, dando um grande grito de alegria.

Acabavam de avistar o valente official, que se approximava com a criancinha nos braços.

A virgem, toda poderosa, salvára aquelle que a invocára com confiança, e ouvira as orações que seus devotos a Ella dirigiam.

D'ahi a tres mezes a corveta indiana fazia de novo vela, seguindo o rumo primitivo, e todos, contentes e alegres, bendiziam mais que nunca a *Estrella dos mares*.





## O CRUZEIRO



Numerosos grupos de alegres romeiros procuram os penates.

A festa da Abbadia havia tido, como de costume, um concurso extraordinario.

Os ultimos carros se despediam de Agua-Suja.

Tres viajantes ainda imberbes, de chapéos desabados, com seus instrumentos musicaes a tiracollo, e que haviam partido da povoação pouco depois do meio dia, apressavam o passo das cavalgadas para pousarem antes que a noite cerasse.

Os viajantes (cousa rara entre musicos) marchavam em silencio. Ouvia-se apenas o barulho das patas dos cavallos batendo no chapadão duro, e ao longe o cantar monotono dos carreiros que com grandes varas de *ferrão* em punho, *falla-vam* aos bois :

—Carréga, *Lavrado* ; olha este boi não é uma tentação, Senhor ! Menino, chama a *guia* direito, senão hoje não chegamos ao cõrrego da Braúna.

De quando em quando, rostos de sertanejas, tostados pelo sol, se alõngavam no fundo dos carros e olhando curiosamente os viajantes, ouviam-se exclamações :

—Olha, *sa* Lena, são os moços da *musga*.

E a rapaziada passava enthusiasmada.

—Bõa tarde, amigos.

—Bõa tarde, bradavam os carreiros,

E as roceiras cochichavam umas com as outras, olhando os moços.

—Um é filho da Sinh'Anna, disse uma dellas, os outros não conheço.

—O que vai atraz é um que anda sempre com os protestantes; ainda ha pouco elle atirou um bando de santos ao fogo.

—Cruzes ! Ave Maria ! disseram as moças, per-signando-se.

—Vamos, moçada, bradou a voz vibrante do carreiro, vamos cantar a toada do boiadeiro, para cortar a tristeza do chapadão.

As moças encolheram-se logo, olhando, a sorrir-se, umas para as outras.

—Papai tem cada ideia, gentes ; o que parece uma menina cantar no meio da estrada ?

O velho carreiro, de pé firme, começou sozinho a velha e popular canção :

Oh ! que triste vida  
Passa o boiadeiro,  
Sempre o dia inteiro  
Nessa eterna lida !

Mais adiante outros carreiros, outras comitivas de divertidos romeiros alegravam a estrada, afugentando a monotonia do chapadão.

—Por minha fé ! vociferou um dos viandantes, quebrando o silencio, nós hoje estamos como freiras.

—Como assim ?

—Ha seguramente duas horas que não conversamos.

—Tambem conversar sobre o que ?

—Ora....ora....por exemplo, sobre a festa da Abbadia.

—A proposito, disse o terceiro, que até então estivera carrancudo, sabes que é uma invenção dos padres esse nome de Abbadia, e que não ha essa tal Senhora ?

Os dois o olhavam espantados.

—Então, como foste lá tocar durante a festa ?

—Hom'essa, eu fui para ganhar dinheiro, e não

por devoção, respondeu elle, encolhiendo os hombros.

E os padres fazem o mesmo : sim, continuou elle, animando-se, digam-me os senhores padres, quem é essa Senhora da Abbadia ?

Pomada, pomada tudo ; eu creio em Jesus Christo, sou verdadeiro christão, mas não posso dar peso a uma multidão de invenções, verdadeiras *catitas*, com que os senhores padres encham os templos para explorar a ignorancia do vulgo.

Lá ao longe o caminho bifurcava-se, e num extremo da estrada, um capão enorme alegrava a vista do viandante, como que o convidando ao repouso.

Na orla do mesmo, mãos piedosas haviam plantado um grande cruzeiro que, com seus braços abertos, inspirava respeito e fé.

—Outra bobagem, outra asneira, disse elle, ao aperceber ao longe o cruzeiro santo : como pôde um filho amar o instrumento que matou o pai ?

Bemdito seja o governo dos Estados-Unidos que para aqui mandou o Boyle ! Sim, meus amigos, eu sou christão, mas protestante, graças ao Boyle, que me arrancou do captiveiro da Baby-lonia.

Eu odeio a cruz, porque ella matou Jesus, Nosso Salvador.

Os dois amigos não quizeram discutir, mas um delles sempre aventurou-se a dizer :

—Eu sigo a lei de meus pais e amo a cruz porque ella me desperta a lembrança de meu Deus.

—Bôbo, idiota, pois amarias o revolver que matou teu pai ?

—Mas, Joanico, quem matou a Jesus foram nossos peccados e não a cruz.

—Qual carapuças, eu não faço caso de um páo secco, que só poderá servir para se enforcar malfeitores.

—Mas, Joanico, foi nesse páo secco que o Senhor derramou seu sangue.

—Não te julgo com capacidade para discutir commigo, pois fui educado na escola de Boyle, e você nunca sahio do *Guatambú*.



O sangue ia-lhe subindo á cabeça : duas ou tres vezes elle tinha já visitado a garrafa de "pinga" que trazia na garupa, e os outros achavam melhor guardar prudente silencio.

Ao passarem diante do santo cruzeiro elles descobriram-se piedosamente ; uma gargalhada sinistra respondeu a saudação dos dois moços.

—Vocês vão ver como eu saúdo o páo secco.

E approximando o cavallo, elle escarrou no cruzeiro.

—Nossa Senhora ! Deus te perdôe, Joanico, falou um delles.

O outro apeiou-se e pondo-se de joelhos, beijou o santo lenho, como que pedindo a Deus perdão pelo insulto soffrido. Era demais para o orgulho do protestante.

A paixão do sectario e a soberba do herege explodiam.

Alli, na beira da estrada, á tardinha, passou-se então um espectáculo monstruoso e infame, que devia gelar de horror os dois viandantes, espectáculo só digno dos judeus e dos loucos.

O sacrilego levantou o braço armado com um rebenque, e, rapido como o bote da cascavel, tres vezes chibatou o lenho santo ! !

O céu continuava calmo e tranquillo como se nada houvera passado.

O sol, derramando seus ultimos raios de luz sobre a terra, parecia uma lampada immensa, que bruxoleia e doudejando vagarosamente sobre as montanhas, ia, no dizer do principe dos poetas de nossa lingua : Levar aos antipodas o dia.....

Lgrimas como punhos corriam pelas faces dos dois medrosos espectadores dessa scena.

—Nossa Senhora ! meu Deus ! Nossa Senhora ! que horror ! não pode deixar de clamar um delles.

—Deus te perdôe, Joanico, disse o outro, você hoje parece louco.

O protogonista dessa abominação estava pallido como um cadaver na sua parada suprema, velado pelas luzes tremulas dos cirios.

Não era o medo, porém, não era o terror religioso, pois educado nos prinípios protestantes,

imbuido na fé selvagem e estúpida da Reforma, que apregôa o odio da cruz e das imagens, Joanico julgava agradar á divindade, profanando, como o fizera o povo hebreu, o instrumento do martyrio do Bom Jesus.

É essa *troça* que ás dezenas, bolsos repletos de libras esterlinas e malas peçadas de biblias falsas, as sociedades *americanistas* dos Estados Unidos vomitam nas nossas plagas para americanisar o Brasil e arrancando-nos a fé de nossos paes e nos brindar com seu *doce protectorado civilizador* !!!

—Vamos, rapazes, deixemos o pão secco para os idiotas e para os fanaticos.

E cavalgaram de novo, vencendo em pouco a distancia que os separava do pouso.

A' porta da pobre morada do lavrador honrado os aguardava fraternal acolhimento.

—Bemvindos, sejam, senhores, bradou este, já me cansei de os esperar, e a patrôa insistia para que eu jantasse; mas tinha certeza de que os senhores viriam.

—O' José Miguel, bôa tarde.

Bôa tarde.

—Como vai essa força?

—Deixem os animaes, senhores musicos, que os meninos tomarão conta delles,

—Perico? Jonas? gritou José Miguel, onde estão estes meninos? meu Deus, parece que andam com *bicho carpinteiro* no corpo.

Dous rapazolas sahiram, correndo, do funido do quintal e tomaram á sua conta os animaes.

—Então, senhores, como foram de festas? inquiriu o lavrador.

—Como sempre, seu Zéca, muita concurrencia e muita harmonia.

—Louvado seja Deus, é um milagre de Nossa Senhora; 10 e, ás vezes, 12 mil pessoas, quatro e mais dias reunidos, e nunca acontece desgraça.

—Isso é devido a bôa indole de nosso povo, José Miguel, contestou Joanico, e não á religião.

José Miguel, homem religioso, carregou os sob'olhos e redarguiu:

—Homem, meu rico senhor, eu sou um pobre roceiro e nem sei ler, mas não creio que haja paz e respeito onde não está Deus.

—E' verdade, mas você crê que Deus está alli? você crê que ha essa Senhora da Abbadia?

José Miguel, com a bocca escancarada, o olhava estupefacto e como que fóra de si.

—Como? pôr em duvidá a existencia da Abbadia, a Virgem milagrosa do sertão, a madrinha de seu filho Jonas?

Era demais; José Miguel não podia consentir essas conversas em sua casa.

Felizmente um dos musicos interveiu:

—Que aquillo era brincadeira do Joanico, para ouvir o que elle diria.

A patrôa tambem pôz agua na fervura, gritando:

—O jantar está na mesa!

Era o que ambicionava a rapaziada.

—Sim, senhor, sua dona tem dedo para a cozinha, *seu Zeca*, disse um dos musicos.

—Ora, meu senhor, é bondade sua, o que pôde preparar uma pobre roceira, criada no matto?

—E' nas florestas, minha senhora, onde se encontram as flores mais viçosas, sentenciou Joanico, como que fazendo alarde de ostentar a sabedoria engarrafada, que em seu cerebro armazenára o ministro protestante Boyle.

A mulher, porém, não sorriu, não agradeceu, pois ouvira muito bem sua conversa de ainda ha pouco.

Joanico fingiu não reparar e atirou-se á comida como gato a bofes, dizendo logo:

—O' José, onde está tua "pinga," homem? pois estou com a guela secca e este pedaço de leitôa não quer descer.

A patrôa, com muito acanhamento, trouxe meia garrafa.

Era a unica que havia em casa, que desculpassem.

—E' da braba, opinou Joanico, virando uma chicara della; isso não é *cachaça*, é *restillo* e do puro,

Quando sahiram da mesa nosso heróe tinha o rosto afogueado e o ventre repleto.

—Deixa a "pinga" ahi, José Miguel, que esse resto hoje é nosso.

Repotreado n'uma cama, com os olhos rubros pelo calor do alcool, começou a cantarolar :

A cachaça é bôa,  
Eu d'aqui não saio,  
Aqui mesmo eu bebo,  
Aqui mesmo eu caio.

O roceiro, que se aperebera, tratou de demorar-se pouco na sala e sob pretexto de uma dôr de dentes, fantastica, não tardou a dar a seus hospedes o costumado :

—Com Deus passem a noite, meus senhores.

—Bôa noite, braçaram os moços.

.....

Rompia a madrugada. Os gallos já ha muito a haviam anunciado.

Os nossos tres viandantes tinham ido ao pasto procurar a tropa, e a patrôa preparava *uma fritada* e uns bôlos para o famoso tira-jejum do sertão.

Os dois moços voltaram logo com seus animaes ; Joânico, porém, demorava-se ainda, e tanto que começou a inquietar.

—Que será ? eu me admiro, porque o pastinho é bem seguro e pôde ter, no maximo, um alqueire, disse José Miguel.

Perico entrou offegante e quasi sem poder fallar.

—Papai...papai...minha Nossa Senhora da Abadia...

—Que é isso, menino, que é ??

—O moço...está morto !!

—Estás doido, Perico ???!!!

E os tres sahiram, correndo.

Num dos lados do pasto, no fundo de um desbarrancado, quasi assentado, estava Joânico

morto, como se fôra fulminado e com o braço estendido, *o mesmo que tinha açoutado o Cruzeiro da estrada.*

Os dois musicos olharam-se aterrados, e por maiores esforços que empregassem para pôr o braço na posição natural, quando o amortalharam, foi impossivel.

Ao deital-o no caixão mortuario foi preciso partir o braço.

Deus, muitas vezes, espera o insensato, porque sua Infinita Piedade é incomprehensivel ao homem, mas, ás vezes, semelhante ao relampago, elle fere, porque na Escriptura sagrada é chamado Deus da Justiça.





# A ira do tropeiro



Arre! que não posso mais com esta vida, dizia o velho tropeiro, caminhando lentamente pelo largo chapadão que da Formosa vai ao Moquem.

O sol estava a pino e dardejava seus raios igneos sobre a fronte espaçosa do caboclo, obrigando-o, de vez em quando, a tirar o guampo da garupa e a humedecer a gartanta com um trago da "patricia".

A tropa do rico negociante da Rancharia já tinha seguido para o Moquem, e o tropeiro Cuaticôco ficára atraz, campeando tres bestas que se tinham apartado da comitiva.

As fugitivas seguiam monotonamente, enquanto Cuaticôco monologava :

—Se eu hoje caminhar seis leguas, vou esbarrar com a tropa. E como agora já estou no Alto dos Papudos, é provavel que seja feliz.

Com effeito, numa eminencia, em frente, viram-se mal alinhados, uns trinta ou quarenta ranchos, mal feitos e cobertos de palhas de burity. O povo appellidára aquelle logar—O Alto dos Papudos.

Bem no alto uma das fugitivas desmandou-se das outras e começou a encolher o lombo, ameaçando saltar, pois a carga estava torta.

O caboclo galopou, procurando cereal-a e concertar a carga.



—Ki-á, ki-á, ki-á, cantarolou elle para deter a alimaria.

Immediatamente um côro immenso e fornido, uma verdadeira tempestade de vozes, trovejou:

—Ki-á, ki-á, ki-á.

Cuaticôco, com o rosto sombrio, olhou para a frente.

Em todas as portas e janellas daquella multidão de ranchos, divisavam-se os papudos, que se riam, ás gargalhadas.

Perto d'elle, retirado poucos metros, na porta do primeiro rancho, estava um typo do papudo sertanejo.

Gordo, chato e parrudo, camisa de algodãozinho aberta no peito, braguilhas desconformes, tinha um papo atrevidaço, cheio, *morrudo*, como uma casa de cupim, que lhe cahia insolentemente até o umbigo!!

Aquelle era o chefe do commercio.

Cuaticôco apeiou-se e segurou a alimaria.

—Apeiou...bradou o chefe dos papudos.

—Apeiou..... apeiou.... apeiou.... responderam em côro os papudos todos.

—Amarrou a besta, continuou o chefe.

—Amarrou, amarrou, amarrou, continuou como um écho, o povo do logarejo.

E dahi em diante, continuou mais feroz, mais tempestuosa aquella saraivada.

—Derrubou carga.....

—Derrubou, derrubou, derrubou.....

—Concertou.....

—Concertou, concertou, concertou.....

—Apertou o ligal.....

—Apertou, apertou, apertou.....

De vez em quando, collocando os dois dedos minimos na bocca, elles troçavam o caboclo, passando-lhe uma saraivada de assobios:

—Fiáu, fiáu, fiáu, fiáu, fiáu.....

—Tocou o burro.....

—Tocou, tocou, tocou.....

—Fóra o tropeirinho.....

—Fóra, fóra, fóra.....

Ai, meu amo, (me disse depois o tropeiro) naquella hora eu estava frio como um defunto.

Eu senti como uma zonzeira nos ouvidos e minha vista escureceu, que eu não enxergava mais nada desta vida. Minhas carnes tremiam, como a rez que está amarrada no poste para ser sangrada.

Rapido como um relampago, elle arranca da cinta a garrucha comprida, sua companheira inseparavel de sempre, e alvejando o papudo da frente, fez fogo.

Ao estouro do tiro, ouviu-se um grito agudo, estridente e medonho, ao mesmo passo que o baque de um corpo, que cahia pesadamente ao chão, fazia-se igualmente ouvir.

No mesmo instante todas as portas e janellas fecharam-se, como por encanto, e os papudos ganharam as capoeiras, fugindo em debandada.

Pulando rapido na sella, sempre com a garrucha na dextra, com o rosto carrancudo, sublime de audacia e de ira, Cuaticôco atravessou o arraialete e continuou a marcha.

Quando, á tardinha, encontrou a tropa, respirou desafogadamente.

—Olá! companheiro, então sempre achaste as fugitivas?

Vamos a um gole, caboclo, tu bem o mereces.

—Viva o compadre Cuaticôco, gritou um *fusco*, que vinha chegando do correjo, onde fôra lavar os pratos.

—Viva! viva! bradaram todos.

—Viva o rei dos campeiros! Viva! viva!

O caboclo não tardou a esquecer-se do caso e a entrar na alegria geral.

Quando, porém, já pela noite a dentro, a terra toda na quietação e no silencio, e finalisada a prosa da companheirada, elle ganhou o leito, o remorso começou a alfinetar-lhe a alma.

—Ai! Minha Nossa Senhora da Abbadia, que desgraça!!! murmurava elle imperceptivelmente, como fui fazer esta morte?!! e os padres dizem que quem derrama o sangue do proximo não pôde ver *as faces* de Deus!!! o que ha de ser do filho de minha mãe, na hora da morte? Xi...i...i...

E elle olhava espantado para as estrellas, que

serenamente derramavam torrentes de luz sobre a natureza inteira.

Uma coruja começou a piar sinistramente, da outra banda do correço.

—Máu agouro, gritou o cozinheiro da tropa, persignando-se.

Cuaticôco estremeceu.

Um suor frio começou a humectar-lhe as fontes.

—Que desgraça, minha Mãe Maria Santissima ! quando Bininha souber, é capaz até de apartar-se de mim !! Ha tantos annos que estamos casados, nunca tivemos um bate-bocca, e agora estarei em papos de aranha !

O caboclo foi interrompido no seu monologo, pela voz do cozinheiro :

—O' Chará !

Cuaticôco voltou a cabeça.

—Que é ?

—Onde está a viola do Timpim ?

—Está na canastra do compadre chará Gambá.

—Bom. Vou cantar uma *tyranna* para matar as *sodade* da Rancharia.

Dizendo isso, correu os dedos na viola, da prima até o bordão, e depois de afinal-a, começou com a voz plangente e terna dos nossos sertanejos:

Fui no jardim passeiar,  
Vi um cravinho cahido;  
Era a alma da Tyranna  
Que pr'o céo tinha fugido.

Vou-me embora, vou-me embora,  
La pr'o sertão das Geraes.  
Quando a alma sahe d'um corpo,  
Não volta, não volta mais.

A viola chorava, n'uns gemidos ternos, suaves, que pareciam os adeuses ultimos do caboclo, assistindo á agonia da Tyranna.

Cuaticôco sentiu uns arrepios no corpo, provocados pelos soluços da cantiga sertaneja

—Olha, chará, canta alguma cousa alegre, para

entusiasmar a gente, que isso parece dobre de finados.

O fusco correu os dedos pela viola e continuou, mudando de toada :

Dizem que a mulher é falsa,  
Tão falsa como um papé,  
Mas quem vendeu Jesus-Christo  
Foi homem, não foi muié.

A camaradagem ainda estava quasi toda desperta.

Uma roda de palmas saudou a trova.

—Bravos ! caboclo, bravos !

A viola agora continuava n'um *rasgado* quente :

Você me chamou de feio  
Eu também digo que sim ;  
Lá em casa havia um feio,  
Que pegou feiura em mim.

E a noite inteira passou-se em ouvir as trovas do caboclo.

.....  
Quando chegaram ao arraial do Moquem, Cuaticôco ficou scismado, porém, ninguem fallava na morte do papudo.

Pouco a pouco, elle foi-se animando.

Quando voltaram para a Rancharia, a tropa, como o fazia annualmente, passava por outro caminho, pela Serra dos Angicos.

Em todas as bandas, fingindo-se de tolo, elle inquiria :

—Ouvi dizer que tinha havido uma morte no Alto dos Papudos ?

\*Ninguem sabia de nada.

—Qual ! com certeza é rebate falso. O Alto dos Papudos não é tão longe como isso. Se tivesse havido alguma morte a noticia se teria espalhado, respondiam os interrogados.

Na Rancharia, Cuaticôco teve impetos de tomar conselhos com sua patrôa, a Bininha.

Depois de muito parafusar, resolveu guardar silencio.

—Cruzes ! mulher é bicho muito *tretêro*. Pro-

mette muito segredo depois facilmente bate com a lingua nos dentes. *T'esconjuro ! crêdo !* se Bininha soubesse era capaz de fazer um *banzé* dos seiscentos.

Biquinho calado, cabrinha, dizia elle com seus botões, biquinho n'agua, meu *nêgo*, vai te pegar com quem pôde.

Com effeito, Cuaticôco prometteu á Virgem do Moquem fazer a volta da Igreja tres vezes, de joelhos, se nada lhe acontecesse, n'aquella *rascada*. Encomendou tambem ao Zéca da Maricota uma véla, pintada de cores variadas, que pezasse uma arroba, para offerecer ao velho vigario, o padre João, afim de servir durante a festa.

.....

Agosto estava ahi batendo nas portas.

O patrão já déra ordem que preparassem a tropa para a viagem do Moquem.

Cuaticôco estava *banzeiro*, como dizem os sertanejos.

—O que ha de ser, minha Nossa Senhora, o que ha de ser do filho de mamãe ? Se algum irmão ou parente do *defuncto* me escorar no Alto dos Papudos ?

Nada ! *desta feita* lá não irei !

Bininha notou-lhe o ar *macambuzio*.

—Você anda abatido, *meu homem*, o que tens ?

—Ora, sinhá, são macacôdas proprias de velhos.

—Quaes macacôdas, quaes nadas, meu homem, você anda *banzeiro* desde a festa do anno passado ; não vai ser alguma coisa *feita !* Esconjuro, tinhoso !

E ella benzeu-se, com a mão esquerda.

Depois, carinhosa :

—Olha, meu homem, eu vou fazer uma promessa á minha madrinha, Senhóra da Abbadia, para você ficar como d'antes.

.....

O patrão não queria por nada dispensar o caboclo.

Que fazer ?

Cuaticôco resolveu desabafar. Ao menos tomaria parecer com um homem de juizo.

Procurou o arrieiro da tropa, um velho sertanejo de grande experiencia.

—Você jura, Nénéco, não contar nada a ninguém!

O outro, intrigado :

—Juro.

Elle então contou-lhe tudo.

Nénéco estava grave, com ares solemnes.

—Olha, Nénéco, terminou elle, com soluços na voz; eu estava maluco, de todo maluco. Quando ouvi a *papudama* toda, num berreiro dos seiscentos, a cabeça pegou a me ferver, como a agua quente numa panella velha, e por mal dos peccados eu já tinha virado um trago *brabo* da *patricia*.

A mostarda me subiu ás ventas e eu fiz aquella desgraça.

Valha-me minha Nossa Senhora!

Nénéco teve dó delle.

—Isso não é nada, collega, não precisa você arrepear-se. Havemos de passar todos unidos, no Alto. Se a *papudama* tiver o descoco de querer te escorar, nós temos muito sortimento nos polvarinhos, para queimar a bicharada.

—Ave-Maria, Nénéco! basta o sangue do papudo que eu derrubei! tenho passado muitas noites sem dormir, e não quero mais desgraça por minha causa.

Combinaram, então, que Cuaticôco seguisse com a tropa, na fórma do costume, e que nas proximidades do Alto elle tomasse um desvio, afastado três leguas.

Assim o fizeram.

Algumas leguas antes da temida passagem, o caboclo apartou-se dos companheiros.

Quando o sol declinava no horizonte, o receioso viandante avistou ao longe um rancho de boa apparencia.

—Hué! gentes! nunca ouvi dizer que nas Perdizes houvesse morador! Bem bom; para o anno hei de dizer ao patrão para a tropa passar por aqui.

Quando chegou ao pouso, apeou-se perto do antigo rancho aberto e abandonado, conhecido



dos raros que por lá passavam. Enquanto a alimaria resfolegava, elle desatou a vasilha da matula e começou a frugal refeição.

D'ahi a pouco estremeceu e tornou-se pallido como um cadaver. A causa de seus terrores, o papudo que elle tinha atirado, vinha se aproximando.

O caboclo quiz levantar-se: não pôde. O medo chumbava-o: todo seu corpo tremia como as varinhas verdes movidas pela ventania brava.

Com os olhos esbugalhados, o coração pequenino de terror, elle pensou na madrinha santa da Bininha.

O papudo estendeu uma das mãos e saudou, á móda piedosa do sertão:

—*Louvado seja Christo.*

—Vmcê. não me conhece mais, meu amo?

Cuaticôco quiz responder, mas a garganta, secca pelo medo, não produziu nenhum som.

—Eu sou o *papudo* que vmcê. atirou.....

O caboclo ia negar a pés juntos, ia jurar que nunca tinha passado por aquellas bandas.

—Eu ???...articulou elle. Vmcê. está enganado, patricio.

—Ora, meu amo, Vmcê. o anno passado, bem que me atirou. Bemdito tiro; raspei um *sustão*, mas o chumbo me varou a desgraçeira que eu tinha no pescoço e sahiu uma gomma que mettia medo. Em poucos mezes sumiu tudo. Hoje tenho o pescoço limpo e são; nem signal do papo. Meu amo, perdôe a caçoada que lhe fiz; eu vivia triste e fugitivo da sociedade, e gostava de aborrecer os outros.

Cuaticôco suspirou.

No dia seguinte, depois de almoçar bem, o ex-papudo, disse-lhe a sorrir:

—Agora, meu amo, leve de presente esta *garrafa d'agua que gato não bebe.*

E' inutil acrescentarmos que o devoto caboclo cumpriu á risca a promessa feita á Senhora da Abbadia.





## A PRIMEIRA COMMUNHÃO DE MARIA



Estamos n'uma modesta casa d'uma elegante villa, no opulento Estado do Rio.

—A sra. me deixe em paz !

—Mas, meu amigo...

—A sra. me deixe em paz ! Entendeu ? Não me amolle mais com essa historia de beaterio ; nunca eu porei os pés lá na Igreja. A sra. ouviu bem ? *Nunca, nunca !* e elle pronunciou isso com uma voz sacudida e nervosa.

—Porém, meu bom...

—Deixemos de porém...então, como eu consenti que a Sinhá faça a primeira communhão amanhã, a sra. quer que eu me dê ao espectaculo de ir á Igreja ? se a sra. continuar a me aborrecer eu não deixarei a menina ir commungar.

Acabou-se !!

A pobre mãe abafou um soluço que lhe subia á garganta ; ella abaixou a fronte e, mordendo os labios para não desatar em um pranto, voltou a cabeça para a parede afim de que o marido não percebesse o choro.

Ella tinha se enganado.

Ha varios annos que esperava com ancia o dia da communhão de Maria ; ella havia sidô tão paciente sempre, tão meiga e terna ; uma companheira irreprehensivel, honestissima, trabalhadora como se fôra escrava, uma amiga sempre indulgente e piedosa, uma conselheira delicada e humilde, uma consoladora discreta e terna,

Com seu trabalho intelligente e incessante, e com sua economia e espirito de asseio fizera reinar no lar sempre a abundancia e o conforto ; jamais o *seu homem* a vira enfadada e de máo humor, e, no entanto, nem ao menos elle, pela primeira vez, lhe daria o gosto de entrar na Igreja para assistir a communhão da Maria, o anjo de innocencia que a Providencia lhes déra ! !

Ella sentia um arrocho no coração e suffocava...

—Aliás, continuava a voz forte e pesada do homem, eu não gosto de hypocrisia ; o que iria eu fazer lá na tua Igreja ? ficar lá sem nada dizer, horas esquecidas, a olhar no altar um homem a fazer macaquices que fazem ferver o sangue *cá du gente*...ah ! não, nunca !

—Mas, querido...

—Cale-se, já lhe disse, não admitto replica... eu, um socialista, eu, um livre pensador, entrar lá dentro ? disse elle apontando para a matriz ; isso já viram out'ora, mas nunca mais o verão !

E de novo reinou o silencio na pobre sala.

Elle se havia levantado para fallar, e ao dizer *nunca mais o verão*, dera um murro sobre a mesa, que fizêra tremer a pobre senhora. Depois elle reassentára-se, com a cara fechada e olhares ferozes. Tirou nervosamente o seu grande cachimbo do bolso, o encheu bastante de fumo e começou a saboreal-o, tirando grandes fumaradas.

\*  
\*  
\*

A tarde vinha declinando e uma melancolia doce e calma se espalhava pela face da terra. Lá fóra, no mamoeiro do quintal, um sabiá arrancava ondas de harmonia de sua garganta de cantor do céu, além cigarras em toadas uniformes que enchiam a alma duma tristeza indizível. Bandos de marrecos, num barulho alegre, procuravam o correjo da horta.

Ella estava alheia a tudo ; o que lhe servia no cerebro era o pouco caso do marido e a alegria das outras mães, na manhã seguinte.

Com effeito, na villa de S..., graças á piedade do santo vigario, que lá parochiava já ha trinta annos, annualmente havia a primeira commu.

nhão das meninas. Era um dia de grande festa no lar em que havia uma criança a commungar.

Dias antes, as outras mães, suas visinhas, não fallavam senão do grande dia. Todas as familias convidam os seus parentes e amigos para assistir á primeira communhão das filhas e tomar parte no jantar, que os amigos e parentes honram sempre com sua presença.

As cozinheiras estão numa azafama, a preparar os fornos e a matar leitões e perús, para a festa.

Cavalheiros e senhoras chegam das roças, aos bandos, e em todas as casas vai um alvoroço e um enthusiasmo indescriptiveis de alegria ; foguetes a todo o momento sobem aos ares, em honra de cada amigo que chega de fóra. O vigario, desde pela manhãzinha, está na matriz a preparar as meninas.

As engommadeiras estão a passar o ferro nos vestidinhos brancos das commungantes. As comadres voltam das lojas com os véos côm de neve, que devem ornar as frentes puras das virgenzinhas do Bom Jesus.

.....

Entra o carteiro e entrega ao homem o *Corsario*, a folha immunda que em 1883 emporcalhava a heroica S. Sebastião do Rio de Janeiro.

O nosso livre pensador fazia naquella folha a sua leitura espiritual!!

Nas outras casas tanta alegria, união, enthusiasmo e aqui...

Aqui, aquelle socialista cabeçudo e desagradavel, a mascar fumaças em seu tubo cheio de fumo forte, e lendo torpezas num jornal immundo.

A pobre mulher tinha razões de sobra para estar com o coração pezado de tristezas e aborrecimento.

—Meu bom papaisinho, Nesso Senhor já abençoou-me, agora me abençoe tambem.

A essas palavras, que entraram pela sala a dentro como uma brisa fresca de Maio, a mãe voltou-se com um ultimo raio de esperança e

contemplou a filha que acabava de entrar e que se tinha posto de joelhos, perto da cadeira do pai, a lhe pedir a benção.

Elle largou o jornal e voltou-se para dar algum juramento talvez, mas...de repente, sentiu alguma cousa a lhe subir pela garganta, como um soluço, e seu corpo estremeceu de prazer ao ver a filha.

Na verdade, elle nunca a vira tão bella. Um esplendor aureóla seu rosto de anjo, como as santas que estão no nicho ; sua fronte pura de virgeni parece illuminada pela graça de Deus ; os cabellos louros encaracolados tombam-lhe pelas espaldas : um sorriso de intimo contentamento brinca em seus labios cor de rosa e, ao ver-lhe os olhos limpídos, parece divizar-se o mais recondito de seu coração innocente ; a voz está suave como os gemidos das harpas dos antigos trovadores, elle nunca vira a filha assim e, por isso, sentiu uma sensação, que jamais sentira perpassar-lhe pelas fibras mais delicadas de seu ser.

E ella está allí com as mãosinhas postas, ajoelhada diante delle, toda pura e immaculada, toda resplandecente duma felicidade ignorada pelos incredulos.

Elle estendeu os braços e aperta a filha de encontro ao peito :

—Minha filha, minha filhinha, que *Deus te abençõe* e te faça uma santa...

Vai pedir a benção á tua mãe, minha filha. E elle tinha os olhos razos d'agua.

.....  
Na manhã seguinte, o povo, tomado de admiração, via ao lado da esposa, recolhido e grave, o socialista e livre pensador que ha annos ninguem via na Igreja.

E naquelle dia tambem convidou varios amigos e festejou solemne mente a primeira communição da filha, e sua reconciliação com a Igreja Catholica.

—Bemditas, bemditas, sejam as crianças !





## Os dois Templos



Os passarinhos empoleiravam-se.

Após os sons melancolicos e ternos do *Angelus*, os sinos da matriz desferiam notas alegres, annunciando á freguezia que no dia seguinte era a festa do Orago.

Em todas as casas da villa as moças estavam n'uma azafama, preparando os engommados, e as velhas, nos fornos, viam-se tontas com a meninada a roubar bolinhos e doces.

Diz o vulgo que o melhor da festa é se esperar por ella, e o vulgo quasi sempre tem razão.

Que o digam as moças e as meninas que são a parte mais risonha e alegre das festividades, principalmente no interior.

Na casa do Eduardo Patafufo, as cousas, porém, não estavam muito agradaveis.

O homem chegára cansado, esbaforido !

—Uf!! que calor, santo Deus ! ponhamo-nos á frescata, compadrê, dizia elle para um companheiro que comsigo entrara.

Tirando os jaquetões que os suffocavam, asentaram-se, esperando a sôpa, e nesse meio tempo, Patafufo abrija uma garrafa de "Paraty", para aguear o appetite.

—E' como lhe dizia, meu compadre, não ha sociedade mais santa e mais pura do que a maçonaria.

—Certamente, compadre, e é por isso que vou para ella entrar.



—Olhe, compadre, o vigario se esbófa e berra continuamente contra a santa maçonaria; é porque os maçons, em vez de concorrerem com os cobres para encher a pança parochial, praticam a verdadeira caridade, dando aos famintos e necessitados.

A mulher, na cozinha, não se podéra conter:

—E' por isso que a viuva do Hermogenes anda ahi na miseria, e, no entanto, o marido era maçon e fundador da loja; e como é que a maçonaria não soccorre a ella?

—Senhora, mexa sua panella, que Vmcê. não entende dessas cousas, bradou Patafufo, exasperado.

D. Miquelina (que na villa tinha fama de muito instruida) abespinhou-se:

—Então os senhores homens podem *pôr os pés pelas mãos*, chamar luz trévas e trévas luz, e nós *outras* havemos de responder: *Amen?*

Essa é boa, meu homem! essa pilula não entra na bocca de sua criada.

—Mas, o que você entende sobre maçonaria, *Miqui?*

Vendo-se chamar pelo appellido carinhoso de casa, d. Miquelina quiz arrepiar carreira.

—Olhe, Dudú, eu não gosto de discussões, principalmente com você; por isso, o dito por não dito.

Mas o sr. Patafufo já tinha, por tres ou quatro vezes, levado o calix do "Paraty", aos rubros e resequidos labios.

—E' como te digo sempre, *Miqui*, você não passa de uma pateta, e só serve para andar no fogão.

D. Miquelina sentiu como que uma punhalada no peito. Lagrimas começaram a correr de seus olhos, ella enguliu a affronta e calou-se.

Patafufo começou a dizer despropositos sobre a religião.

E concluiu:

—E' a maior peste da sociedade, meu compadre, é o canero mais asqueroso que corróe o genero humano—o clero catholico.

—E' uma pura verdade, meu compadre, é uma pura verdade, concordava o outro.

A mulher estava sobre braças.

—Senhora, bradou Patafufo, a que horas quer nos dar o jantar? A's oito horas e meia ha sessão solemne na loja maçônica, e vmeê. bem sabe que nunca faltei á sessão alguma, nem jamais faltarei, enquanto fôr vivo.

A póbrezinha sahiu tremula, vexada, e começou a pôr a toalha.

Patafufo, adocicando a voz:

—Olhe, "Miqui", eu peço que você não se zangue commigo, mas amo a maçõnaria acima de tudo neste mundo, e não gosto que minha esposa falle mal dessa benemerita instituição.

—Ainda mais, minha querida, quero te pedir uma graça grande, em recompensa do muito amor que dedicamos um ao outro.

D. Miquelina, que arrumava a mesa, deitou-lhe os olhos perguntando-lhe:

—Que é, Dudú?

—Amanhã, continuou elle, fallando lentamente, haverá na maçõnaria uma festa solemne, na qual tomarão parte as familias dos maçons, e espero que você não faltará de modo algum.

—A que horas é a festa?

—A's dez horas da manhã, em ponto.

—E a missa, Dudú? você bem sabe que a missa começa ás dez horas, e eu hei de perder a missa do Padroeiro?

—Qual padroeiro, tola, isso tudo é invenção dos padres para dominarem o povo: você não ha de desgostar o seu marido para agradar a esse idiota do padeco.

—Agradar ao padre, não, Dudú, eu não vou á Igreja por causa do padre, mas sim por causa de Deus.

—Minha senhora, não quero discussão, amanhã ás 10 horas você estará na loja.

Miquelina olhou para o compadre, como que a pedir protecção.

Esse interveiu:

—Mas, compadre, o senhor que é grão alto e tem influencia na loja, podia arranjar para a reu-

não ser mais tarde, pois as senhoras gostariam de ir á festa.

—Que festa, meu compadre ?

—Do padroeiro.

—Eu só conheço um padroeiro, meu compadre, e esse é a maçonaria, o mais é invenção dos homens : nós marcamos ás 10 horas de proposito, para tirar o povo da superstição, e fique sabendo, concluiu elle olhando para a mulher, quem fôr meu, não irá á missa amanhã.

D. Miquelina, ia ainda fallar, mas, tendo olhado para a garrafa que já estava pelo meio, julgou mais prudente calar-se.

Dudú pouco ceiou : a bebida em demasia tira a disposição.

O compadre fez honras á mesa e comeu como tres.

Ia, pela vez primeira, caminhar para uma sociedade, na qual o irmão entra com os olhos vendados ; na qual fazem-se juramentos terriveis de cumprir-se obrigações antes de conhecê-las, e para isso a gente deve ter estomago valente.

Domingos Novato (o compadre) era portuguez de origem, naturalizado brasileiro ha annos, e nada fazia sem consultar Patafufo.

Após o jantar, que foi regado com o resto do "Paraty", os dous encaminharam-se para o antro maçónico.

A casa era pequena e acanhada, e não impressionou agradavelmente o Novato.

—Assim é o mundo, compadre, um templo esplendido e espaçoso para a superstição, e um pardieiro mesquinho para os filhos da luz.

Tres ou quatro velas apenas alumiam o templo maçónico. Em compensação, já lá se achavam reunidos 55 irmãos da viuva.

Domingos Novato teve de sujeitar-se ás ceremonias ridiculas e extravagantes da recepção, e como homem activo e apprehendedor, foi declarado grau 18.

A terminar a sessão, correram a bolsa *na louvavel fórma do costume*, sob pretexto de soccorro aos parentes pobres dos maçons.

Novato puzera uma cedula de mil réis na bol-

sa, e por signal que estava um pouco rasgada na ponta direita.

Depois de correr toda a sala, o thesoureiro esvaziou a mesa.

Oh! prodigio!! Lá apenas cahiu a triste nota de mil réis e, no entanto, todos tinham enfiado a mão na bolsa, fingindo dar esmola.

Domingos Novato levou um choque tremendo. Será possível??... Mas com certeza os outros tambem deram esmola? *porque artes de berliques e berloques haveria só uma cedula?*

Voltou para casa nervoso e agitado.

—Uma sociedade tão respeitavel fazer tal mesquinaria? Qual! houve engano da minha parte; sabbado serei mais cauteloso e previdente.

No dia seguinte, ás 10 horas em ponto, a vasta matriz regorgitava de poço. Era um alvo-roço, era uma alegria e um enthusiasmo como sóe ser no sertão, onde os homens são tão crentes e amantes do culto.

D. Miquelina, porém, lá não estava. O sr. Patafufo, com os olhares severos, grossa bengala em punho, a acompanhava para o templo maçónico.

A festa maçónica consistiu na iniciação de dois innocentes, filhos de *irmãos*, uma parodia sacrilega, a que os filhos da *viuva* appellidam—*baptismo maçónico*.

Tudo chôcho, sem vida, sem animação. E lá estiveram as pobres senhoras por espaço de duas horas, ouvindo discursos do Novato e de outros de igual jaez.

D. Miquelina voltou enojada, com o coração dorido.

Não disse uma palavra ao homem. Tambem não jantou aquelle dia; ganhou o leito cedo, precisava descansar, pois formava-se uma tempestade em seu cerebro.

O sr. Patafufo tinha lhe prohibido igualmente sahir á rua para acompanhar a procissão do padreiro.

Cobrindo a cabeça com as colxas, ella desatou n'um choro convulso e nervoso.

Ah! como arrependia-se do casamento com

aquelle homem maçon desde a cabeça até os cascos !

O sr. Patafufo começou a assobiar, e depois, enjoado do choro manso da esposa, tomou o chapéo e foi para a rua.

La direito para a venda do Loló. Lá, n'uma sala dos fundos, estavam seis homens a jogar.

—Licença para um, senhores, bradou Patafufo.

—O' Dudú, responderam todos alegres, bemvindo sejas. A banca está arreventada, vamos, meu velho, esquentá isso.

Eram todos maçons, por isso estavam em familia.

O mestre Loló, o dono da venda, trouxe mais duas garrafas de Cognac, verdadeiro *Marie Bizard*.

Patafufo abriu sobre a mesa uma nota de cem, e não tardou a desbancar a os parceiros.

D'ahi a pouco o jogo começou forte.

Novato, que igualmente jogava, perdia continuamente e estava furioso. Elle fazia paradas sobre paradas e perdia sempre.

Com pouco prazo percebeu que Patafufo fingia pôr dinheiro sobre a mesa e o retirava surra-teiramente.

Novato, excitado pelo alcool, e por uns tres ou quatro contos que tinha perdido, levantou-se possesso :

—Que é isso, compadre ? então pensa que isso é maçonaria, onde você põe e tira ?

Patafufo quiz atirar-se sobre elle. Os jogadores intervieram.

—Que é isso, senhores, dois amigos e compadres ?... Paz, paz !

—Retire a palavra, então não insulte a santa maçonaria, bradou Patafufo, fulo.

Novato encruzou os braços e, levantando a cabeça com altivez, continuou :

—Não retiro palavra nenhuma, senhor, porque o senhor está roubando e nega, eu vi...

N'esse instante a immensa e formosa procissão contornava a rua e passava fronteando a venda.

Mestre Loló, pôz-se de joelhos na porta, baten-do, constricto, nos peitos.

O andor vinha rico de flores e de babados, que era um céo aberto.

Duzentas e tantas virgens, todas vestidas de branco, seguiam a Imagem, cantando devotamente uma toada apropriada á circumstancia.

Muitos do povo choravam de devoção.

Lá dentro a coisa cheirava a chamusco, como dizem os roceiros.

Os jogadores tinham-se levantado e faziam uma algazarra medonha, querendo apaziguar os dois.

Patafufu, no auge do odio e cego pelo insulto, levanta o braço e procura violentamente esbofetear o compadre:

Um dos jogadores, porém, primo do Novato, traiçoeiramente arranca um revolver e, approximando-se de Patafufu, dá-lhe um tiro a queima roupa.

O andor já tinha passado, o parochó o acompanhava lentamente.

Ouvindo o tiro, elle largou tudo e entrou pela venda, attrahido pelos gritos do Loló :

—Acóde, padre ! acóde, padre !

Quando o vigario approximou-se para dar a absolvição *in extremis*, já era tarde.

Patafufu, estendido de costas, n'um mar de sangue, estava morto !!

Os jogadores todos tinham fugido.

O povo, por muitos mezes commentou o triste successo na villa sertaneja.

*Um maçon em defesa do primo maçon, matou o fundador e veneravel da loja maçonica.*

D. Miquelina até hoje ainda guarda luto.

Está acabada antes do tempo, pelas diversas infelicidades da vida.

Ella tem um odio de morte á maçonaria e todas as noites, antes de ganhar o leito, pede a Deus que aparte suas creaturas de cahir em tal sociedade.

O templo também foi abandonado. Hoje serve de tenda para um ferreiro. O outro templo, o de Deus, a santa matriz, cada vez continua mais bella e garrida, e hoje tem um joven e virtuoso sacerdote, elificando todo o povo.



Bemdito seja Deus, bemditas sejam as almas que supplicam ao Todo Poderoso para que ninguém entre em tal sociedade, condemnada por tantos e tão augustos Pontífices Romanos.

Leitor piedoso que me lê:

—Nunca deixes de pedir em tuas orações a Nosso Senhor Jesus, para que te afaste a ti e aos teus da sociedade maçônica.





## Se Deus quizer



—José, vá pegar a besta pampa e ponha-a no pastinho, que amanhã irei á villa.

—Nhôr, sim, respondeu o pequeno sertanejo.

—Pegue tambem o ruão, que tu irás commigo.

—Nhôr, sim.

—Se Deus quizer, cantarolou de dentro do quarto, uma vozinha fina e delicada de mulher.

Elle sombreou severamente o rosto, e continuou, impassivel :

—Quero fazer um *madrugadão* e partiremos logo que o gallo abrir o bico a primeira vez.

O caboclinho já ia longe, mas ainda á observação do patrão e pela terceira vez gritou :

—Nhôr, sim.

—Se Deus quizer, accrescentou a mulher, como si fôra um echo.

Desta vez a bomba estourou.

Tambem já era demais.

—Apre, que nesta casa não se pôde mais abrir a bocca que não venha logo o nome de Deus, gritou elle, batendo violentamente um murro sobre a mesa de jantar.

—Por quem me tomia a senhora? E' só com beaterios e hypocrisias, com devoções e fanatismo, como se aqui fosse casa de padre!

A senhora não se contenta com a ampla liberdade que lhe tenho dado para ir á Egreja, lá perdendo horas e horas, em vez de cuidar de

suas obrigações de mãe de família? Ainda quer me embrutecer? a mim, um irmão perfeito, um cavalheiro Kadosch!

E' perder seu tempo, minha rica senhorinha, que deste matto não sahe coelho; não ha de ser o filho de meu pai que vá escutar sermões de encomenda.

E nesse diapasão elle continuou por meia hora. Fallava pelos cotovellos.

A mulher já sabia e ella deixava-o fallar á farta. Ella o ouvia com paciencia.

Quando elle calou-se, como que para resfolegar, ella ousou dizer, timidamente:

—Mas, querido, tu dizes que não queres saber de Igreja, mas acreditas na Escriptura sagrada?

—É d'ahi, perguntou elle com um gesto de pouco caso, o que tem o teu *Se Deus quizer*, com a Escriptura?

—O que tem é que S. Thiago, na sua epistola, que faz parte dos Livros Sagrados, diz que os christãos, devem fallar do futuro, accrescentando:

—Farei isso ou aquillo, se Deus quizer.

—Bonito, senhora, bonito, estou eu fresco com um missionario de nova especie em minha casa. E teve um sorriso contrafeito. E' sempre o argumento de quem se vê entalado e n'um becco sem sahida, para dar resposta airosa ao adversario.

Ella inclinou a fronte sobre a machina de costura e cantarolando uma modinha bem conhecida, do nosso mavioso poeta:

”Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o sabiá”

continuou seu trabalho com o alegre barulho da elegante “Singer”.

Pela manhãzinha do dia seguinte, apesar d'uma chuvinha incessante e miuda, que cahia como que para fazer birra ao nosso homem, elle e o camaradinho não tardaram a fechar a porteirinha da fazenda e ganhar o estradão verme-lho, que vai dar á villa.

Ao primeiro clarão do dia, quando a passara-

da alegre entôa canticos festivos ao Creador de tudo, derramando, em toadas diversas, torrentes de harmonia, que enchem a natureza inteira de tanta belleza e suavidade, o nosso homem, que não gostava de andar calado, indagou :

—José, o que tem a pampa hoje, que está só passarinhando ?

—Não sei, patrão !

—Amilhaste os animaes hontem ?

—Amilhei.

—Não notaste novidade alguma nos animaes ?

—Notei só que a pampa estava arisca e me custou muito raspa-la e...

Não teve tempo de acabar.

Pela estrada acabava de saltar uma irára, e a pampa passarinhára tão fortemente, que sacudiu fóra o furioso cavalleiro, jogando-o sobre o duro chapadão e precipitando-se, aos coreóvos, pela câmpina. Nosso homem perdeu os sentidos.

O pequeno sertanejo, tomado de terror e não sabendo o que fazer, atira-se para traz, á galópe, e em poucos minutos deu parte á senhora do que se passára.

—José, Manoel, Joaquim, tomemos a rêde cuyabana e vamos ligeiro; tragam um vidro de arnica; e tu, José, rapido, corre á villa, e que venha já o dr. Celestino, quanto antes.

Ella fallava com vóz nervosa e secca, e via-se que tinha vontade de chorar, mas não tardou a dominar a natural commoção e a ganhar a estrada.

Quando avistou o esposo, este já estava encostado a uma arvore, mas aiinda gemia dolorosamente.

—Ai, ai, que dôr, meu Deus, que dôr cruel !

—O que foi isso, querido, o que passou-se ?

—Sahi de casa socegado, se Deus quizer, e a pampa vinha arisca, se Deus quizer; ai, que dôr minha Nossa Senhora da Abbadia.

—Uma irára pulou pela estrada, se Deus quizer, e a maldita da pampa saltou, se Deus quizer... que dôr, meu Deus, que dôr; e eu perdi os sentidos, se Deus quizer...

A joven esposa tinha o rosto nadando em riso zombeteiro, apezar da tristeza que lhe ia n'alma;

ouvindo o estrondo da metralha e o clangor dos clarins de guerra, convidando os homens á morte.

Porém, na hora suprema dos grandes lances, era intrepida e admiravel em affrontar os perigos.

Uma tarde foi attrahida por enorme tumulto na rua.

Um homem, um prussiano, no momento em que procurava entrar no hospital, como que buscando refugio, tinha sido rodeiado por enorme turba de soldados francezes e ia ser espingardeado.

Branca precipitou-se diante do prisioneiro.

—Senhores, bradou ella pondo-se de joelhos, a vida deste homem me pertence.

O grupo immenso de soldados, de figuras carregadas e severas, começou a vociferar.

O que parecia ser chefe, approximou-se :

—Retirai-vos senhora, se não quereis morrer tambem.

—Este homem é um assassino, um miseravel traidor, inimigo de nossa patria ; elle ha de ser passado pelas armas, sem remissão.

Centenares de espingardas levantaram-se, alvejando o prisioneiro, que tremia.

—Pois bem, senhores, disse Branca, levantando-se heroicamente e protegendo o prussiano com a Imagem de Christo, eu morrerei tambem.

—Francezes, ha cincoenta annos que trabalho em favor de vossos filhos, de vossos irmãos, de nossos patricios doentes ; por esses cincoenta annos de serviços eu imploro a vida deste homem. E ella tornou a cahir de joelhos, erguendo as mãos supplices.

Houve um momento de silencio. Um fremito de admiração perpassou pelo grupo ; todas as espingardas abaixaram-se insensivelmente.

—Viva a Religião Catholica, viva a Caridade, bradou o chefe tirando o seu *kepi*.

—Viva ! bradaram todos.

Estava ganha a causa santa, estava livre o prisioneiro.

Factos destes honram a Religião, inspiradora de taes heroínas.





## São sempre assim...



Alto, ligeiramente arcado, bigodes longos, á *Floriano*, nervoso, republicano de *papo amarello*, dos vermelhos, que sonham sempre com o sangue do proximo, Antonio Calunga estava aquelle dia com o rosto sombrio.

Recostado numa cadeira de braços, armado com seus nasoculos, lê attentamente a *folha de maior circulação na America do Sul*.

*O Paiz* é seu jornal favorito, o seu livro de leituras espirituaes.

Lá dentro, d. Florinda, sua formosa e prendada esposa, engomma, cantarolando.

Esguia, com uns laivos de pallidez pelas faces, um eterno sorriso á flôr dos labios, longos e abundantes cabellos que cahem encaracolados pelas espaldas, d. Florinda era extremamente sympathica.

—Olha, Flôr, diz Calunga interrompendo a leitura, para que esta engommação, tão cêdo assim?

—Que pergunta, Tunico, pois não sabes que amanhã é a festa da Padroeira e que não posso deixar de ir á Egreja assistir a missa?

Calunga amarrotou irreverentemente *O Paiz*, atirando-o para o lado e começou a passear, nervoso, pela sala.

De repente, d'um modo brusco:

—A senhora não irá a *nenhumas missas*!!

A joven estacou no trabalho.



—Mas, porque, Tónico ?

—Porque não quero, porque mando e desmando em minha casa ; porque o gallo é que canta no terreiro e não a gallinha.

—Ora, Tónico, você hoje não está bom ! Vae dar um passeio pela rua e voltará mais calmo.

Bocca, para que fallaste ? !

Seu Calunga bufou.

—Largue esse *maxambomba*, minha senhora, hoje não quero que engomme mais.

D. Florinda conhecia-lhe o genio ; obedeceu passiva.

—Desproposito, continuou elle dando por paus e por pedras. Desproposito ; um homem não pôde mais governar sua casa ; são os coroados, os papa-hostias que dirigem as senhoras mulheres.

—Estar a gente na Igreja para ouvirmos um latim *engrolado*, para assistir a farças ridiculas, porque aquillo tudo não passa de pantomima...

—Que minha madrinha te perdôe, Tónico, murmurou Florinda.

—Tua madrinha ? a Senhora da Conceição ? eu bem que faço caso dos perdões della ; *bobinha*..., e, amansando repentinamente a furia :

—Olha, filha, eu até tenho dó de ti ; os padres já fanatisaram a tua cabecinha ; não ha nada, Flôr, não ha *nenhumas* Senhora da Conceição, ou se ha alguma cousa, nós não sabemos e nem devemos saber.

Depois, philosophicamente :

—Gozemos, filha, gozemos do mundo e deixemos essas farças de santo para aqui, santo para alli...não ha nada disso.

D. Florinda era crente em extremo ; porém, esposa submissa e resignada, appellava para as lagrimas nos momentos quentes ; vingava-se chorando.

Calunga ficava então mais loquaz.

—Ahi temos agora as *choramingas* !! são sempre assim as pessoas que não têm razão ; havia de ser bonito Antonio Calunga, cabeça curva, os dois joelhos em terra, braços encruzados mais de meia hora na Igreja, a assistir ás palhaçadas d'um boneco de engonço a virar-se e revirar-se.....

—Cala-te, por Deus, bradou repentinamente d. Flôr, erguendo-se indignada, respeita ao menos a crença de tua esposa!

Calunga, com a bocca aberta, olhava-a, estupefacto.

Nunca vira a joven fóra do natural.

—Então a senhora me responde com duas pedras na mão?

—Pois o senhor insulta minha religião e hei de ouvir calada?

Calunga estava como uma furia; a bomba ia estourar, tremenda.

Felizmente d. Emilia Praxedes, a mulher do Professor, fez sua entrada na sala de visitas.

Os rostos se compuzeram e, enquanto as duas conversavam, o homem pediu desculpas e saiu para a rua.

.....

Domingo, ás 9 horas da manhã. Os sinos, numa cantata dulcissima ao coração catholico, convidam os fieis para os louvores divinos.

O Juca fogueteiro, na porta da matriz, rodeado pela *meninada*, dirige as baterias.

Por todas as bandas desemboccam as multidões, que, alegres e pressurosas, procuram a casa de Deus, o templo santo, onde fomos todos baptisados.

Em todos os rostos nota-se alegria, doce contentamento.

O velho vigario, o padre Jôca, como era conhecido pelo povo, anda pelos altares, ajudando o sacristão a aformosear o interior da Egreja.

E' a festa da Padroeira, da Virgem Immaculada, a Mãe querida de nós todos, a protectora dos pobres e dos humildes, aquella que, quando pequeninos, nossas mães, apontando para o céu, nos dizia a sorrir: *Lá em cima móra a mamãe do céu.*

As casas da villa estão em silencio; as portas estão todas fechadas.

O povo inteiro, ajoelhado e recolhido, assiste ao sacrificio divino da missa, o actomais sagrado de nossa santa religião.

A família de Antonio Calunga não toma parte na alegria geral.

Emquanto as famílias, as multidões, rindo e conversando ruidosamente, passam, Calunga passava, nervoso, pela sala.

D. Flôr, coitada ! retirada a um canto, enxuga as lagrimas que lhe banham o formoso rosto e escuta as asneiras do *sem Deus*.

—Povo idiota ! povo de bobos ! o que vão fazer na Igreja ? Ora *cebolorio* ! macacos me mordam se comprehendo esse mundo de hypocritas.

Nesse momento, ondas de harmonia derramavam-se pelo templo santo. O órgão gemia suavemente, ao perpassar dos dedos ageis do mestre-escola.

Vinde póvos colher flores,  
Cantar hymnos de alegria,  
Celebrar com mil louvores  
Nossa Mãe Santa Maria.

O povo immenso repetiu, unisono, o estribilho.  
O órgão variou a harmonia por um momento,  
e depois continuou, terno :

Quando o pobre afflicto geme  
Sem o pão de cada dia,  
Põe os filhos de joelhos  
Recorre á Virgem Maria.

.....

Nas azas da viração a harmonia divina era carregada e ia perpassar suave pela casa de Calunga.

A scena, ali, mudára-se.

O *sem Deus*, desde a hora do almoço, tinha se sentido mal. Quizera mostrar-se calmo ; porém, as dores agora haviam tomado todo o lado direito. Elle ganhára o leito.

O dr. Tristão tinha sido chamado.

Florinda, ia e vinha por todas as bandas, procurando um geito de alliviar o seu homem,

Tristão receiptára, porém, o incommodo não queria ceder.

As dôres suffocavam Calunga. Elle soprava como um folle.

Com as faces vermelhas, olhos esbugalhados, agitava-se convulso no leito, gemendo :

—Ai....ai... ai, valha-me Jesus!! valha-me Jesus !!

Um sorriso fino, de immensa piedade, illuminou o semblante de Flôr.

Ella achegou-se amorosa :

—Queres que eu faça uma promessa á Nossa Senhora ? queres, amor ?

E ella alisava-lhe os cabellos.

Elle poz as duas mãos :

—Sim, Flôr, sim, pega-te com a Virgem da Conceição, és muito pura, ella te ouvirá.

—Tu crês, não é, querido, que ella te póde valer ?

—Sim, gemeu elle, creio ; olha, Flôr, a gente quan...do... está de saude... falla... muita barba... ridade...Deus me perdôe... valha...me minha Mãe do Céo... eu...me...arrepn...do de Flôr... coita... dinha...não ter...ido á...missa...

E elle era sacudido por espasmos nervosos.

Na meia escuridão do quarto, quem olhasse bem, perceberia um sorriso fino, ironico, que se desenhava nos labios delicados de d. Flôr. D'ahi a dias, já restabelecido, Calunga baixava os olhos diante della, corrido de pejo.





# Bravos! Capitão



Em 1878.

Sala completamente cheia, a transbordar; conversações animadas, nas muitas mesinhas de marmore, que aformozêam o grande hotel da lendaria Villa Rica.

O assumpto obrigado de quasi todos era a chegada de um batalhão, que, requisitado pela presidencia da provincia, havia chegado da côrte.

Repentinamente as conversas amorteceram, todos olhavam, curiosos, para a porta. Acabava de entrar na sala o capitão Alleluia, um dos mais populares e alegres officiaes do batalhão.

Fez uma ligeira inclinação de cabeça para os mais visinhos e tomou assento, abrindo um jornal, que poz-se a ler.

O caixeiro approximou-se, amavel, todo sorrisos :

—V. S. o que deseja, senhor capitão ?

—Deixa-me ver a lista, rapaz.

Pobre Villa Rica ! essas usanças afdalgadas de Sebastianopolis, ainda não haviam chegado até *ús altivas montanhas* ouro-pretanas, e o militar, rubro de pêjo, teve de ouvir o caixeiro, braços cruzados ao peito, gritar :

— Bifes com batatas, costellets de porco, linguças com ervilhas, *consommé á la.....*

—Basta ! rapaz,.....traga peixe ou ovos ; qualquer cousa que não seja carne... porque, continuou

elle elevando a voz, sou catholico e guardo abstinencia nos dias de sexta-feira.

Varias pessoas se entr'olharam, sorridentes.

Desde a chegada do militar, um joven, ainda imberbe, o olhava attento.

Depois de alguma reflexão, levantou-se, todo vendendo cavalheirismo :

—V. S. não é o Capitão Alleluia ?

—Todo inteiro, meu joven patricio, retorquiu o digno militar.

—O que, Capitão, não me conhece ? não se lembra mais do *Badéco*, filho de seu grande amigo Figueirôa !

—Ah ! rapagão ! você por essas alturas ? venha de lá, esse abraço, meu *Badéco*.

Depois dos primeiros desabafos entre antigos conhecidos, Alleluia, batendo-lhe familiarmente no hombro :

—Então, rapaz, como largaste o Rio, a vida dos prazeres e divertimentos, pela vida *sorumbatica* do sertão ?

—O capitão não sabe que me formei ?

O outro quasi deu um pulo.

—O que ? tão joven e já formado ? !!

O Esculapio novel esboçou um sorriso soberbo.

—E' verdade ; sou medico ha já nove mezes ; tinha apenas 22 annos quando tirei meu pergaminho, mas...*le talent ne compte pas le nombre des années.*

Alleluia fez uma careta áquella baforada de orgulho balofo.

Quando veiu o peixe, o medico novel, olhou compassivamente para o militar.

—Rapaz, gritou elle ao caixeiro, traga-me bifés á milaneza.

—Capitão, o senhor ? um official distincto e homem de estudos, um caracter elevado e nobre, ainda com preconceitos e antiquilhas fradesças ? Estamos no seculo das luzes, meu caro, seculo da electricidade e da sciencia ; essa abstinencia da carne, em certos dias, não diz bem a um espirito sensato e esclarecido, como o de meu amigo.

Alleluia, com a cabeça baixa, tirando as espinhas do peixe, deixava-o fallar.



Grande numero de pessoas prestava ouvido attento á conversa.

No entretanto, tinha chegado uma pequena travessa, com os bifés; que o medico pedira.

—Olhe, capitão, ao menos por hoje, em memoria de nosso encontro tão agradável, ha de servir-se d'um bife.

—Não, obrigado; sou catholico intransigente, eduquei-me e sempre tenho vivido assim; não será agora, depois de velho, que hei de transigir com essa corrente de idéas *estramboticas* que hoje avassalla a mocidade.

—Ao menos, só por agora, uma vez só, para mostrar que é fluminense, e segue as luzes da civilisação.

E dizendo e fazendo, pôz um gordurênto e appetitoso bife no prato do militar.

Este sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo.

Na sala, completamente cheia, reinava agora grande silencio.

As attenções geraes estavam volvidas para os dois.

.....

—Olhe, *seu Manduca*, dizia em voz baixa o *garçon* ao cozinheiro, (que se encostara a um portal, a vêr o desfecho daquella scena), olhe, *seu Manduca*, a apostar em como o ladrão do velhôte *vae chupar o beef!*

Aquelle?! disse mestre Kok, dando um mu-chôcho, vinte mil réis contra uma garrafa de cerveja, em como elle não cahirá nessa toleima.

—Valeu, *seu Manduca*, está apostado.

Na cozinha, os empregados tinham largado as panellas e, curiosos, aguardavam o desfecho do

O capitão cortou socegradamente o *beef*, pelo caso.

meio, com grande espanto do cozinheiro e com ingente alegria do *garçon*, que esfregava as mãos num jubilo impossivel de descrever-se.

O cozinheiro, imaginando nos vinte mil réis da aposta, tremia como varas verdes.

Alleluia, com voz calma, mas grave:

—Meu amigo, eu entendo a civilisação dum modo differente de muitos.

As crenças antigas devem ser firmes e immutaveis como o proprio Deus. Essa *debacle*, ou antes, fallemos vernaculo, essa derrubada impiedosa dos costumes christãos de nossos paes, não é sensata, a meu vêr.

O descrente não distingue um dia do outro dia; o homem catholico, porém, sabe distinguir e respeita a crença dos antigos. Assim é que entendendo a civilisação. Meu amigo crê que comer carne, hoje, prova espirito adiantado; eu entendendo o contrario. Vejamos qual de nós dois terá mais razão.

Perto d'alli, assentado sobre as patas trazeiras, estava um soberbo cão, o dogue favorito do dono da casa.

Farejando sempre algum petisco, o lindo animal, olhos accesos pela gula, andava por baixo das mesas.

O capitão atirou com o bife que foi devorado duma boccada.

O medico tornou-se verde, abafado pela vergonha.

O cozinheiro, da parte de dentro, e sem poder conter-se, bradou entusiasmado :

—Bravos ! meu official.

Uma salva prolongada de palmas explodiu na sala.

O novel medico, o imberbe *civilisado*, fulo de odio, sahiu, sem chapéo, como que tonto.

O *garçon*, com a bocca aberta, lingua de fóra, olhava para aquillo bestificado, estupefacto, sem atinar com o sal do caso.

Mestre Kok bateu-lhe no hombro.

—Perdeste a cervejinha, meu *rapazóla* !

—Ora, me deixe, *seu* Manduca, o velhote é levado da *carépa*.

Em Ouro Preto, durante aquella semana, não se fallou noutra cousa.

Meu amigo Barcellinhos assistiu a essa scena em 1878.

—Serviu, meu padre, concluiu elle ; em Ouro Preto ninguem mais quiz comer carne nos dias de sexta-feira, para não ser civilisado *á moda cão*.



## O casamento da Bilóca



A elegante e espaçosa capella da Conceição está resplandecente de luzes ; os altares ornamentados com supremo luxo. Flores, esparramadas aos punhados, juncam o chão do magnifico templo.

—Que horas são, *seu* vigario ? interroga o acolyto.

O padre Clarindo, tirando o relógio :

—Cinco horas, Serafim, o noivado não pôde tardar.

—V. S. hoje tem andado como um *corruptio*, *seu* reverendo.

—E' verdade, meu caro, mas como é casamento d'um dos melhores catholicos da freguezia, quero me esmerar.

Um grupo numeroso de meninos, ao lado, rodeava o Néca fogueteiro.

—*Seu* Néca, o primeiro foguete é meu ? dizia um.

—E' meu ! é meu ! *seu* Néca, é meu ! bradavam todos á porfia.

O fogueteiro estava suando.

—*Arre*, a gente ganha dinheiro no casorio dos ricos, mas é uma *cacetagem*.

De repente, a rapaziada miúda bradou :

—Lá vem o noivado ! lá vem o noivado !

Nesse instante entrou o organista.

—*Falla* o sino, Serafim, disse o padre, na linguagem pittoresca da localidade.

—Mestre, continuou elle revestindo-se, quando

os noivos entrarem, o orgão deve executar alguma aria singela, simples.

—Onde estão as cantoras ?

—Já chegam, *seu vigario*, estão como damas de honor de d. Bilóca.

O noivado vinha chegando, imponente.

O noivo, pelo braço do sogro, caminhava radiante, seguido pelos homens todos da villa.

D. Bilóca, fronte inclinada, os olhos baixos, esplendida de belleza e mocidade, arrebatava de admiração e inveja todo o *mulherío* presente.

—Que lindeza, minha Nossa Senhora, que lindeza, dizia uma gorda matrona; *nem parece gente humana*, dá os ares com um anjo do céo. Duas rosas encarnadas purpureavam-lhe as faces e um ar de gozo, de alegria e satisfação immensa espraíava-se na physionomia da Bilóca.

Era a moça mais prendada da villa. Filha unica do abastado e ôpulento commendador Sereno, tinha sido educada n'um importante collegio de S. Paulo, e nenhuma donzella levava-lhe as lampas nos conhecimentos humanos.

Um verdadeiro enxame de elegantes senhoritas rodeiavam a Bilóca.

O padre Clarindo, revestido com os paramentos mais ricos da Igreja, aguardava no altar-mór a chegada dos noivos.

O orgão, movido pelo genio musical do Matto-so, enlevava as almas, derramando nos corações o bem estar, a paz, o contentamento intimo.

Vozes serenas e angelicas das meninas, casando-se com a harmonia do instrumento, entoavam :

"Como são bellos e formosos, os teus tabernaculos, ó Senhor Deus das virtudes !"

A Bilóca, joelhos em terra, a voz embargada pela commoção, beijou a mão do commendador, impetrando :

—*Sua benção*, meu pai.

O velho, olhos rasos de lagrimas, pela impo-nencia do acto, collocou a dextra sobre a fronte suavissima e pura da donzella :

—Deus te abençõe, minha filha.

O orgão, agora, deprecava n'uns arroubos patheticos :

"Olha piedoso, ó Senhor, para aquelles que se acercam de teus altares."

Dois meninos, postados aos lados do celebrante, balanceam serenamente os thuribulos, deixando evoliar-se nuvens de incenso, que vão embalsamar a cruz do sacrario.

Emquanto o sacerdote, com o Ritual aberto, procede ao casamento, todos ajoelham-se, orando pelos noivos.

Após o acto sagrado, nuvens de flôres cahem de todas as bandas, aos pés delles.

A Bilóca, recebendo os abraços das senhoritas, estava immensamente commovida, ao passo que o dr. Tancredo, noivo feliz, sorria, radiante.

Lá fóra, o Néca, corre em varias direcções, atacando fogo nas gyrandolas.

Os sinos, em repiques festivos, enthusiasmam a multidão.

Era uma verdadeira festa, era um acontecimento na villa.

A meninada, numa algazarra alegre, corre em bandos, a procura de foguetes.

.....

A velha não pudéra vir ao templo santo assistir ao casamento da filha.

Estava numa lufa-lufa medonha, a preparar o banquete de 200 talheres, que o commendador offerencia aos amigos para solemnisar o grande dia.

Ia e vinha, correndo em todas as salas, dando ordens breves, gesticulando, fazendo observações.

—O' João?

—Senhora.

—Chama as mezinhas; venham todas com as cestas de flôres que o noivado não tarda.

—Sim, senhora.

—Olha, continuou ella, falla com Olivio que a musica já chegou e está postada no primeiro arco, para executar a marcha triumphal dos noivos, quando passarem.

—Martha?

—Nhóra,

—Anda ligeiro, rapariga ; essa *conversalhada* na cozinha me atordôa.

—As filhas do Timpim já trouxeram os perús ?

—Já, minha senhora : *vôsmecê* pôde estar socegada, sinhá, *seu* tenente está tomando conta da *janta*, e elle entende *do riscado*.

Bandejas de doces entravam de todos os lados.

Raparigas, alegres, vestidas de roupas solennes, iam e vinham com grandes ramalhetes de flôres, que artisticamente eram enfileirados, no meio das mesas.

—Onde está, *seu* tenente ?

Este, todo encasacado, grossas gottas de suor pelo rosto, gritou :

—Presente, minha senhora.

—O jantar está prompto, *seu* tenente ?

—*Vosmecê* deixe tudo por minha conta, minha senhora, que não passaremos vergonha.

—Mas, *seu* tenente, o noivado já vem chegando.

Com effeito, uma immensa multidão de povo, rodeiando a Bilóca, acabava de passar pelo primeiro arco.

O tenente, admirado, perguntou :

—Então, *seu* commendador, não leva d. Bilóca ao civil ?

—Ella irá depois, respondeu a velha.

—Mas o Chico Guaxe já está no cartorio esperando o casamento, e Manoel Ventosa, que é o juiz casamenteiro nomeado, arranjou uma porção de bancos, cuidando que o *povão* todo ia lá.

—Como elles estão bonitos ! pois que se *afumentem*, minha filha está muito bem casada e só irá no civil amanhã ou quando ella quizer.

No emtanto, vinha chegando o noivado.

A velha correu para a porta, e atirou-se, chorando de alegria, nos braços da Bilóca.

O Manoel Ventosa, pallido, offegante, vestido com um grande *rodaque* que lhe cahia até os calcanhares, enorme lenço de alcobaça passado ao pescoço, chegou quasi a correr.

O commendador, a sorrir, estendeu-lhe as mãos.

—Como vai, senhor juiz ?

—Vai-se vivendo, commendador.



—D. Biloca não vai ao civil ?

O commendador ladeou a resposta.

—Entremos, *seu* Manoel, vamos refrescar primeiramente a garganta.

As vastas salas regorgitavam de povo.

Lá fóra, em bando de meninos, cochichava, cascalhando em risos.

Aquellas cabecinhas leves estavam em combinações infantis, nada favoráveis ao digno juiz de paz da villa.

Pobre Manoel Ventosa !

Descansando a immensa barriga n'uma larga cadeira de encosto, que quasi fez-se em pedaços com o gicantesco corpanzil, Ventosa, depois de esvasiar um cópo de cerveja, continuou :

—Estamos esperando d. Bilóca, no cartorio

—Ella irá amanhã, *seu* Manoel.

Ventosa tornou-se livido.

—Mas, então, *seu* commendador, não faz caso da lei ?

Sereno, esboçando amavel sorriso :

—Tanto faço caso que amanhã minha filha lá irá.

—Ora, ora, *seu* commendador, confesse, que em sua opinião a lei da Igreja vale mais que a lei do glorioso governo republicano.

Sereno quasi deu um pulo.

Ventosa tinha bulido na tecla mais sensível do velho.

—Olhe, *seu* Manoel, hoje é dia de grande festa para mim, não quero me zangar; porém, nunca mais, eu lhe peço como amigo, faça comparação entre a lei de Jesus Christo, no casamento catholico, e a lei do soldado Deodoro da Fonseca, a tal vergonha da mancebia civil.

Ventosa estava pallido como um defuncto.

Seus olhos escureceram e elle teve de collocar ambas as mãos sobre a mesa, para não calir por terra.

Quiz fallar ; não o poudé.

A garganta, secca pelo odio, pelo espanto, não deixava sahir som algum.

O commendador, fixando-o, teve dó do homem.

—Olhe, meu caro juiz de paz, sejamos amigos ;

minha filha lá irá amanhã registrar o casamento della.

Por emquanto bebamos, bebamos á saúde dos noivos.

Ventosa, porém, estava frio ; queria sahir a toda a força.

Na sala, repleta da flôr da sociedade local, ia um movimento desusado.

Risos e flôres, discursos e poesias, perfumes e doces, jogos e danças, tudo entontece o incauto que se atira desprevenido a um banquete de nupcias.

Corramos um véo sobre o povo a divertir-se no casamento da formosa Bilóca, e acompanhemos o nosso querido heróe, o Ventosa, juiz de paz.

Um grupo de velhas, enregeladas pela idade, vieram insistir para que elle ficasse.

O juiz de paz estava verde de ira.

—Como ! murmurava elle com seus ricos botões, nem ao menos uma moça, quando nada uma senhorita da roça ? ! e eu que sou a primeira autoridade do logar ? oh ! é demais ; só vejo diante de mim caras patibulares de velhas córcas....

Era preciso sahir daquella entalação ; as matronas insistiam :

—Olhe, *seu* Manoel, não se faça de rogado ; deixe isso para os moços.

Outra tomava a palavra :

—Honre nossa sociedade, *seu* juiz, com sua nobre presença : fique, sim ?

Ventosa levantou-se, decidido :

—Que o desculpassem ; o escrivão estava a espera delle ; além disso precisava ir a casa para certos negocios urgentes.

As velhas, que desejavam vel-o pelas costas, largaram o homem.

Quando o juiz de paz achou-se na rua, a rapaziada miúda começou a bater palmas, nutridas, em cadencia, como se estivessem, no sertão, numa sala de *catira*.

Ventosa sentiu um frio intenso percorrer-lhe todo o corpo e quiz estugar o passo, com medo de alguma scena.

As pernas, porém, num tremor nervoso, recusavam obedecer á vontade.

Um menino, um caboclinho assanhado, gritou, com voz esganiçada :

—Ora viva o *rodaque* ! daque... daque... daque... bramavam os outros, em cõro.

Um crioulo, mais atraz, batia numa velha lata de kerozene, fazendo um barulho infernal. De minuto em minuto o grupo da criançada ia engrossando.

Ventosa quiz parar, para fazer frente a meninada.

Olhou. A rua estava escura de garotos.

Os gritos continuavam :

—Ora o homem de *rodaque*... daque... daque... daque... repetiam os outros, em estribilho.

E o circulo ia se fechando, ameaçador.

Ventosa sentiu-se perdido e parou, bradando :

—Valha-me minha Nossa Senhora da Aparecida !

Naquelle momento tão critico, desembocou na esquina fronteira, um vulto que ia se aproximando ligeiro :

Era o padre Clarindo.

A meninada toda deu ás de *Villa Diogo*, levada pelo grande respeito que tinha ao padre.

Depois de agradecer ao sacerdote, Ventosa fez o mesmo, fugindo para casa.

.....  
.....  
Quatro horas da tarde.

Apertado n'um jaquetão curto, de panno piloto, á portugueza, e que põe á amostra as desconformes nadegas, o Néca Ventosa, digno juiz de paz, está solenne na sua cadeira de casamenteiro.

E' verdade que elle ficára sem pinga de sangue, ao vêr o pouco caso da Bilóca, que sem acompanhamento, sem musica, sem um foguete ao menos, transpuzera o limiar do cartorio, ao braço do joven esposo.

Ventosa, porém, disfarçou e enguliu a pilula.

Chico Guaxe, o velho escrivão, trabalha calmo.

Corpo inclinado sobre a banca, ventas largas e abarrotadas de rapé, que pinga, de vez em quando, sobre as barbas, Guaxe, após cinco minutos, levantando a cabeça, interroga :

—V. Exc. veio para o casamento ?

Bilóca, lançando os olhos negros e tão formosos, bem na calva do escrivão, responde :

—Desculpe-me, senhor, não vim para o casamento, visto que hontem casei-me, aos pés de Jesus-Christo. Vim apenas participar ao senhor juiz que estou casada com o doutor Tancredo da Silva ; agora desejo assignar o registro civil.

Guaxe levou a manga do paletot ao nariz e enxugou os irreverentes pingos de rapé que cahiam, teimosos, sobre as barbas.

Ventosa suava em bicas.

—V. Exc. não trouxe testemunhas ?

—Olhe, senhor juiz, qualquer pessôa pôde servir.

Neste momento bateram palmas na porta. Eram o velho boticario e a gorducha esposa que vinham de visita ao Guaxe.

Convidados por Tancredo, assignaram o contracto.

O joven casal retirou-se sorridente.

Ventosa, bufando de odio, bateu um murro sobre a mesa :

—Vou pedir demissão, *seu* Chico, não quero mais ser juiz. Desaforo !! dizer que isso não é casamento !! e com que desprezo me olhava !!!

Guaxe, limpando as ventas :

—E' verdade, *seu* Néca, mas, afinal, vamos e venhamos, d. Bilóca não deixa de ter razão.

Quando eu achar um filho de Deus, para casar com a minha morena, a Cotinha, que já está quasi nos seus quatorze janeiros, primeiramente quero leva-la aos pés do altar de Deus Nosso Senhor.

Lagrimas de raiva cahiam pelas faces do Ventosa.

—Até o senhor, *seu* Chico !!

E elle o olhava, apatetado.

—E' verdade, *seu* Néca, primeiro Deus, depois os homens.



## ESCONJURO !!!



Sinh'Anna era uma moreninha da roça, que apenas contava 15 anniversarios.

Extremamente sympathica e encantadora, não lhe faltaram partidos vantajosos.

Seu sorriso era suave como o desabrôchar da rosa; duas ordens de dentes, alvos e miudinhos, brilhavam como perolas formosas, realçando-lhe a formosura.

Cabellos encaracolados e abundantes, que cahiam negligentemente sobre as espaldas, davam-lhe uma graça extraordinaria.

Viva como o azogue, forte como um caboclo, a roceirinha mimosa era particularmente inclinada á religião.

Quando, semelhante a bomba, estourou a lei cruel do tal *civil*, Sinh'Anna dissera á sua prima Chiquita :

—Que cousa, priminha ! os homens perderam a bóla ; cruces ! Como é que vamos agora largar a lei de Deus, para seguir o tal *incivil*.

—O que havemos de fazer, queridinha, respondeu a outra, manda quem pôde.

Sinh'Anna olhou para ella, admirada, e, pondo as duas mãos juntas :

—Então minha prima despreza a Deus e obedece aos homens ?

O rosto de Chiquita cobriu-se de purpura, e enleada, ella não soube que responder.

Sinh'Anna continuou :

—Sabe você quem foi nomeado juiz ?

—Não.

—Pois foi o Quinca Martello, o ferreiro do largo ! e o escrivão é o Zéca Saracura, o tal das galinhas.....

E as duas sorriam, mysteriosamente.

—*Xentes...* Nhânica, pois então esse povo lá de *riba* que fez a lei, não podia escolher creaturas mais a *proposto* para os *encargos* ?

Sinh'Anna não respondeu.

Balanceando o pésinho delicado, com toda a faceirice, esteve por um espaço scismando, depois :

—Olhe, Chiquita, eu te juro por essa luz que me *allumêa*, em como não irei aos pés do Martello, para me casar... era o que faltava...

—Mas, Nhânica, me disseram que titia já tinha dado o *sim* ao Pedruca para casar com você.

—Que tem isso ? eu me casarei só aos pés da Imagem, no altar de Deus, como papae, quando se casou.

Pondo os dedinhos em cruz, ella os levou aos labios, dizendo :

—Por esta cruz, Chiquita, como não irei ao civil.

.....

.....

Tinha havido casamentos em penca, na pobre villa do C..., Estado de Goyaz.

O povo affluia aos borbotões, antes da data fatal.

Todos fugiam do tal civil, assim como o homem são fuge da lepra terrivel. E tinha razão, o bom povo.

Trocar-se, de um dia para uma noite, a lei santa de Deus, a lei bemdita de nossos paes, por uma lei nova, de meia duzia de homens divertidos, não é nada agradável.

Tempos após, o barão de Lucena declarou a seus caixeiros, esparramados pelo Brazil, que o tal *civil* de má morte poderia ser feito antes ou depois do religioso.



Alguns paes principiaram a respirar.

Os *civilizados*, os taes que vivem a lamber as migalhas e a roer os ossos que cahem dos cofres publicos, bateram murros sobre as mesas, furibundos, contra o clero.

—Cambada de padres, vivem só a roubar o pobre povo : bemdito seja o governo, que nos libertou da tyrannia clerical. Agora o povo está livre de pagar tão caro pelo casamento.

(Os padres sempre recebiam dez e, no maximo, doze mil réis pelo casamento ; os *civilizados* cobram 50, 100 e as vezes 200 mil réis, como eu já fui testemunha).

Mas vão lá convencer essa gente !

Com as mãos sempre abertas para baterem palmas a todos os actos do governo, sorriso idiota nos labios, espinhella embodocada de tantos agachados, sem coragem para enfrentarem uma profissão independente, estão nos seus papeis defendendo todos os governos, pois nos fins dos mezes lá lhes cahem nas mãos estendidas, meia duzia de patacas que lhes encham as barrigas magras.

*Non raggionar de lor...*

Pedruca havia já um mez era o feliz desposado da linda morena.

A Sinh'Anna não quizera de modo algum ir ao civil.

OPedruca bem que pelejava :

—Ora, amor, porque não iremos obedecer á lei do governo ? seu vigario até nos aconselhou...

—Não irei, respondeu a moça.

—Mas...

Sinh'Anna deu um muchôcho, murmurando :

—Não fallemos mais nisso : estamos ou não casados ?

Pedro pôz as mãos juntas e olhou para ella todo enlevado, n'um extasi de amor immenso :

—Sim, estamos bem casados, abaixo o *incivil*, seja feita sempre tua vontade, que para mim vale mais que quanto governo existe no Brasil.

Sinh'Anna sorriu.

Neste instante, bateram palmas.

Era o velho mestre escola da villa,

—Bons dias, minha gente.

—*Louvado seja Christo*, responderam os dois.

—Vim aqui para que vocês se apromptem a seguirmos para a villa.

Os dois se entr'olharam, admirados.

—Para que ?

—Afim de obedecerem ao civil.

Sinh'Anna sentiu um arrepio no corpo.

—Não iremos, *seu* mestre.

—Porque ?

—Porque estou casada e só reconheço a Deus como unico que possa me impôr leis....

O velho interrompeu-a, sorrindo paternalmente :

—Olha, minha filha, eu te estimo muito e não quero discutir.

Mas has de ir, se não em pessôa, has de passar procuração e outro irá em teu lugar.

Sinh'Anna, espantada, boquiaberta, olhava para o velho, pensando que elle tivesse perdido a bóla.

—Mas como ?

—O Pedruca irá á villa para o casamento moderno, só para tapar a bocca do escrivão, que vive a vociferar por causa de vocês ; passarás a procuração a alguém que lá fará tuas vezes.

—Então, agóra, a gente póde casar-se por procuração ?

—Se póde ! essa lei é como a borracha, minha filha, alarga-se á vontade.

—Se é assim, então está tudo arranjado, respondeu a morena.

—Passarás então a procuração ?

—Sim.

—Hoje ?

—Até agóra, neste instante mesmo.

—Para quem passarei a procuração ?

—Ahi é que a velha baba, o caçimbo cahe e a porca torce o rabo, com licença de vocês, murmurou o "magister"; coçando o couro cabelludo.

Um sorriso malicioso encheu a bocca da morena :

—Olhe, *sô* mestre, para mim qualquer pessoa serve ; eu faço tanto caso do *incivil* como da

primeira camisa que vesti ; porque não passaria eu procuração a Mariquinha Rasgada ?

—Oh ! oh ! exclamou Pedruca, dando um salto no banco ; isso tambem é desprezar demais o *incivil*, e com essa eu não me apresento *no publico*.

Sinh'Anninha ria-se perdidamente, enquanto o "magister", todo grave matutava sobre aquella embrulhada.

—Quem será ? quem será ?

Nisso ouviram-se passos, perto da porta da rua.

Era o Malaquias Benzinho, pae do Pedruca.

—Ora viva, *seu* compadre, quem é vivo sempre apparece.

—Bons olhos os que o vêm, *seu* compadre, exclamou o mestre-escola, radiante ; não podias vir em melhor occasião, pois estamos aqui numa *pendenga*, que você irá decidir.

—De que se trata, inquiriu Benzinho ?

—Desejo que *Sanica* vá *comprimentar* a lei e a menina não quer por nada.

—Porque não passa procuração ?

—Está vendo, Sinh'Anna ? o compadre pensa como eu.

Benzinho, naquellas quinze leguas em róda, era consultado como auctoridade ; bem fallante, relacionado com varios rabulas e leitor assiduo de jornaes, a rapaziada toda tinha confiança illimitada em suas opiniões.

—Estou prompta a passar procuração, meu sogro, mas a quem a passarei ?

—Ora, ora, isso é a cousa mais facil deste mundo : podes passal-a ao Chico Passóca.

Os tres encararam Benzinho, cheios de assombro.

Houve um momento de longo silencio.

O mestre-escola, que tinha grande liberdade com elle, interrompeu, alfim :

—Mas você está maluco, rapaz ; onde já se viu um homem representar uma moça em casamento ?

Benzinho tirou do bolso a lei dos contractos civis, fez ver que o caso era permittido.

Sinh'Anna encolheu os hombros :

—Para mim é indifferente ; estou perfeitamente

casada, e se dou este passo é para agradar aos senhores.

—Podes passar a procuração ao Chico Bento, vulgo Passóca, que eu cá tomo a responsabilidade toda.

O mestre-escola levantou-se e tomou o chapéo.

—Já, meu compadre ? perguntou Bemzinho.

—Palavrinha, compadre, retiro-me, porque você está querendo ridicularisar o civil.

—Como assim ? se a lei o permite.

—Não ha tal, o civil é elastico, mas que um homem vá receber outro homem em casamento !!

—Compadre, sabe como eu chamo o casamento civil ?

—Ignoro.

—O casamento civil é simplesmente—*casamento politico*, ora, politica quer dizer hypocrisia, velhacada, immoralidade.....

Aliás, podemos consultar o Dr. Juiz de Direito.

—Pois está fallado, respondeu o mestre-escola.

.....

A salinha do cartorio está pejada de povo.

Os roceiros estão de queixo cahido, e muitos se benzem com a canhota, murmurando :

—*Ave Maria !* onde já se viu uma cousa dessas.

—Não era para menos.

Imaginem os leitores que na villa do C... iam proceder ao casamento de Pedro da Silveira com Francisco Passóca !!!

—Cruzes, tinhoso, passa fóra.

A porta da cozinha escancarada, deixa ver, lá no fundo, uma preta velha, mexendo um tacho de sabão e a cochilar !

Quinca Martello, o juiz de paz, com uma palleda em punho, procede a leitura da lei civil, estropiando a lingua nacional.

Lá fóra, de minuto em minuto, vae engrossando o numero da garotada, que commenta o caso no meio de gargalhadas gostosas.

Chico Passóca, olhos baixos, suando frio, já está arrependido de ter-se mettido n'aquelle embrulho.

Martello, com voz imponente :

—Sr. escrivão, proceda a leitura da procuração de d. Anna da Silveira.

Saracura tosse duas vezes e concerta a garganta.

Tira vagarosamente do bolço os olhos e planta-os sobre o nariz.

Martello grita para fóra :

—Silencio, senhores.

Os pescoços se alongam, todos os olhares se cravam, curiosos, no rosto comico do escrivão, e escutam.

Cara chata, á cearense, ventas esparramadas e largas, craneo sem um só fio de cabello e reluzente como uma bóla de bilhar, olhinhos a piscar continuamente, Saracura, após a leitura da procuração :

—Saibam todos que S. S. o senhor Joaquim Martello, muito digno juiz de paz, em nome do governo da Republica vai proceder ao casamento de Pedro da Silveira e d. Anna da Silveira, representada por seu bastante procurador Francisco Bento, vulgarmente conhecido pelo appellido de Chico Passóca.....

Uma gargalhada geral, acompanhada de palmas, retumba na salinha.

—Silencio, senhores, troveja Martello, com voz forte.

Não havendo nenhum impedimento vamos proceder ao casorio.

O juiz de paz passa, a tira-collo, a faixa azul dos casamenteiros modernos, e interroga :

—Senhor Pedro da Silveira, é por sua vontade livre que recebe Francisco Bento como sua nóiva?

Pedruca, com as sobranceiras cerradas :

—Sim.

—Senhor Francisco Bento, é tambem por seu gosto que recebe Pedro da Silveira como seu marido ?

Elle, com voz sumida e pudica, abaixando os olhos :

—Sim.

Martello, unindo as grossas mãos dos noivos, e levantando-se solemnemente :



—E eu, como juiz dos casamentos, em nome da lei, vos reconheço como casados.

Nesse momento, um pandego, aproximando-se sorrateiramente pelas costas de Passóca, collocou sobre a cabeça do mesmo uma corôa de flôr de laranjeira.

Ninguem mais poude conter-se.

Até o Quinca Martello, perdendo sua compositura de juiz, abriu os respeitaveis queixos e, durante cinco minutos, risos e palmas suffocaram os noivos.

Passóca suava como uma chaleira velha, a ferver no meio do fogo.

Sahindo da salinha do cartorio, pelo braço de Pedruca, e acompanhados pelo Martello e Saracura, os dois atravessaram as ruas da villa, attrahindo a attenção geral.

Na casa da velha Thomazia Maxixe uma mesa de sequilhos aguardava aos recém-casados.

Muitos brindes interessantes *santificaram* o acto, e a cerveja correu a jorros.

Sinh'Anninha e Chiquita troçaram a valer o pobre do Pedruca, que por muitos mezes ficou desesperado com a pandega dos *senhores civis*.

Em C..., durante muitos dias, esse casamento *fin de siècle*, serviu de pasto a todos os commentarios.

O juiz de direito, consultado a respeito, declarou que Martello tinha procedido correctamente, e que *por lei* um homem podia representar uma senhora.

Não pensem os leitores que estou inventando.

Este facto, *tal qual vai narrado*, passou-se realmente em C... villa do Estado de Goyaz.

Apenas mudei os nomes dos actores dessa palhaçada.

Quasi todos estão ainda vivos, e Pedruca, o desposado de Sinh'Anna, ha poucos dias esteve de passeio aqui em Uberaba.

O civil é uma questão simplesmente de dinheiro: vejam os catholicos *o que* a revolução nos deu para substituir o casamento santo e venerando, que nos legou, como herança, a fé de nossos paes.





# Brutalidade



Foi em 1880, nos saudosos e sempre chorados tempos do Imperio, quando a patria brasileira era sagrada entre as nações poderosas do mundo.

N'um compartimento de primeira classe, da estrada de ferro Leopoldina, Sansão Bolivar, charuto apertado entre os dentes, corria os olhos, indolentemente, para os cafesaes, abotoados de flôres.

O trem, n'uma carreira vertiginosa e phantastica, semelhava ao sucury sertanejo quando atira-se sobre a rez, esmagando tudo na sua passagem.

João Mumbuca, nervoso e agitado, vinha de passageiro em passageiro, inquirindo offegantemente :

—E' seu o urso da grande gaiola ?

Quando chegou perto de Bolivar e repetiu-lhe a pergunta, este respondeu :

—Sim, é propriedade minha, e me custou os olhos da cara.

Mumbuca tomou assento ao lado :

—E' de negocio ?

—Não senhor, não o venderia por dinheiro nenhum.

—E' pena, meu rico senhor, pois tenho tambem um grande *fila*, cachorro raro, e queria vêr os dois frente a frente, para tirar a teima d'um meu compadre que viaja commigo.

Sansão Bolivar sacudiu a cinza branca do charuto, e respondeu, indolentemente :

—V. S. perderia o seu *fila*.

—Devagarzinho, meu nobre senhor, devagarzinho; V. S. não pôde dizer isso.

E elle levantou-se solememente, elevando a voz :

—Palavra de João Mumbuca, filho de Sorocaba, como em menos de um *credo* o seu urso seria espatifado.

Bolivar encolheu os hombros, e continuou a olhar, fleugmaticamente, para os lindos e risonhos cafesaes que continuamente perpassavam diante de seus olhos.

João Mumbuca, mediu-o de alto a baixo, e com colera na voz :

—O senhor tem medo de meu *fila* ?

O outro estremeceu.

—Medo ? eu ?

E levantando-se, bruscamente :

—Quer apostar em como meu urso chama aos largos peitos o seu cachorrinho ?

E elle pronunciou essa ultima palavra com soberano desprezo.

Mumbuca tirou do bolso uma carteira, dizendo :

—Apostemos.

—Quanto vale a aposta ?

—Um conto de réis.

—Então valeu ?

—Valeu.

—Pois tóque.

E os dois apertaram as mãos, concluindo :

—Está apostado.

No vasto compartimento os outros passageiros guardavam profundo silencio.

Quando a aposta fechou-se, um velho, fidalgamente trajado, dise a Mumbuca :

—Perderás, meu compadre.

Mumbuca, sem responder, voltou-se para Bolivar :

—Tenho a honra de lhe apresentar meu compadre, major Joaquim Pintasilgo Bacuráu, homem de bem a toda prova.

Os dous homens inclinaram-se cavalheirosamente.

—Quer V. S. que depositemos as quantias da aposta nas mãos do compadre Bacurão!

—Como quizer, respondeu Bolivar.

Neste momento o trem apitou demoradamente.

Os passageiros começaram a levantar-se, sacudindo a poeira das vestimentas.

—*Santa Luzia do Carangola! Santa Luzia do Carangola!* gritava o chefe de trem, agitando a bandeirinha nas mãos; os senhores que desembarcam queiram sahir, pois temos apenas uma parada de dez minutos.

.....

O trem tinha partido.

O agente da estação, cabeça baixa, assentado á mesa do trabalho, escreve rapidamente, alheio a tudo, ignorando completamente o drama selvagem que ia passar-se alli perto.

Com precauções infinitas, a enorme gaiola tinha sido tirada, e o urso, amarrado pelo focinho, estava todo encolhido.

Oito homens carregaram o animal para o fundo, perto do deposito de sal.

Um grupo de curiosos olhava aquillo, sem nada comprehender.

Os dois guardavam segredo, e Bacurão, todo ancioso, torcia os bigodes, impacientemente.

João Mumbuca, d'ali a pouco appareceu, trazendo o grande *fila*.

Era um possante animal, que impunha respeito aos mais destemidos.

Os quinze ou vinte homens, agrupados alli, recuaram, medrosos.

Sansão Bolivar, tremendo de impaciencia, louco pela paixão que o devorava, abriu a grande porta da gaiola e tirou a focinheira da fêra.

Mumbuca, por seu turno, assanhou o terrivel cão, gritando:

—E' inimigo, *moleque*, péga.

Então passou-se alli uma scena monstruosa, impossivel e selvagem.

Atracados, aos berros, rasgando-se, os dois animaes lançavam um terror de morte em todos os espectadores, gelados de medo.

O agente da estação deu um grito de espanto e precipitou-se para lá.

A lucta continuava; titanica, insensata, aos gritos dos dois apaixonados, que batiam palmas, n'um delirio de enthusiasmo :

—Ahi, *moleque*, bravo, meu *fila*.

—Mata, meu urso, mata, *meu nêgo*.

Carnes aos pedaços, sangue a escorrer pelos corpos, as duas fêras, por fim, rolavam, sempre grudadas, n'uma agonia macabra.

O chefe interveiu, mandando acabar os luctadores á bala.

Sansão Bolivar e João Mumbuca tiveram de pagar nma grande multa, e por um triz iam sendo presos, se não fôra a intervenção d'um rico fazendeiro da localidade.

—Além de quéda, couce, murmurou Bacuráo, com os dentes cerrados de ira.

Os homens perderam tanto e ainda por cima arriscaram ser presos.

—Esses homens, apostrophou o chefe da estação, são mais désmiolados que os proprios irracionaes.

E' triste, senhores, n'um paiz civilizado e catholico como o nosso, assistir-se a scenas só proprias de inglezes e americanos, homens protestantes, isto é, sem fé e sem Deus.

—Alto lá, senhor chefe, eu tambem sou protestante e creio em Deus.

—Logo vi que o senhor era protestante ; mas duvido que tenha amor ao Supremo, um homem que compraz-se com essas selvagerias.





## Bravo, rapaziada!



Retirado apenas seis ou sete kilometros da elegante e culta cidade de Araguay, existe um nucleo mais ou menos compacto de brasileiros da gemma, caboclos sertanejos que, como mineiros, são catholicos intransigentes e intemeratos.

Levantaram lá um grande e formoso cruzeiro, e annualmente convidam um parocho para celebrar, no meio delles, o bemdito e ineffavel sacrificio da Missa.

A praga lutherana, porém, que hoje em dia contamina nossa patria querida, não tardou a fazer a erupção no meio dos pacificos e laboriosos filhos do nosso sertão.

Boyle, um dos immigrantes que a politica norte-americana vomita continuamente, para nos *civilisar*, appellidava-se ministro do *Evangelho Puro*.

Boyle assentou sua tenda na legendaria Bagagem, e, por meio de libras esterlinas, começou a ganhar sequazes.

Araguary não escapou ao contagio.

Setenta protestantes, entre homens e mulheres, vivem na cidade mineira.

Um macaquinho pellado, nome pelo qual são conhecidos os protestantes, bateu as azinhas e foi fazer pouso e morada permanente no nucleo sertanejo.

Um dia que os piedosos christãos rezavam o

terço, diante do cruzeiro, foram chasqueados pelo discípulo de Luthero.

—Bobos, idiotas, adorando um pedaço de pão secco !!

E com os olhos fogosos de despreso, e a bocca cheia de asneiras, o macaco lutherano provocava os discipulos de Jesus.

—Meu caro senhor, disse-lhe um dia Ezequiel Semêdo, um velho do lugar, nós sabemos que a cruz é uma madeira secca, mas, sobre essa madeira morreu o Divino Senhor, e em memoria d'Elle, nos prostramos diante da cruz.

—Cambada de mentecaptos ! então um filho poderá amar o revolver, que tirou a vida ao pae ?

Eu cá por mim odeio a cruz, porque foi ella que matou o Divino mestre.

O velho filho do sertão, com a bocca aberta, olhava-o, estupefacto !

—Como ? o senhor nos chamou idiotas e diz que a cruz matou ao Salvador ? ! ! !

Ora, vá se ninar, meu homem comprado ; não é com essas cantigas que os senhores pegarão peixe no meio de nós.

A cruz é o leito mortuario do Salvador ; quem o matou foram os nossos peccados.

Do mesmo modo que um filho venera e respeita o leito sobre o qual o pai fechou para sempre os olhos, do mesmo modo o christão respeita a cruz.

Trate de sua vida e respeite a religião dos outros, se quizer que respeitemos a sua bobagem lutherano... do contrario...

—Do contrario ? interrogou, ancioso, o filho de Luthero.

—Obrigaremos vmcê. a ter mais um pouco de educação.

E finalizando esta phrase, com o rosto sombrio, e desabando o chapéo de abas largas, o bom christão partiu, sem dizer o Ave, ao herege, como manda S. João nos livros divinos.

O lutherano não fez caso da ameaça e continuava cada vez mais insolente.

A paciencia tem limites, conforme reza o proloquio popular.



Um dia a bomba estourou.

Da janella de sua casa, o protestante dirigia chufas ás senhoras que passavam para a oração.

Era demais.

Dois sertanejos, desabusados e destorcidos, destacaram-se, procurando a casa do temerario.

—Senhor, queremos convidar a veme. para dar *uma chegadinha* até o cruzeiro.

Pallido, immensamente pallido, o protestante recusou-se.

—Pois se não fôr por bem, irá por mal, meu rico senhor.

Diante da attitude sinistra dos sertanejos, elle para lá seguiu.

Um grande e profundo silencio estabeleceu-se logo na assembléa christã.

—Amigo, disse um dos rezadores, approxime-se da cruz, dobre os dois joelhos e beije humildemente o santo lenho.

—Mas...meus senhores, gaguejou elle, verde de medo e tremendo como uma criança...eu não farei tal peccado; não creio na cruz.

—Bico calado, protestante de meia tigela, se não queres que a manguera alise teu pello e te conte as costellas.

O homem começou a chorar!

—Aqui *não ha que chôro! não ha que nada!* gritou o João Sucupira, o *homem da pá virada*, como o chama o povo do logar.

—Pelo amor de Deus! meus bons senhores! pelo amor de Deus, deixem-me voltar para o meu rancho.

—Aqui, acrescentou um sertanejo peitado, não tem *que historias*, eu estou com as mãos abanando; nenhuma arma carrego, mas te grito nas bochechas:

*Ou dente ou queixo,  
Ou lingua ou beijo.*

O pimpão teve de dobrar a espinhella, e adorar o santo cruzeiro,

O povo todo estava radiante de alegria.

—Agora, disse uma respeitavel senhora, se con-

tinuares com os insultos, seremos nós mulheres que te daremos a lição.

E, para isso não chamaremos nenhum homem; oh ! mil vezes não !

Os nossos chinellos hão de te avermelhar *certa parte*, para respeitares a crença alheia.

Semelhante a um gato molhado, o individuo fugiu para Araguay.

Os protestantes doeram-se do caso e procuraram instaurar processo.

Era então juiz de direito, em Araguay, o querido e bom dr. Antunes Meira, gloria pura da magistratura mineira, igualmente nosso irmão de crenças, catholico firme e educado.

—Qual é o crime dos homens ? interrogou elle, com risos nos olhos, (pois já estava sabedor de tudo).

—O crime ? mas, meu senhor doutor, então a gente pôde lá beijar um páo secco ?

—A que chama o senhor páo secco ?

—A' cruz ! meu senhor doutor.

O dr. Meira encolheu os hombros e despachou o povinho lutherano com estas memoravejs palavras :

—Beijar-se uma cruz não é crime ; *ao contrario, é uma gloria !*

E os norte-americanos, com os narizes trombudos, foram tomar a fresca.





## Quem com ferro fere !...



Elle não conhecera a mãe. Do pae guardava apenas uma vaga reminiscencia. Sabia ter sido assassinado, pois seu padrinho, o dono da fazenda da Roseira, lh'o dissera varias vezes.

Em casa do padrinho era tratado como negro. Contaria, no maximo, 14 annos e com a sua enxadinha já trabalhava no sitio, com a escravatura.

Uma bella noite sumiu-se o pequeno.

Debalde o procuraram por toda a parte. Nos jornaes da côrte (suprema villania) durante quasi um mez, viera uma figura de negrinho, mochila ás costas, com os signaes do menino, promettendo-se premio a quem o pegasse.

Chamava-se José, mas o povo o appellidava o *Fogo*, por causa de seu genio sombrio, seu ar muito serio e selvagem e seus cabellos vermelhos.

José Fogo havia se internado pela provincia de Minas e, varando sempre, chegára até o sertão de Goyaz.

Lá aggregou-se a uma tropa, na qualidade de cozinheiro.

A camaradagem toda gostava d'elle por ser muito humilde e obediente.

Notaram-lhe, porém, aquelle grande fundo de amargura e tristeza. Muitas vezes, no pouso, alta noite, quando um ou outro camarada se erguia

do leito, pilhava José inclinado sobre alguma cangalha, com os braços encruzados, olhos fixos nas estrellas do céu, e banhado em lagrimas. Começaram a fazer conjecturas sobre sua vida.

Quando o patrão inquiria-lhe a procedencia, José respondia :

—Meu amo, quando ajustei com vmce., foi com a condição de guardar segredo sobre minha triste vida.

Eu disse a meu amo que não tinha pae nem mãe ; sou um infeliz que vaga atôa pelo mundo. Se vmce. não está contente commigo, eu continuarei a varar por esse *mundão* de meu Deus.

O patrão não insistia, pois queria ao camaradinha como á menina de seus olhos. E assim viveram seis annos.

Certa occasião entrára um novo camarada para a tropa. Déra o nome de Praxedes.

—Então, meu amigo, donde é natural vmcê. ? perguntou-lhe o arrieiro.

—Sou da Matta do Rio, patrão.

José Fogo fitou, curioso, o individuo.

Era um caboclo alto, de frente larga e espãçosa, olhos vivos, gestos arrebatados.—

Aquellas feições não lhe eram estranhas, e elle começou a passar pela mente as diversas pessoas que conhecera out'rorá, a ver se reconheceria o seu novo collega.

O caboclo tambem, ao encarar pela primeira vez o cozinheiro, puzera-se a consideral-o longamente.

—Eu, se não me engano, já vi vmcê. ?

—Póde ser, respondeu José, abanando o fogo com o chapéo e fingindo-se incommodado pela fumaça, para não dar a perceber o terror que sentira ao reconhecer o feitor da *fazenda*. Sim, era elle, não cabia duvida ; era o antigo feitor da fazenda da Roseira, que por um desses despropositos da sorte, acabava de se empregar como *toca-dor* d'uma tropa.

—Vmcê. nunca esteve na Matta do Rio ?

Por um momento José vacillou na resposta.

Natureza recta e intemerata, profundamente verdadeiro e de bem, repugnava-lhe a mentira.

De outro lado, porém, temia uma cilada qualquer, por isso respondeu evasivamente :

—Meu amigo, quando vmcê. demorar-se mais tempo com a rapaziada nossa, verá que eu conservei sempre mysterio sobre minha vida, por isso me perdôe si não posso responder a sua pergunta.

—Quem é, Praxedes, quem é ? dizia a si mesmo o novo camarada, passando a mão pela testa.

E depois de alguns minutos de meditação, caminhou para o cozinheiro, e pondo-lhe as mãos sobre os hombros :

—Vmcê. não é filho do fallecido José Gonçalves, morador perto da Roseira ?

José Fogo cambaleou e fechou os olhos.

—Ai! *seu* Zequinha ; que felicidade, minha Nossa Senhora, que felicidade ? E antes que o outro voltasse a si do espanto, o novo camarada pôz-se a abraçal-o e a chorar.

A camaradagem toda tinha os olhos razos d'agua.

O patrão afastara-se, tossindo, para reter as lagrimas.

—E' a cara do pai, meu Deus, é a mesma cara, continuou o caboclo ; os mesmos olhos, a mesma voz, o mesmo ar triste.

Que moço de coragem ! Como é que veio parar tão longe, *seu* Zequinha ?

Sabe que seu padrinho annunciou pelos jornaes vmcê., como se fosse negro fugido ?

Os olhos de José Fogo faiscaram. Até então elle não pudera pronunciar uma só palavra. Mil sensações diversas o abalavam. O tremor nervoso, porém, e o choro que o ganhava, tudo fazia ver que Praxedes fallava a verdade.

O cozinheiro levantou-se solemne, e encaminhando-se para o patrão :

—Meu amo, dá licença que falle ?

—Pois não, José, com muito gosto.

Elle então, com voz singela e commovida, contou toda a sua curta vida, concluindo assim :

—Ignoro como vmcê., *seu* Praxedes, veio parar aqui, mas, graças a Deus, sou um homem livre e nada temo.

—Nem é possível temer, José, observou o arri-

eiro, pois na minha tropa ninguem tocará, impune, em teu corpo.

—Viva o patrão, bradaram os camaradas, batendo palmas; viva o rei dos patrões, viva! viva!

—Ave Maria, *seu* Zequinha, eu não vim aqui com más intenções, e se hoje me acho no sertão, é mais por causa de vmcê!

Vou tambem explicar, se meu amo dá licença, o motivo pelo qual me acho aqui.

A um signal affirmativo do arrieiro, o caboclo começou:

—Eu era feitor da fazenda da Roseira, na Mat-ta do Rio, e lá estive empregado durate 15 annos. Meu amo, que era padrinho aqui de *seu* Zequinha, não passava d'um miseravel, d'um assassino.

Um dia José Gonçalves, a quem meu amo devia quatro contos, amanheceu morto no meio da estrada, todo esfaqueado.

O pagem que o acompanhava fugiu. A fazenda do defunto ficou ligada á nossa, pois meu amo, na qualidade de padrinho do orphão, foi nomeado tutor.

Pois senhores, aquelle miseravel, que mais tarde veio a se saber que era o verdadeiro assassino do pobre José Gonçalves...

Um grito de odio, de horror e indignação interrompeu o caboclo.

Era José Fogo que, com os braços estendidos, olhares desvairados, bradou:

—Não, não, é impossivel, é demais, não é verdade isso. Não, não! isso é impossivel! é uma infame mentira!

Praxedes olhou para elle com olhares de infinita piedade e mansidão.

—Meu senhor Zequinha, vá escutando que vmcê. acreditará tudo.

Como ia dizendo, aquelle miseravel poz o afilhado no eito, com os negros, e quando mais tarde o menino fugiu, elle annunciou pelos jornaes, como si se tratasse de um captivo, promettendo cincoenta mil réis a quem o pegasse.

A justiça de Deus, porém, não dorme, conti-nou o caboclo com voz grave, e um dia appare-



ceu lá na villa um doutor que era um homem ás *direitas*.

Elle quiz saber que fim tinham levado o orphão e os bens que o assassinado deixára.

Quanto ao menino ninguem sabia d'elle, e quanto aos bens, não sei de que modo estavam vendidos.

O doutor quiz tirar a limpo toda a questão e mandou intimar meu amo. Este, prevendo a prisão, havia desaparecido. Então soube-se de tudo.

A fazenda da Roseira e todos os bens do patrão estavam hypothecados.

O antigo pagem de José Gonçalves, que até então se conservára ausente, compareceu um dia diante do doutor e apresentou duas provas em como o assassino era meu amo.

A primeira era uma carta, em que meu amo convidava o José Gonçalves a uma conferencia, avisando-lhe que trouxesse o credito dos quatro contos, que queria fazer o pagamento. A segunda era um punhal, instrumento do crime, que tinha no cabo as iniciaes do assassino, e, pouco acima, *Fazenda da Roseira*.

Varios empregados da fazenda juraram que meu amo nunca largava aquelle punhal. A Providencia permittira que elle o esquecesse no lugar e que o mesmo fosse achado pelo camarada fiel.

Começou-se tambem a propalar que o menino tinha sido *liquidado*, mas, graças a Deus, o achei são e salvo, bendito seja Deus !

José Fogo passava por sensações diversas.

No rancho reinava grande silencio.

—Mas, perguntou o arrieiro, que fim levou o homem ?

—Ninguem sabe, meu amo ; uns dizem que se internou pelo sertão, levando naturalmente algum cobre, pois elle não seria tolo de sahir sem dinheiro ; outros opinam que esteja por lá mesmo acoutado ; ha ainda quem pense que tenha dado cabo de si, com medo da justiça.

—Como sahiu o senhor de lá ?

—Esse é meu segredo, meu amo, que em todo o caso poderei contar a *seu Zequinha*, a quem bastante interessará.

A tropa continuou a viagem vagarosamente, como sempre.

José Fogo e o caboclo, muitas vezes, alta noite, eram vistos a sós, conversando em voz baixa.

Que se passava entre os dois ?

Escutemos, enquanto o arrieiro e os camaradas dormem.

José Fogo, com os braços cruzados, cabeça baixa, fronte carregada, presta atenção.

—Lembra-se, *seu Zequinha*, da Eva, aquella mulata clara, que era o feitiço de meu amo e a causa de todas as candongas da Roseira ?

—Si me lembro!!! bradou o cozinheiro, estendendo os punhos fechados, em attitude ameaçadora; a maldita!!! foi ella quem me obrigou a sahir de lá.

—Coitada, *seu Zequinha*, coitadinha da mulata, morreu d'uma molestia exquisita; dizem que foi *coisa posta*.

—Como assim ?

—Ella morreu de magreza e, na hora da morte, pegou a pôr bichos pela bocca, pelo nariz, pelos ouvidos..... Cruzes!!! era uma cousa que mettia medo, e que fedentina, *seu Zequinha*, que fedentina.....

—*T'arrenego!* murmurou o cozinheiro.

—E' verdade, *seu Zequinha*: eis como acabou a Eva..... Antes de morrer, ella mandou-me chamar. Meu amo já tinha fugido. O Banco tomára conta da Roseira. A negralhada toda estava fôrra, pois o 13 de maio estourou poucos dias depois do barulho do doutor novo. A Eva ficou na casinha do Marcellino, pois estava já *inteirando* os dias.

Os homens do Banco tiveram dó e a deixaram em paz. Ella mandou-me chamar, dizendo que tinha um segredo para me contar. Lá fui.

Olhe, *seu Zequinha*, eu nunca até então tinha chorado em minha vida. Não sabia que cousa era chorar. Aquelle dia eu senti uma cousa cá por dentro; as lagrimas me borbulharam nos olhos, e eu tremia como uma criança nova.

E o caboclo ficou um momento pensativo, limpando os olhos com a manga da camisa.

—A Eva pôz as mãos juntas e começou a solu-

çar. Aquillo me agoniava. A coitadinha! estava começando já neste mundo o seu triste fadario.

—Meu caboclo, disse-me ella n'um gemido doloroso, me perdôe, pelo amor de Deus.

—Mas perdoar o *que*, creatura?

—As desgraças da Roseira!.....

—Ora, *sá* Eva, eu nunca soffri nada da senhora; meu amo é quem teve culpa de tudo.

Ella continuou, por muito tempo, a olhar para mim com uns olhos tão tristes!!.... como a mãe que, na hora da morte, olha pela ultima vez o filho.

Ainda me parece que a estou vendo agora.

Depois, ella metteu a mão em baixo do travesseiro e tirou uma Imagem do Senhor Crucificado.

—José, meu caboclo, jure por essa Imagem milagrosa, que você ha de cumprir a ultima vontade d'uma desgraçada, na hora da morte!

—Eu botei a mão em cima da cruz e senti um arrepio em todo o corpo:

—Juro, *sá* Eva.

Uma luz de alegria correu pelo rosto da moribunda.

—Lembra-se, meu caboclo, do fallecido José Gonçalves e do Zequinha, o filho d'elle, que fugiu da fazenda?

—Lembro-me, perfeitamente.

—Sabe quem matou o José Gonçalves?

Eu já sabia de tudo, mas fingi ignorancia.

—Como quer que eu saiba, creatura, se a justiça abafou esse negocio?

—O assassino de José Gonçalves foi nhonhô, e *seu* Zequinha está vivo e no sertão de Goyaz, para onde nhonhô tambem partiu.

Eu abeirei-me da moribunda anciosa, offegante, querendo beber suas ultimas palavras.

Como sabia ella de sua vinda para aqui? Quanto á morte de José Gonçalves era natural, pois meu amo babava-se por ella e não tinham segredos um para o outro. Em todo o caso eu queria saber de tudo, colher talvez mais algumas provas.

—Vamos, *sá* Eva, em nome de Deus, me conte tudo.

Mas a coitada não poude mais. Ella come-

çou a estrebuchar, apertando de encontro ao peito a Imagem milagrosa. Corri a buscar um pouco d'agua. Quando voltei, *seu Zequinha*, vi uma cousa que Deus permitta nunca mais eu veja em minha vida. As carnes me arrepiaram.

A cama da Eva estava coberta de bichos que lhe sahiam da bocca, dos ouvidos e do nariz!!!

—Cruzes! t'abrenuncio, tinhoso!

—Eu banzei muito tempo no caso e resolvi nada dizer a ninguem, com medo de me envolver com a *justiça*.

Todo o meu ganhame de 15 annos de feitor, estava nas mãos de meu amo. Fiquei sem um vintem. Vendi minha besta ruana, unico trem que possuia e me embarquei para Campinas; d'ahi segui a pé para o sertão.

Fiz uma promessa a meu divino Padre Eterno, para encontrar vmcê. e meu amo tambem. Fui tão feliz que já encontrei vmcê., nesse grande mundo de sertão. Hei de encontrar tambem meu patrão para nossa ajusta.

Grande Santo é meu divino Padre Eterno, grande Santo!...

José Fogo não poz em duvida a veracidade de Praxedes. Este trouxera varios jornaes do Rio, que narravam circumstanciadamente o depoimento do antigo camarada de José Gonçalves, e a fuga do fazendeiro da Roseira.

Que fazer, porém? onde procurar o assassino de seu pai? como reaver o que era seu, si por acaso ainda tivesse alguma cousa? elle apenas percebia um exiguo salario!

No emtanto, o caboclo não havia dito tudo ao cozinheiro da tropa.

Com effeito, a joven Luzia, noiva adorada de Praxedes, havia sido raptada pelo fazendeiro da Roseira!

Por isso o odio e o ciume amontoavam-se em seu coração.

—*Seu Zequinha*, já cumpri meu juramento; agora vou seguir por esse *mundão* de meu Deus, a correr minha sorte.

O cozinheiro teve mão n'elle:

—Espere um pouco, meu amigo, quando a tro-

pa bater carga na capital, eu me apartarei do patrão, e furaremos juntos...

Ao cabo de mez e meio, seguindo a estrada de Amaro Leite, embuçados em amplos ponches, os dois homens marchavam.

Já tinham tido vaga noticia d'um carioca que seguira para o alto sertão, intitulos-e comprador de gado.

(Os goyanos dão o nome de carioca a todos os filhos do Estado do Rio, que por lá vivem).

Os signaes dados pelos *rancheiros* combinavam perfeitamente com os do fazendeiro da Ro-seira.

—Nós tivemos muita pena, diziam elles, d'uma menina, coitadinha ! que boniteza, senhores ! vivia constantemente a chorar, e quasi não queria comer.

O homem dizia que era filha d'elle, mas..... *credo*... como obrigar criança tão delicada a viajar assim pelos sertões ?

O caboclo olhava para Zequinha e sentia uns apertos no coração.

Tinha impetos de disparar como um doudo, n'um *carreirão*, dia e noite, para libertar a noiva.

. . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .

Santa Maria do Taguatinga está em festas.

Cincoenta e tantos negros, uns com tambores, outros armados de adufes, uns com caixa e pandeiros, outros cobertos de guizos, iam de casa em casa, a cantar o *Congado*.

E' a dança predilecta no sertão.

O padre João preparava-se para celebrar a festa de Nossa Senhora do Rosario.



A' tardinha devia haver um casamento, e na casa de Maria Thomazia o mulhero estava n'uma roda viva, preparando o banquete e a enfeitar a noiva.

Esta parecia um cordeirinho levado para o matadouro.

Não fazia mais que chorar.

As mulheres estavam admiradas! Nunca tinham visto uma cousa assim.

—Olha, Sinh'Anna, dizia uma velha cabrocha, isso até parece mandinga; o homem não é criança e bem podia ser pae della, mas é um *ricão* lá das mattas do Rio, e que amor tem á d. Luzia, que amor, Sinh'Anna! Até parece adoração!

Viajaram juntinhos por esse *mundão* de meu Deus, celle a respeitava como a uma santa do altar.

Que homem honrado! benza-o Deus.

—Tia Chica, tia Chica, retorquia a outra, uma morena de olhos escuros, aqui tem *coisa*; a pequena tem o coração noutra parte; eu, si fosse *seu* padre João, não fazia este casorio.

—Deixe de dar por paus e por pedras, minha tôla, pois você quer saber mais dô que *seu* vigario, que já correu os proclamas?

—Eu não sei, tia Chica, mas d. Luzia me disse que fez uma promessa para não se casar, porque o coração della não pede aquelle homem.

A cabrocha ia replicar quando entrou uma onda de curiosos, que vinham assistir a chegada dos pretos.

—Lá vem o *Congado!* lá vem o *Congado!* bradou a multidão alegre, batendo palmas.

Os pretos formaram uma immensa roda e mandaram chamar a noiva.

A menina compareceu toda vestida de branco, cabeça corôada de flores, e um grande véo esponsalicio que lhê occultava o mimoso rosto.

As caixas começaram a rufar majestosamente, e a negraria toda, balanceando os corpos, entoou:

Hoje é dia de festa  
É de grande alegria.

---



O mulherio em pezo começou a bater palmas e atirando flores sobre a fronte da noiva, repetiu, em cadencia :

Hoje é dia de festa  
E de grande alegria.

De novo rufaram as caixas e os pretos continuaram :

Pois que vae se casar  
Sinhá Dona Luzia !

O mulherio de novo palmeou e ia repetir, quando d'un canto da villa, ouviu-se o som agudo d'uma trombeta.

Era o signal do vigia annunciando a aproximação dos cavalleiros que traziam o noivo.

De todos os lados começaram a subir e a estourar rojões.

A noiva foi tomada d'un chôro convulso que mettia dó.

Quizeram soccorrel-a.

—Não, não, respondeu ella, tapando a bocca com um lençinho branco ; isso não é nada, quero receber meu *senhor* ! estou forte ainda, minha gente !

Eil-os que atravessam o vasto e espaçoso largo de Santa Maria. Na frente de todos, cavalgando um baio feroso, rompe o vencedor, o infeliz que vae ser o heróe da festa.

De repente, todos pararam e fez-se um grande e medonho silencio.

Dois homens, vestidos á sertaneja, haviam tomado a frente dos cavalleiros.

Então todos ouviram claramente, tanto era vibrante e nervosa aquella voz :

—O senhor sabe que José Gonçalves deixou um filho neste mundo ? assassino de meu pac, saiba que esse filho foi guardado por Deus para vingar as cinzas do defunto !

O choque tinha sido tão rude e violento que o outro cahira do cavallo.

—Meu afilhado, meu afilhado, perdã a teu padrinho !

O velho padre João, a correr, abraçara-se com o moço

.....

O tiro, graças á intervenção do vigario, errára o alvo.

O caboclo, por sua vez, entrou em scena.

—Agora, meu amo, o brinquedo é commigo.

E arrancando um facão, bradou :

—Ladrão de meus quinze annos de serviço, ladrão de minha noiva, um de nós é demais no mundo !

Os cavalleiros quizeram intervir, mas o caboclo com olhares sinistros e ferozes para todos os lados, gritara :

—Quem se approximar é um homem morto.

O fazendeiro da Roseira teve medo, e cobarde como todos os miseraveis, arrancára rapido da cava do collete uma faca, e enquanto Praxedes olhava para os cavalleiros, cahira sobre elle.

Os inimigos abraçaram-se furiosos e começaram uma luéta de feras. Quando os espectadores intervieram já era tarde.

Os dois homens, crivados de facadas, jaziam inertes.

A noiva, essa cahira como morta, ao ouvir o brado do caboclo.

Em Santa Maria da Taguatingua, por muito tempo, não se conversou em outra cousa.

Naturalmente os leitores desejarão saber o fim de José Fogo.

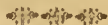
Direi apenas que elle reconhecera na moça uma contraparenta de sua mãe e, na qualidade de comparochianos e ligados quasi pela mesma desgraça, não tardaram a se amar.

Mezes depois, d. Luzia sahia da Egreja com o rosto em risos, levada pelo braço do intemerato José Fogo. -

O padre João acabava de realisar o casamento.

—Qual, minha gente, o que tem de ser ha de acontecer mesmo ! quem diria meus Deus ! quem diria ! assim fallava uma caboclinha azougada.

*Casamento e mortalha no céu se talha,*





## ○ **escrivão**



Com seu immenso chapéo de manilha, um enorme cachimbo sempre a fumar, de cothurnos, mesmo dentro de casa, o alferes João Salomé Prequeté, era um exquisitão de marca maior. N'aquellas trinta leguas em roda era considerado á toda prova.

Viuvo, ha mais de vinte annos, não procurára segundas nupcias, e fazia elle muito bem.

Casamento, para aquelles que pensam bem, deve ser uma vez só na vida, conforme o conselho dos experientes.

O alferes Prequeté estava a criar um filho, que a defunta deixára ainda no berço.

O filho, Manoelzinho Pintasilgo, assim fôra appellidado pelo seu genio folgazão e alegre.

Vivia sempre assobiando modinhas e arremedando passarinho.

— Parece um pintasilgo, disse alguém, certo dia.

O rapazote encabulou de devéras, e arrancou a faquinha da cinta, ameaçando espetal-a no umbigo do companheiro.

D'ahi em diante ninguem o conhecia por outro nome, e, afinal, elle acostumou-se e passou a assignar-se : *Manoel Pintasilgo do Prequeté*.

Ao completar vinte annos, o alferes chamou-o ao escriptorio da fazenda e com ares graves e modos decididos :

— Rapaz ! já me estás um homem ; hoje comple-

tas vinte annos, e amanhã começarás a correr o mundo.

O Pintasilgo sentiu um frio no corpo e, encarando bem o velho Prequeté nas meninas dos olhos, balbuciou :

— *Mas, senhor pai.....*

Esquecia-me de dizer que João Salomé Prequeté era portuguez da gemma, um Bracarense das cinco quinias e criára o filho á moda da santa terrinha.

— Partirás amanhã, continuou nosso homem, levarás um camarada, negociarás no que quizeres e, para principiares a vida, te presenteari com oitocentos mil réis, e fica sabendo, senhor meu filho, que o senhor teu pai começou a vida com meia pataca.

Um riso vivo illuminou toda a larga caraça do Pintasilgo.

— E' verdade, principiei apenas com quatro cobres, e hoje não invejo nenhum parceiro na Matta da Corda, continuou Prequeté, chupando uma grande fumaça no immenso cachimbo.

Depois, vagarosamente e pondo as mãos ambas sobre os hombros do filho :

Abre bem tua cachola, olho vivo e pé ligeiro. Só deves negociar com dinheiro teu ; nunca compres á prazo e sobre tudo, (aqui Prequeté foi gritando, syllaba á syllaba,) nun....ca.....fa....ças.....ne....go....cio.....com.....es....cri. ..vão.....al....gum nun....ca.....nun.. .ca.

.....

.....

O arraial de Matto Secco está cheio de forasteiros. Era justamente o tempo em que comitivas e mais comitivas de boiadeiros entram para o alto sertão, a apartar lévas e mais lévas de gado para o consumo da grande cidade, capital da patria dilecta.

No meio do rodoinho dos viandantes lá se achava o nosso Pintasilgo.

Já duas vezes varára pelo sertão e duas vezes fôra á Bemfica mercenciar.

Tambem a capanga, que elle sempre trazia á tira-collo, estava empanturrada de notas.

Fiél aos conselhos paternos, elle só tirava pequenas partidas, e compra e venda sempre á dinheiro.

Pela terceira vez que buscava o sertão, resolveu dar um balanço financeiro na *capanga* fiel.

Pondo de lado os oitocentos da entrada, ainda lhe sobejaram um conto e seis centos, livre de todas as despezas.

Querendo salvaguardar os lucros, elle indagou do estalajadeiro, á noitinha :

—Qual é o homem mais honrado aqui do arraial ?

—E' o Raphael Caxixa, meu senhor boiadeiro.

—Mas é de toda a confiança ?

—Si é, meu senhor ; imagine V. S. que elle é o caixa de quasi todos os fazendeiros da redondeza, e aqui não se move uma palha sem que elle seja ouvido e cheirado.

—E' que..... começou o Pinta, coçando a orelha e abaixando o diapasão da voz, vou entrar pelo sertão *brabo* e queria deixar aqui no *duro*, bem segurinhos, uns vintens que apurei na baldróca dos bezerrinhos.

—V. S. pôde deixar toda a prata e todo o ouro que quizer, que o Caxixa é homem ás direitas, é um santo de Deus.

Pintasilgo, no dia seguinte, e com infinitas precauções; ainda indagou de alguns negociantes e todos eram conformes em beatificar a honradez e a inteireza do Caxixa.

Socgado, o Pintasilgo dirigiu-se para o *ubi* do Caxixa, um chaletsinho azul-marinho, quasi no fim do arraial.

—Dá licença, senhor ?

Entre quem é, respondeu uma voz dura e de taquara rachada.

O Pinta entrou e correu os olhos pelo frontespicio do dono da casa.

Assentado numa poltrona tosca, o bruto, envergado sobre uma mesa, a escrever lentamente, tendo dois oculos a cavalleiro sobre as largas ven-

tas abarrotadas de rapé, o Caxixa, sem levantar os olhos da escripta, disse :

—Sente-se, que já lhe fallo.

Depois, parando o calamo e suspendendo os dois oculos sobre o alto da testa :

—O que deseja ?

—Senhor.....mastigou o Pintasilgo, procurando recordar-se do nome do Caxixa.

—Raphael Tupiniquim Tremembébé Caxixa, um seu criado.

—Pois, senhor Caxixa, sou um viandante ainda novato e tendo indagado do povo soube que V. S. é o homem mais de bem da terra.

—Bondades do povo, meu senhor.

—Vou varar o chapadão d'esse mundo de Deus e quero merecer de vmce. o favor de me guardar, por uns seis ou sete mezes, um conto e seiscentos mil réis.

Os olhinhos do escriba abriram-se desmedidamente e brilharam como um relampago.

O Pinta abriu a capanga, tirou varias bolidas, contou, recontou, e, com mãos tremulas, passou-as ao Caxixa. Este, dobrou os pacotes, abriu a gaveta desprentenciosamente e dando volta á chave :

—Mais de bem do que eu não existe nesses cafundós; traga o coração á larga no peito, seja feliz e quando quizer seu dinheirinho é só pedir por bocca.

E dizendo e fazendo, o escriba abaixou os dois oculos, curvou o busto e continuou a escrever.

Passada meia hora, inquiriu :

—Meu amigo, quer mais alguma cousa ?

—O Pinta sentiu um arrocho sobre o coração.

—E o recibo, meu senhor ?

—Ah ! é verdade, que cabeça esta minha, desculpe, meu amigo.

E, rapido, passou um recibo em regra.

De posse do documento, Pintasilgo respirou largamente e sahiu leve como um passarinho.

Passeiou pelo arraial e, á noitinha, procurou o pouso na estalagem.

—Então, perguntou o hospedeiro, gostou do nosso escrivão ?

—Que escrivão ? indagou o Pinta, espantado.



—O Caxixa.

—Mas o Caxixa é escrivão ???!

—Todo inteirinho ; é o nosso escrivão aqui do Matto Secco.

O Pinta, pallido como um morto, cahiu sobre uma cadeira e com as mãos sobre a cabeça :

—*Minha Nossa Senhora do céu, estou perdido.*

—Mas o que é isso, senhor ? tornou o estalajadeiro.

—Nada, nada, onde é meu quarto ?

—E' alli no numero cinco, o terceiro quarto, á direita.

Cambaleando como um ébrio, o Pinta, deu volta á chave da porta do quarto e todo vestido como estava, cahiu sobre a cama.

A noite inteira elle passou em claro.

Matutou todo o tempo sobre o que devia fazer.

Ao primeiro alvorear da manhã, correu para o chaletsinho azul marinho.

Seu plano estava lançado.

—Dá licença, senhor escrivão ?

—Entre, quem é, ordenou a voz taquaral do Caxixa.

Ao ant'olhar o homem da vespera, mestre escriba sentiu o sangue trepar todo em seu rosto esquelético.

—Então, o que temos ?

—V. S. desculpe, honrado senhor, hontem á tarde, recebi uma carta de meu pai, suspendendo todos meus negocios e me chamando com urgencia para a fazenda.

—Peço, pois, desculpa e como vou recolher-me ao lar, quero reaver a quantiasinha que hontem lhe confiei.

Os olhinhos de tamanduá bandeira do Caxixa faiscaram.

—Trouxe o recibo ?

—Que pergunta, meu senhor, eil-o, aqui está.

É confiadamente o entregou.

Depois de passar os olhos sobre o papel e inteirado de que era o mesmo recibo da vespera, o Caxixa rasgou-o em centenas de pedacinhos e, varejando-os pela janella, ao fundo do quintal :

—Moço, siga seu rumo em paz e em paga do

conto e seiscentos que me deu, accete este conselho: Nunca confie seu dinheiro a quem vmce. não conhecer pessoalmente.

Retire-se e não dê escandalo.

Ninguem acreditará no que vmce. disser.

Eu sou considerado o homem mais de bem deste lugar, o senhor nenhum recibo possui; o resultado seria a cadeia para si. Por isso, continuou elle, apontando para a porta: Rua!

Semelhante a um cameleão, o Pinta passou por todas as cores e depois de chorar, de prometter mundos e fundos, de ameaçar, esgotados todos os meios de reaver o que lhe pertencia, elle lembrou-se do velho pai, um marombeiro de marca maior.

Bambeando a redea no pescoço da cavalgadura, o Pinta tomou a estrada larga do lar paterno e, em poucos dias de marchas forçadas, estava nos braços de João Prequeté.

—Então, meu rapaz, como vamos de negocio?

—Senhor pai, fui infeliz. E quasi a chorar por o velho a par de tudo.

Este, franziu as sobrancelhas e começou a passeiar agitado pela sala; depois, lentamente:

—Eu não te recommendei tanto que nunca fizesse negocios com escrivães?

—Senhor pai, eu não sabia que o cújo era escriba!...

—Emfim o que está feito não está por fazer, concluiu João Salomé Prequeté; amanhã partiremos para o Matto Secco e havemos de ver quem tem garrafas vasiaas para vender.

Dias após, vencidas as quarenta leguas que os separavam de Matto Secco, os nossos conhecidos fronteiaram o arraial.

—Onde mora o escrivão? indagou o velho.

—Alli, respondeu Pinta, apontando o chaletinho, ao fundo.

—Qual é o physico do méco?

—Elle é magro, esgruvinhado, quasi esqueletico, barbicas avermelhadas, com uma enorme verruga na ponta da bicanca e dois oculos de myope á cavallo nos narizes.

—Apre! commentou o velho, rindo-se, é bem assignalada a tal ratazana da barriga branca.

Tu ficas aqui de plantão, continuou elle, e logo que eu entrar no chalet, deixas passar o prazo de um terço; em seguida segues para lá, entras, me saúdas, fingindo não me conheceres, e reclama o teu dinheiro como se nada houvera passado.

Prequeté, com uma estupenda capanga a tira-collo, recheiada de jornaes velhos, e acompanhado do pagemzinho, seguiu para o chalet.

—Dá licença?

—Entre, ordenou a voz rachada do nosso escriba.

De botas brancas enormes, arrastando pezas das chilenas de prata, com um *palla* paulista aos hombros, fingindo-se verdadeiro caturra do sertão, estendeu a mão aberta, saudando:

—Louvado seja Christo, meu senhor.

—Para sempre, bom homem. Sente-se. Quer alguma cousa?

—Meu senhor, passando de passagem por aqui colhi as mais bellas noticias sobre v. s.

Ora, moro longe daqui e tenho de fazer longa e demorada viagem de cobranças: talvez gaste um anno para voltar; tendo já recebido meia duzia de patacas, matutei sobre os perigos em que ia correr, e como *sube* que V. S. é homem de bem a toda prova, me *arresolvi* a bater na sua porta.

—Pois não, bom homem, pôde deixar o que quizer aqui e quando voltar é só pedir por bocca e terá seu cobre *todinho*, pois não quero premios.

Quanto deixa em deposito?

—Homem, meu senhor *escrivão*, eu deixarei vinte e seis contos, pois tenho trinta, mas, para o que der e vier, levarei quatro para despezas.

O Caxixa estava pallido de commoção, quasi nem respirava.

Como? uma fortuna que lhe cahia das nuvens, uma ovelha pingue e bojudá que se vinha atirar nas guelas do lobo?

Qual! mais vale quem Deus ajuda, do que

quem cedo madruga, pensava elle com suas abotoaduras.

Nisso, palmas sôam lá fóra.

Pam! pam! pam! pam!

—Entre, quem é?

Seu Pinta, nervoso e todo tremendo, fez sua apparição solemne.

Os olhinhos do escriba fuzilaram, elle nem respirava, e um suor frio começou a porejar em suas fontes.

O Pinta, fazendo-se de tôle e dirigindo-se ao Prequeté :

—Bom dia, meu amo.

Em seguida, ao escrivão :

—Bom dia, senhor.

Depois, solememente :

—Vim aqui levantar aquella quantia que V. S. sabe, e estou prompto a lhe gratificar bem.

—Qual historias, meu amiguinho, respondeu o Caxixa, tomando uma resolução subita e com medo de perder os vinte e seis contos ; aqui nesta casa não se cobra commissão. Vmce. deixou aqui um conto e quinhentos, pois não foi ?

—Sim, meu senhor, confirmou o Pinta, com a physionomia toda transfigurada e a bocca cheia de risos esperançosos.

—Pois aqui tem seu dinheiro, sem quinhentos réis de menos.

Assim dizendo, levantou-se, abriu o armario, tirou um masso de notas, que contou, passando-o em seguida para as mãos soffregas do feliz rapaz.

Este saudou de novo, apertando a dextra do escriba com as duas mãos, e sahiu.

O velho, por seu turno, ergueu-se vagarosamente e olhando o Caxixa por cima dos olhos :

—Pois bem, meu amo, vmcê. até outro dia!

Quando eu puder virei cá outra vez.

Seu Caxixa tornou-se verde, e esbugalhando os olhinhos piscos, perguntou estupefacto :

—Mas e o deposito ???

—Que deposito!!? homem, quaes depositos, quaes historias.

Você sabe d'um dictado? Para marreco, marreco e meio.

Aquelle moço que sahiu daqui é meu filho: veiu buscar o que você queria surripiar.

Adeusinho, e faça bom proveito dessa lição.





## O IMPERADOR



—Bons tempos, que nunca mais hão de voltar, dizia-me, em 1880, meu tio, o coronel José Antonio de Abreu.

—Mas, meu tio, a republica.....

—Quaes republicas, quaes porqueiras, interrompê-me o veterano, arrumando um murro sobre a mesa da sala ; a republica começou querendo sular a egreja, expulsando da patria o mais virtuoso dos brasileiros, e vncê., um sacerdote, a defender esse lixo de satanaz.

E meu tio levantou-se e começou, a grandes passos, indo e vindo pela sala.

De repente, estacando, cruzou os braços e olhando-me face a face :

—Ouça vosmecê :

Ha tres annos passou por aqui o Imperador. Trazia um acompanhamento enorme.

Ia visitar Magé, Bôa Morte, Porto das Caixas, Soccavão, enfim toda a Serra, a baixo.

S. Magestade devia almoçar em Magé, e o café do meio dia estava marcado para ser aqui na fazenda.

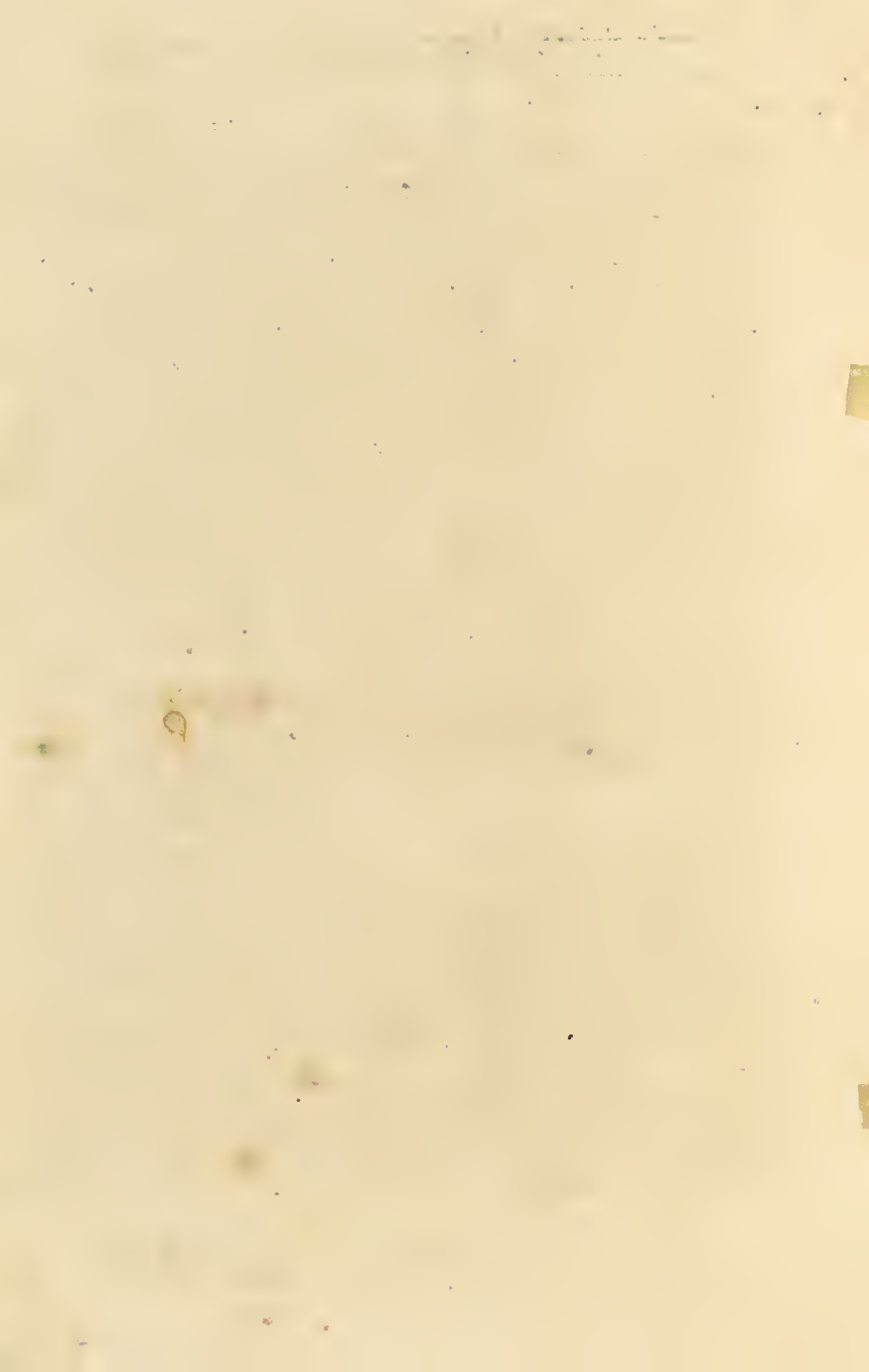
Convidei todos os meus companheiros da guarda nacional e fardámo-nos.

Mandei aviso a todo o povo e preparei diversos caminhos por onde deveria passar a real comitiva.





D. PEDRO II



Ah! meu caro senhor, nunca vi tanto povo. Desde a vespera grupos e mais grupos iam chegando.

Havia povo até sobre os telhados e em cima das arvores; as estradas estavam entupidas de gente.

Calculámos em quinze mil pessoas.

A' uma hora em ponto começaram a chegar os primeiros pelotões da régia comitiva.

D'ahi a pouco chegou o carro imperial. A massa popular era tão compacta, que, embora o dia estivesse fresco e agradável, abafavamos.

Levantei o *kepi* agalado e tres vezes gritei com voz forte :

Viva o Imperador !

E a multidão espantosa do povo, respondeu, electrificada, á *una voce* :

—Viva o Imperador.

E logo após fez-se um grande silencio.

S. Magestade desceu do carro, e, sorrindo, quiz fallar-me.

N'isso, no meio do povo, houve um zum-zum, e ouviu-se, alto, uma voz de mulher :

—*Eu quero fallar com meu senhor Imperador.*

O soberano olhou para o lado d'onde partia a voz.

Uma pobre escrava, já de certa idade, com o rosto lavado pelas lagrimas procurava romper pelo meio do povo.

—*Deixem passar a pobre mulher.*

A essas palavras pronunciadas por D. Pedro II, a multidão respeitosa abriu alas e a negra atirou-se de joelhos, clamando, com as mãos postas :

—Meu senhor, misericordia.

—Que queres, minha filha ? perguntou o Imperador.

—Meu senhor, eu sou escrava do senhor commendador X..., fugi da casa de meu senhor, e vim pedir padrinho a meu senhor, pelo amor de Deus.

—Como te chamas ?

—Eva, meu senhor.

—Senhor José Antonio, fallou D. Pedro II dirigindo-se a mim, desculpe, mas não posso accetar

seu café; estamos fóra da hora. Na volta accettaremos. Proteja essa escrava que eu conversarei com o commendador.

Dezoito dias após, a mesma multidão, talvez maior ainda, aguardava a volta do Imperador.

—Toda a guarda nacional de Magé, S. José, Socavão, etc., estava á postos, fardada. Eu, na qualidade de coronel commandante superior, velava sobre tudo e tinha de marchar nas despezas, mas lhe asseguro que fiz com muito gosto

Quando a augusta comitiva chegou, foi recebida com as mesmas acclamações, com o mesmo entusiasmo delirante.

Mulheres apresentavam seus filhos, como que para conhecerem o Augusto Visitante.

No fundo daquelle grande quadro, toda tremula e agitada por mil pensamentos diversos, a negra fugida esperava.

O grande monarcha apercebeu-a e chamou :

—O' Eva ?

A negra, soluçando de alegria, por ver-se reconhecida no meio de tanto povo e de tantos personagens de alta cathegoria, approximou-se, tremula.

—Senhor Motta Maia, onde está a carta de liberdade ?

O Conde de Motta Maia tirou de uma pasta a carta de alforria e apresentou-a ao soberano.

—Minha filha, pedi por ti a teu senhor e eis aqui tua carta de liberdade.

—E's livre ; procura sempre o trabalho e a virtude.

—Aqui, meu velho tio, o coronel José Antonio de Abreu, arrancou do peito um profundo suspiro, e passciando agitado pela sala, fez um largo silencio.

Depois, continuou :

—Não é admiravel, padre, que um homem como o Imperador, no meio de tão altos negocios, a lidar com infinitas pessoas de elevadas posições, tendo visto a escravinha uma vez apenas, conheceu-a, não obstante, e chamou-a pelo nome ! ?

E hoje ? esses chefetes de meia tigella, só dignam-se dirigir a palavra aos grandes e sabe Deus

com que desprezo elles fallam do povo, lá no interior de suas moradas principescas.

Este facto passou-se em junho.

Sete mezes depois, em meizados de janeiro, a Eva veio me visitar.

—Então, rapariga, ainda lembra-se do Imperador ?

—Ai! meu senhor, eu daria minha vida por elle, exclamou ella com os olhos banhados em lagrimas de reconhecimento.

—Pois bem, continuei eu ; tu és pobre, mas S. Magestade é bonanchão e sem cerimonia.

Deves agradecer a grande esmola que elle te fez.

Agora é tempo de abacaxys ; vai ahi na minha roça e colhe uma duzia delles, dos maiores e mais maduros.

Arranja uma cesta grande emprestada e uma toalha de linho, com alguma senhora dona, e leva de presente, lá na Quinta da Bôa Vista, onde está agora a familia Imperial.

Meu dito, meu feito.

Dahi a poucos dias, graças á caridade de uma senhora, a Eva preparou o presente e botou-se para o Rio.

De Magé ao ponto das barcas pouco mais de legua tem, e do ponto das barcas ate á capital gasta-se apenas uma hora de viagem.

Chegando ao Rio pela vez primeira, a rapariga não pateteiou ; mas, indaga daqui, indaga dalli, foi direitinha á Quinta.

O grande portão estava aberto, como sempre.

A Eva embarafustou pelos jardins e começou a percorrel-os.

Era meio dia.

De repente, a uma das janellas, assoma um vulto de alta e elevada estatura.

Era o imperador.

Lançando os olhos para o lado onde estava a ex-escrava, S. Magestade fixou a vista longamente e recordando-se :

—O' Eva ?

Meu tio me contou todo esse caso sempre a passeiar.

Chegando, porém, a esse ponto, elle parou bruscamente e cruzando os braços, lançou-me olhares admirativos.

—Admiravel ! exclamei eu, verdadeiramente abalado ; intelligencia angelica, memoria prompta e prodigiosa.

Meu tio sorriu consolado e continuou a passeiar.

—E hoje, proseguiu elle, e hoje ?

Esses senhores chefes da ré-publica (e meu tio separava maliciosa e prolongadamente essas duas palavras) nem conhecem os empregados principaes que com elles labutam no governo dessa não desmantellada.

—E a Eva ? indaguei eu.

—Curioso !..... fallou meu tio a sorrir, bem mostra vmcê. que é padre.

A Eva offereceu seu pobre mimo ao Imperador e voltou para cá trazendo uma abundante esmola, que lhe deu a Santa Imperatriz, a mãe dos Brasileiros.







## Maldita seja a avareza



—Deus guarde a V. S., meu senhor capitão-mór.

—Bons dias, meu amigo, respondeu o velho capitão, desbarretando-se ao nome de Deus.

Como vai a obrigação?

—Ora, meu senhor, minha obrigação, como V. S. sabe, é apenas minha filha Maria Lourença; essa vai *aperrengada* e é por amor della que venho me *apegar* com V. S., pedindo um *socorro*.

Depois de entrar e tomar parte no farto almoço do capitão, o mendigo Thomazinho encheu o vasto sapicuá, de farinha, de feijão e de assucar.

—Agora, disse o velho capitão-mór a rir, leva de quebra essa meia arroba de toucinho para chupares uns torresminhos com farinha.

Thomazinho botou as duas mãos juntas e olhando beatamente para o céu:

—Deus Nosso Senhor lhe ponha a mesa no paraizo, meu senhor capitão-mór.

Depois, cavalgando o magro sendeiro, lá seguiu elle o triste fadario, respigando aqui e além, como Ruth, a Moabita, nos Campos de Booz.

Infinitamente outro, porém, da santa mulher biblica, Thomazinho não contentava-se com o pão de cada dia; tanto tinha de pobre, como de avarento.

Antigo carreiro na villa de M. d'Armas, um dia que fazia um carroto para um ricaço da localidade, elle embriagára-se e, cambaleando, ao

passar por umá curva da estradá, perdeu o equilibrio e cahiu, passando-lhe as rodas do carro por cima das pernas.

O medico estava ausente e só vinte e quatro horas após, examinou-o.

Com medo da gangrena, que já começava, o facultativo amputou as pernas do maricas, que berrava desesperadamente, como um novillo quando vai ser desmammado.

Cousa exquisita.

Thomazinho, que até então, era prodigo ao excesso e pagava bebida para todos, tornou-se um verdadeiro *unhas de fome*.

Bebida?..... nem era bom fallar em cachaça perto delle; nunca mais botou bebida de qualidade nenhuma na bocca.

Sucia?..... adeus sucia; adeus pagódes.

Virou macambuzio e sorumbatico e o riso mesmo desertou de seus labios.

Lá, de raro em raro, um lampejo de alegria ainda fuzilava em sua larga caraça, mas aquellas gargalhadas estrondosas, que enchiam o largo todo da matriz, ninguem mais ouviu.

Catando um vintem allí, um tostão acolá, comprou um cavallo, o *Pelintra*, e todos os dias, pela manhã, até o lusco-fusco, lá ia elle:

Prac! prac! prac! prac! de casa em casa, de sitio em sitio, esmolando, e, á tardinha, era aquella certeza, lá chegava elle de volta, prac! prac! prac! prac!

A Maria Lourença, essa, coitada, ficava o dia inteirinho lavando roupa e costurando para fóra.

Quando, á tardinha, escutava o seu tão conhecido:

Prac! prac! prac! prac! do *Pelintra*, ella corria para a porta e, estendendo a mão direita, implorava:

—A benção, papai.

O mendigo bamboleava o corpo, formava o pulo e cahia ao chão com as mãos para baixo.

Depois, resmungando e sempre casmurro, entrava no quarto e lá encerrava-se durante muito tempo.

Todo o mantimento que colhia nas esmolas era passado no cobre, e, uma vez apurado o dinheiro.....moita, ninguem mais sabia delle.

Maria Lourença punha a alva toalhinha e servia a parca refeição.

E era aquella vidinha todo o santo dia de Deus.

Entrava anno, sahia anno, e naquelle ranchinho, coberto de sapé, nada alterava-se.

A Maria Lourença, já ia descambando, murchando, como a flor quando as petalas são sacudidas pelo vendaval.

Fôra bella, e ainda conservava muitos traços da formosura sertaneja, mas casar-se ? !

Iche ! o Thomazinho tornava-se uma furia quando algum lambisgoia atrevia-se a fallar-lhe sobre casorio.

Semelhava-se a uma leôa quando furtam-lhe os cachorrinhos.

—Sucia de vagabundos, trovejava elle, pobre tambem casa-se ? pobre tambem é gente ?

Vocês já viram dois saccos vasio conservarem-se em pé ?

Rua ! corja, rua ! que a mustarda já está trepando-me nos narizes.

A filha, com pena do mendigo, sacrificava-se e ia arrastando a pobre existencia.

Muito devota e religiosa, era assidua no templo e quando o sino grande da matriz badalava a ultima entrada, ella era infallivel.

Em todas as festas, o seu leilõesinho era seguro.

Isso, porém, era ás escondidas do velho, porque forreta e miseravel como era, se soubesse ? ... ai ! minha N. Senhora mãe dos homêns, ia tudo raso naquelle rancho.

Um dia, Thomazinho enfermou, ás véras.

Eram gemidos e mais gemidos, dia e noite.

Ao cabo de tres dias socegou um pouco, mas a doença era de morte e tinha ganho muito terreno na velha carcassa do mendigo.

Chamou a filha :

—Menina ?

—Nhôr, papai.

—Chega-te para aqui e escuta.

Após, muito baixinho e aos arrancos :

—Sei que vou morrer, minha filha, tenho certeza.

A Maria Lourença começou a soluçar.

—Não chores, minha filha, esse é o fim de nós todos, mas escuta :

Promettes cumprir a ultima vontade de teu pai, na hora da morte ?

Prometto, gaguejou a Maria Lourença, desatando num pranto de chôro.

—Juras ?

—Juro, papai.

—Pois bem, continuou elle com voz tremula, logo que eu morra, tu levarás o meu carrinho que está alli aos pés da cama, e o varejarás no sorvedouro grande do rio Vermelho.

É uma promessa que eu fiz ás almas, porque não quero que ninguem neste mundo veja mais o carrinho que me acompanhou toda a vida.

O carrinho de que fallava o mendigo, era um desses vehiculos, tão communs, de uma só roda e que servem para baldear pequenos volumes nas estações das Estradas de Ferro.

Aquelle carrinho era mais velho que a Maria Lourença, e desde que ella entendera-se por gente, sempre o tinha visto aos pés da cama.

—Meu pai, sua ultima vontade será satisfeita.

Um prolongado suspiro de allivio escapou-se do peito do forreta.

A morte já tinha feito habitaculo naquelle caco velho e sordido, e, quiçá, a avareza e a miseria, haviam apressado seu derradeiro dormir.

Morto e sepultado Thomazinho, a Maria Lourença deu-se pressa em cumprir suas juras.

Ella chegou-se á porta e passou os olhos pelo largo.

Passava o tio Ezequiel, carregando quatro saccas de sal, na cabeça.

—Tio Zechi, você pôde fazer-me um carroto ?

—Prompto, sinhásinha ; é um instantinho só ; vou no seu Chico Cotta entrar este sal e é um pé lá e outro cá.

—Quá é o carroto de vancê ?

—É um carrinho velho de papai, para você atirar no rio Vermelho.

—*Nhá* sim, custa só meia pataca meu trabalho. Está fallado, tio Zechi.

O tio velho apressou os passos e dobrou a esquina.

—Bom dia, visinha, disse uma bojuda mulata, assomando n'uma porta fronteira.

—Bom dia, *sá* Jula.

—Mas creatura, que historia é essa de varejar o carrinho no rio Vermelho? pois a lenha é tão longe, nós somos pobres, e *vancê* vae desperdiçar tanto cavaco bom? o carrinho dá lenha para tres ou quatro dias, *sá* visinha.

—E' verdade, *sá* Jula, mas eu prometti á papai, eu jurei.

—Qual! esse juramento não vale nada, não obriga a consciencia, se *vancê* duvida, vamos consultar *seu* capitão-mór.

—Uai! *sá* Jula, pois então eu hei de ir tão longe na casa de *seu* capitão, podendo aqui mesmo cumprir minha jura?

—*Nhá* não, *seu* capitão está aqui mesmo na villa.

Inda agorinha mesmo eu vi S. S. na casa do Zé Sapateiro.

A Providencia vizivelmente vinha em soccoro da bôa creatura.

Com effeito, o vulto nobre e imponente do velho capitão-mór assomou no largo.

Era um ancião profundamente religioso e adorado de todo o povo, particularmente da pobreza.

O vigario e elle eram os esteios da localidade.

Accessivel a todos, desmanchava-se em risos, quando os pobrezinhos o consultavam.

Maria Lourença quiz esconder-se, mas o vozeirão de *sá* Jula encheu a rua :

—Louvado seja Christo, *seu* capitão-mór.

—Para sempre seja louvado.

—V. S. pôde me dar uma palavrinha?

—Pois não, então que temos?

Posto ao corrente de tudo, difficilmente o capitão-mór poudo convencer a piedosa moça, mas, afinal, ella cedeu, dizendo :

—V. S. toma meu compromisso em sua alma?



—Tomo, pois não ; pôde ficar socegada que esse juramento não deve ser cumprido.

Attrahido pela conversa e pela gesticulação de *sá Jula*, um numeroso grupo tinha-se formado e, todos commentavam o caso, apoiando o capitão-mór.

O tio Zechi vinha chegando nesse interim. Admirado ao ver tanto povo, elle parou, desconfiado.

—Mas o que ha, gentes ?

—Não é nada, respondeu a voz de tambôr de *sá Jula*, que vinha chegando com um machado em punho ; em vez de levar o carrinho para o rio Vermelho, você espatifa *elle* em lenha para nós, porque tambem quero umas *achinhas*, para mim.

O tio Zechi não se fez de rogado e começou a *fallar o machado* n'aquillo que em vida guardava a alma do mendigo.

A' segunda pancada, a taboa que servia de assalho abriu-se, e seis ou sete moedas de prata cahiram por terra.

—Virgem Maria Santissima, gritaram todos, cheios de espanto.

*Sá Jula* abriu uma bocca!!!.....! credo..... nem parecia bocca de gente.

O capitão-mór approximou-se e examinou todos os escaninhos do velho vehiculo, que foi rachado pedaço por pedaço.

Acharam dois contos e oitocentos em papel ; trezentos mil réis em prata e cento e trinta em nikel. Essa ultima quantia foi entregue á *sá Jula*, que recebeu-a de mão modo e quasi forçada, pois, dizia ella :

—A quantia toda devia ser rachada ao meio, uma banda certa para *sá Maria* e a outra inteirinha, cá para a *dégas*.

Thomazinho queria que a alma d'elle, digo, o cobre, fosse sepultado nas entranhas do rio Vermelho, para não mais servir a ninguem.

Maldita seja a avareza !

Para contentar a justa curiosidade dos leitores, direi que, a *Maria Lourença* casou-se com um honrado lavrador das circumvizinhanças, e aquelle dinheiro, ajuntado tão penosamente, serviu de amparo para uma familia que a *Maria Lourença* ainda formou, pela misericordia de Deus.





## PROMESSA É DIVIDA



Foi na Varzea da Gramma que o Corujinha achou a vacca Briósa.

Era uma rez de estimação, e varias vezes elle engeitára cento e cincoenta *ferros* por ella.

Estivéra sumida dois mezes inteirinhos.

O Corujinha estava convencido que a vacca tinha sido larapiada, mas o Paula Grande, o melhor campeiro da fazenda das *Aráras*, homem ás direitas, tirára-lhe aquella scisma da cabeça.

—Meu amo pôde estar certo que eu conheci bem a Briósa : não conheceria eu outra coisa.

Eu ? o velho vaqueiro de trinta annos ? Encontrei-a no Brejal. Ella estava atolada até o pescoço e toda cobêrta de urubús.

Eu cheguei perto pensando ser alguma rez da fazenda e a *bicharada* avoou n'uma arrancada só :

Vú.....vú.....vú.....vú.....vú.....

Que catinga, meu amo !

Conheci bem a Briósa pelos chifres curvos e tambem pela *divisa* de meu amo nas orelhas da *coitada*.

O Corujinha arrancou um suspiro do largo peito e levôu a manga do jaquetão aos olhos razos d'agua.

Na verdade elle tinha affeição á bicha.

Nhá Tuca, porém, a patrôa do Corujinha, não jurava nas palavras do Paula Grande.

—Nanja, que eu não vou no embrulho ; a neta de minha avó não come essa móca do Paula.

—Mas, mulher, se elle enxergou com os olhos delle ? ! ...

—Quaes o que, *seu* Coruja, mulher quando scisma, scisma mesmo.

Querem passar a munheca na vacca, mas comigo é nove ; vou fazer um banzé de cuia dos trezentos, e você verá que em poucos dias a Briósa está ahi berrando no terreiro.

—Deus te ouça, *sú* dona.

As previsões de Nhá Tuca, porém, falharam.

Passaram-se tres longos mezes e nada de noticias.

—Evidentemente, disse então o Corujinha, deu o tango-lomango na bicha..... e era uma vez uma vacca Victoria..... vamos comprar outra, minha velha.

Nhá Tuca olhou longamente para seu homem, e depois tomando ares graves :

—Vamos fazer um contracto, meu velho ?

*Seu* Coruja arregalou os dois grandes olhos e pregou-os na cara da patrôa, assim :

—? ? ? ? ? ? ? ?

—A vacca está morta, pois não está ?

—Mais do que morta, mulher, pois já está sepultada na pança dos urubús.

E *seu* Coruja arrancou um longo suspiro da larga peitaria sertaneja.

—Pois bem, meu velho, tua mulherzinha tem muita fé com S. Antonio, e vae fazer uma promessa.

*Seu* Coruja começou a matutar e não achava no seu bestunto uma razão de ser para a promessa da mulher.

Mas Nhá Tuca era teimosa como um gato do matto, e depois de uma ideia encaixar-se-lhe na cabecinha..... adeus, minhas encommendas, ninguém lhe dava volta.

—Se a Briósa apparecer, disse ella lentamente e como que mastigando cada palavra, matal-a-hemos.....

*Seu* Coruja teve um estremeção, como que um choque eléctrico e n'um repente :

—Estás douda ? mulher !

A bocca de Nhá Tuca encheu-se de risos e ella rebentou uma gargalhada mesmo nas bochechas de *seu* Coruja.

—Mas não dizias que ella estava sepultada e no papo dos urubús ?

No entanto vai me escutando.

—Se a bicha apparecer, matal-a-hemos ; a metade das carnes será repartida com a pobreza, a outra metade será passada á cobre, e com o producto da venda, compraremos velas para illuminar a Imagem de Santo Antonio.

—E o que ficará para nós, *sá* dona ?

—Adeus, minhas encommendas ; pois tu não disseste que, além de morta, a vaquinha já estava enterrada ?

—Mas.....

—Não me interrompas ; nós ficaremos com o couro, que, vendido, nos dará ao menos dez mil réis ; sempre é melhor que o Paula Grande chamar aos largos peitos a nossa linda vaquinha.

—A.....q.....u.....i.....qui, *menéres*, era ahi que eu te queria apanhar, minha *sonsinha*, tu sabes de alguma partida do raio do Paula e.....

—Eu ? juro que de nada sei, é apenas uma fé viva que me faz assim proceder.

—Homem.....sabe de uma cousa.....lá se avinha, respondeu *seu* Coruja olhando para a Imagem do bemdito Lisboaeta, no oratorio em frente, perdido por um, perdido por cem, co'as carépas, se a Briósa apparecer será cumprida a tua promessa, tim tim por tim tim.

.....  
 Approximava-se o santo tempo quadragesimal.

Nhá Tuca era catholica fervorosa, daquellas que o povo chama—*pé de boi*—isto é, que guardam os preceitos antigos de nossos paes e que não transigem com a fé.

Quarta-feira de cinzas está *vesprando*, *seu* Coruja, e nós precisamos jejuar : eu quero peixe fresco para o jejum.

O Corujinha não disse uma palayra,

Preparou os anzões grandes de linha larga, arranjou isca fresca, arrumou uma bôa matúla de carne de porco com farófa e escondendo nos bolsos do jaquetão uma meia garrafa da *patri-cia*, que gato não bebe, trepou no lombo do alazão e lá se botou para a Varzea da Gramma.

A Varzea distava apenas legua e meia.

Mas, como dizia Nhá Tuca, não havia rio mais piscoso que aquelle.

Era só jogar o anzol n'agua e.....olha o peixe beliscando!

Tambem era um jogar linha e suspender linha, sem dar prazo ao pescador para preparar um *pito*.

E, ás vezes, arrancava-se cada peixe, minha Nossa Senhora, cada peixão, da gente ficar com a bocca escancarada.

Nas adjacências do vasto e profundo rio havia um immenso grammal, sempre verde e abundante em pastagem.

Quando *seu* Coruja lá chegou, quasi nem teve prazo para saltar da sella.

—Uai! gentes, o que será aquillo? vancê quer ver que o raio da mulher tinha *rezão*?

E elle punha a mão espalmada em frente dos olhos, para enxergar melhor.

—Mas é a Briosa, não ha que ver.

E sempre a conversar sósinho, esquecendo a pescaria, deu de redeas ao alazão e levantou a voz:

—*Cá Briósa, cá! cá! cá! cá! cá! cá!*

E batia palmas compassadas.

A vacca levantou a cabeça e conheceu a voz de seu dono, caminhando para a banda delle e mugindo ternamente.

*Seu* Coruja sentiu um alvoroço tão grande no coração que as lagrimas começaram a saltar, quatro a quatro, de seus olhos seismadores.

Rodeiou a vacca, e dando um assobio particular dos sertanejos quando querem chamar o gado para os curraes, começou:

—Eh! boi.....vá.....vá.....vá.....óia só .....Briosa.....

A vacca parecia um cachorrinho manso.

Num trotinho miúdo e como se advinhasse os desejos do dono, tomou o caminho de casa.

*Seu* Coruja batia as palmas, contente, e, de vez em quando, sorria, lembrando-se do embasbamento em que ficaria Nhá Tuca, ao vel-o voltar de repente.

Porque elle queria pregar uma peça, á sua patrôa.

Quando chegasse perto de casa, fecharia a ultima porteira, para que a vaquinha não voltasse para traz e, iria fazer scena, de brincadeira, para que depois a alegria de Nhá Tuca fosse maior.

Já elle tinha papado uma legua de chão, e começava ao longe a divisar as roças do sitio..... quando.....de repente.....ó horror.....ó desespero..... ó lagrimas de raiva.....os cabellos de sua cabeça ficaram em pé e o chapéo cahiu-lhe por terra.

Lembrára-se da promessa da mulher!!!

Ex abrupto entesou as redeas do alazão e estacou o cavallo.

—Eu? monologou elle, matar minha pobre vaquinha??

Iche! nunca, jámais, em tempo algum; Santo Antonio está no céu e não tem necessidade de nenhumas vaccas.....mas.....o que deves fazer agora, *seu* Coruja, ah! já sei.....a mulher é teimosa e me obrigará a cumprir a promessa.

O melhor é bico calado; passarei a vacca no cobre e comprarei outra.....

Aqui, um berro formidando e temeroso quasi fez *seu* Coruja ir ao chão, e a Briósa, num carreirão desesperado, frechou para traz.

*Seu* Coruja tomou folego, depois do susto e jogou o alazão a todo bater, redea bamba no pescoço, mas qual..... a bicha cada vez mais desesperada parecia perseguida por toda uma legião de cassunungas, e quasi nem pisava no chão.

Num instantinho tinham chegado ao logar da pesca.

Uma ventania bravissima começára a ulular e encrespava as alterosas ondas do rio, fazendo-o mais temeroso.

De repente.....tibum.... a vacca sempre desen-

soffrida e perseguida pelo homem, atirára-se n'agua.

Seu Coruja estremeceu, lembrando-se que podia bem ser um castigo de Santo Antonio.

—Ai! minha Nossa Senhora, eu estava caçoando com o santo e elle pensou que fosse verdade.

Eu bem que ia cumprir a promessa de Nhá Tuca.

Santo Antonio é muito desconfiado.

Relampagos começaram a cruzar pelos ares, e o céu escureceu todo.

A ventania encrespava o rio, formando grandes cachões d'agua que empurravam a rez para o precipicio, o sorvedouro immenso, donde nada mais voltava.

Agora, sim, a Briosa estava para sempre perdida.

As cataractas dos céos abriram-se e grandes bategas d'agua começaram a fustigar a careta de seu Coruja.

Este chegou em casa molhadiinho como um pinto pellado, e jururú como seu homonymo, quando ao meio dia está encolhido nos buracos de cupim.

Mas quando elle contou tudo á Nhá Tuca..... ahí é que a porca torceu certa parte, que nós sabemos.

Bocca, para que tal contaste?!

Mas tambem elle não podia guardar aquelle segredo; seu coração estava gróssO como o rio onde tinha sido sepultada a Briosa.

Agora, sim, mulher, agora estou bem convencido da verdade do povo:

*Promessa é divida.*







## © protestante



Fazia um sol espantoso, um calor de derreter banhas, como dizem meus amigos do sertão.

Quem escreve estas linhas, seguia, estrada fóra, por um chapadão sem fim, que ia para a cidade da Formosa da Imperatriz.

Ia fazer festa, em louvor do glorioso S. Benedicto, no arraial de Mestre d'Armas.

D'ahi a pouco, um tropel de animal, que vinha á redea solta, me prendeu a attenção.

Voltei os olhos e reconheci o fogueteiro da villa, o Souza, protestante.

—O' lá! Souza, você por aqui!

—Apre! reverendo, respondeu o fogueteiro; ha meia hora que estou galopando para ver se o alcanço.

—Então, vac á festa?

—E' verdade, fui convidado para fazer um castello de fogos e vou dias antes para não haver novidades.

Com pouco prazo chegámos ao sitio das Pyn-dahybas.

Era um lugar bellissimo, num fundo aberto, claro e cortado por dois ribeirões, que corriam marulhosos, quasi parallellos, aos lados d'uma vivenda elegante, toda branca e com barradas azulejas, por baixo.

A linda casa estava fechada e tristonha.

Perto, rezes muitas, buscavam a aguada.

Naquella legua em roda era a unica morada.

Que pena ! disse o Souza, estava desesperado para chupar um cafésinho, e a Pyndahybas, fechada !! *má raios !.....* e elle fechou os punhos em direcção á casa.

—O' Souza, perguntei eu, a sorrir, não tens medo da alma que dizem estar apparecendo nas Pyndahybas ?

—Quaes almas, qual sombração, quaes carapucas, *seu* padre, retorquiui elle, estallando um muçôcho, eu cá sou protestante e só creio na biblia, conforme me ensinou o santo patriarcha Lutherero.

*Alma que vae não volta mais*, é um dictado muito certo do povo.

—O' Souza, sabes quem foi Lutherero ?

Foi um padre catholico que tinha feito os mesmos juramentos que eu fiz.

Quebrou, porém, seus juramentos, os mais sagrados, pisou aos pés a batina, deixou crescer a barba e a corôa, e tudo isso, sabe porque ?

Por amor de uma joven freira, que elle seduziu, e com quem amancebou-se, vivendo e morrendo no peccado !!

Agora quer saber como morreu o padre Lutherero ? Morreu enforcado !!

—Enforcado !?

—Sim, enforcado; ha poucos annos appareceu um livro que fez furor na Europa, escripto pelo sabio Majunke, no qual está provado que Lutherero morreu enforcado, como seu digno irmão e collega, o padre Judas, o primeiro que vendeu a Jesus Christo.

Lutherero estabeleceu a lei protestante na Allemanha, e na Inglaterra, quem plantou a lei nova foi Henrique VIII, o barba-azul inglez, como o cognominou a Historia.

Casou-se com sete mulheres e esquartejou todas sete,

O Souza respondeu-me com uma gargalhada estrondosa. Elle ria-se até chorar.

—Ora, *seu* reverendo, isso tambem é demais.

—Não acredita ? pois eu lhe emprazo a quando chegar na villa pedir emprestado ao dr. Sancho Gualtes, o dicionario historico.

Procurará a palavra Lutherero, e depois o

nome Henrique VIII ; e se convencerá de que o que estou a lhe fallar é a verdade.

Estavamos chegando na fazenda da *Papuda*.

A proprietaria da fazenda, dona Gundúla, era uma excellente matrona sertaneja, muito instruída e versada em varias linguas.

Lia muito e possuía uma excellente bibliotheca.

Depois de descançarmos e servidos refrescos, o Souza entabolou conversa serrada com a velha proprietaria.

—Então, dona Gundúla, dizem que nas Pyndahybas está apparecendo uma *sombração* ?

—Homem, *seu* Souza, eu creio porque o Jeronymo, dono da fazenda, era atheu, como o senhor sabe, e agora está virado e até já vae assistir missas, cousa que elle nunca fez.

Largou a fazenda com medo, e a casa está fechada.

—Mas dizem que o retireiro do Jeronymo, o moço Abdias, vae muito por lá ?

—Vae, mas só de semana em semana ; assim mesmo vae sempre com algum companheiro, e só de dia, para tratar de alguma rez, com bicheira.

Ante-hontem, um animal de sella, sumiu-se daqui, e meu neto foi até lá, atraz do animal ; pois, *seu* Souza, elle ouviu chôro grosso, de criança pagã.

O Souza olhou para mim, e com a bocca cheia de riso zombeteiro :

—Mas, dona Gondúla, a senhora, uma mulher civilisada, acredita nessas caraminhólas ?

—Meu caro senhor Souza, caraminhóla ou não, vou lhe contar o que corre na bocca do povo.

Vmcê. conheceu dona Pequetita ?

—Muito, respondeu o Souza.

—Dona Pequetita, como vmcê. sabe, era a menina mais devota da villa, e quando ia á Igreja, o que acontecia muitas vezes, fazia garbo de levar sempre o roزاری bem visivel.

Uma vez casada com o Jeronymo, um atheu dos quatro costados, nunca mais foi á Igreja e o

marido jogou ao fogo os livros de devoção que ella tinha.

Nove mezes após o casamento, e *vesprando* o parto, ella pediu ao marido que queria ter o bom successo, na casa materna, na villa.

O Jeronymo, muito abofado com a lida da gadaria, começou a relictar.

*Vae hoje, vae amanhã, vae hoje, vae amanhã, e.....* a barriguinha da moça crescendo n'uma *toada* só.

Afinal, o Jeronymo assentou de fazer as vontades dá coitadinha.

Partiram.

Em caminho, no meio da chapada interminã, ella sentiu as dores do parto.

Ao envez de apeiar-se e procurar ter a criança, como Deus favorecesse, ella fez-se de dura, encolheu o ventre, e sempre gemendo no meio de dôres horriveis, marchou até ao commercio.

O resto o senhor sabe.

A criança mórreu no ventre, e a Pequetita igualmente succumbiu.

Varado um anno justinho, o Jeronymo casou-se com a cunhada mais nova, a Magnolia e mudou-se para a villa.

Dizem que varias vezes a Pequetita appareceu a elle, com a mortalha sobre a cabeça e a criança nos braços.

—Por Deus! retorquiu o Souza, dando um muro sobre a mesa, eu desejava ver a sombração, dona Gundúla, para torcer-lhe o gasganete e pôr-lhe a calva á amostra.

Isso é algum pandego, que quer comprar as Pyndahybas, na *hacia das almas* e faz isso para scismar o Jeronymo.

.....

Acabamos a viagem em paz e depois de terminada minha missão, tomei o rumo dos penates. Dias após, notei um movimento desuzado na villa.

Homens, mulheres, crianças, a correr, desabaladamente e grupos e mais grupos a formarem-se no largo do Rozario,

Indaguei, curioso, de alguém que corria :

—Mas o que é isso?

—É o Souza, respondeu-me o interpellado, que está a morrer.

Tomei o chapéo e a capa e precipitei-me para o *ubi* do homem dos foguetes.

Deitado numa rêde cuyabana, pallido, da cor de cera da terra, como se já fôra pasto dos vermes, a tremer, parecendo tomado das malleitas, o Souza delirava.

O Seraphim, velho sachristão do lugar, foi quem me explicou a chave do enigma.

—O Souza queria ver o phantasma, pois viu mesmo, *seu vigario*.

—Como assim, sachrista ?

—Eu conto a V. S. tim tim por tim tim, pois vinha perto e quasi fui testemunha ocular de tudo. Cruzes! *seu vigario*, ainda sinto uma bambeza nas pernas e um frio cá por dentro.

Ao passarmos pelas Pindahybas, a vivenda estava fechada, mas sahia uma fumacinha escura pela fechadura da porta da cozinha.

O Souza pensou que o Abdias estivesse lá dentro, e tocou o animal para a frente.

—O' de casa, bradou elle.

Nada.

Um grande silencio reinava lá dentro ; apenas a fumaça engrossava cada vez mais, e cá fóra, a ventania começou a gemer lugubrememente, balançando as folhas das arvores.

O Souza continuou :

—O' de casa ? Abdias, ó Abdias ?

—Então, *seu padre*, continuou o sachristão, com soluços na voz, V. S. pôde não acreditar, mas eu ouvi com estes ouvidos que a terra ha de comer, eu ouvi um choro de criança pagã, e uma voz fina de moça que acalentava o nenenzinho.

Souza gritou alto :

—*Hoje eu quero desabuzar essa porcaria.*

E jogou o animal para o fundo da cozinha.

Lá chegando, a porta dos fundos entreabriu-se e os cavallos começaram a relinchar, escarvando a terra, furiosos, pedindo rédea.

Eu me custava a aguentar,

Ai! *seu vigario*, o que então nós vimos mettia medo no peito dos mais destemidos.

—Mas o que foi? *sachristão*.

—Eu juro por esta luz que está nos allumiando: nós vimos a fallecida Pequetita, muito triste, toda vestida de preto, com um grande lenço escuro traçado sobre a cabeça e passeiando lentamente pela sala.

Ella carregava o *nenen* nos braços e repetia, n'uma toada triste:

*Turú, turú, turú.....*  
*Lulú... lulú... lulú.....*  
*Dorme filhinho.....*  
*Que ahi vem o tutú.....*

Souza sentiu um frio de morte percorrer-lhe todos os ossos, os cabellos cresceram-lhe na cabeça e o chapéo cahiu por terra.

Os cavallos bufavam como o trem de ferro quando chega nas estações.

Souza batia os queixos como um doente atacado de febre; quiz *fallar* os calcanhares nas virilhas do cavallo, mas, que é de pernas, *seu vigario*.

De repente a *cousa* olhou para nós, e nós vimos, no logar dos olhos, dois buracos, e em cada buracó uma luz amarellenta, que tresandava a enxofre.

Os cavallos desesperaram pelo chapadão á fóra, e, agarrados nos *santantonhos* das sellas, viemos parar aqui.

O Souza está curado do corpo, e supponho que tambem da alma, pois toda hora chama por Nossa Senhora.

—Ha males que vêm para bem, *sachristão*!

—Sim, senhor vigario, mas *vmcê*. não sabe do mais interessante.

—O que foi?

—O Souza, o protestante valente, o desabusa do sertão, o mantena, o cuéra, o tira-prosa aqui da villa, fez.....

E o *sachristão* começou a rir perdidamente,

—Então o que fez elle?



O Seraphim começou a mascar as palavras, a gaguejar, e continuou :

—Eu não sei como dizer a V. S., mas..... com perdão de quem me ouve, a lavadeira disse que as calças delle estavam cheias de *pipi*, e ella gastou quasi meia libra de sabão para lavar a roupa do *méco*.

E o Seraphim ria-se até chorar.





## A Cruz queimada



O raio do cabra não ha de levar o bocca-do aos queixos, nhôr não, *seu* compadre!

Olarilas! meu compadre, é cá o que o dégas também matuta.

Mas.....(e elle começou a coçar a calva) é o diacho! esse negocio de queimar o santo cruzeiro, hum.....hum.....isso não está direito, nem nada.

Assim conversavam dois roceiros, numa formosa tarde do mez de abril, neste arraial da Piedade.

Um, era alto, espadaúdo, cheio de corpo, bastos bigodes louros e barba á *Pedro 2º*; o outro, ao envez, era-lhe a antithese completa.

Baixo, atarracado, cara e queixos imberbes, embora já quadragenario, era de cor cobreada, quasi bugre e seus olhos negros e globosos pareciam supplices quando fixavam o interlocutor.

O primeiro chamava-se João Kopings; o outro era appellidado o *Samambaia*, por ser natural do Carmo da Samambaia, do Estado do Rio.

João Kopings parou, cruzou os braços no largo peito e, fixando com supremo desprezo o santo lenho, que erguia-se magestoso na divisa do patrimonio:

Aquillo!!?... santo cruzeiro!!?... ora cebolorio, *seu* compadre.....quem não te conheça que te compre; aquillo que você chama de *santo* é um pau, roubado de minhas mattas; é um ta-

*pinhoan* que logo á noite ha de comer fogo, olé se hade.

E elle estourou nma gargalhada forçada, mixto de odio e de impiedade.

*Virge!* suspirou o Samambaia, persignando-se.

Ora, *seu* compadre, um homem é um homem e um boi é um boi. Você bem sabe que eu cá tenho religião, mas co'os *diachos*, adorar uma *arve* tirada de minhas terras?

Iche! isso é bom para as *miuçalhas* que não estudaram nos livros.

Dahí a pouco um chiado monotono e lento ouviu-se ao longe.

O que é aquillo, *seu* compadre João?

Aquillo, é minha gente que vem chegando com os carros de lenha.

*Quá, tapinhoan* velho, você está aqui, está na braza e ninguem mais ha de beijar-te, não.

E novo cascalhar de risos sacudiu-lhe o cor-pazil todo.

O Samambaia quasi chorava de medo,

—*Seu* compadre, pelas almas de seus filhos; pelo leite de sua mãe, não derruba o cruzeiro na fumaça, não. E elle cahiu de joelhos, arrastando-se na poeira da estrada, com as mãos juntas, aos pés do outro.

—Levante-se, creatura; palavra que sahe de minha bocca não volta atraz; eu não sou cachorro para comer o que vomitei pela *bocca afóra*.

Meu dito, meu feito.

O que eu disse, está *dito*, *escripto* e *subscripto*.

Em prazo curto, tres juntas de alentados bois, com as linguas pendentes pelo canção, vinham chegando, e depois do primeiro carro, segundo e terceiro, todos elles abarrotados de lenha grossa.

Eh! Bodóque, como é? o serroté veio?

—*Nhá, sim*, respondeu um pardavasco que guiava o segundo carro; o que patrão manda camarada faz, está aqui elle, *sim sinhô*.

Serrado o santo cruzeiro pela base, ergueram tres enormes fogueiras em redór.

Bico Torto? clamou João Kopings, olhando

carrancudo para um fusco que viera na comitiva dos carreiros.

—Nhô?

—*Que é dê a lata de kerozene que eu dei ordem de trazer?*

—*Tá aqui, sim sinhô*; e elle veio, gemendo com o pezo do inflammavel, que chocalhava por dentro.

—Vamos, rapaziada, destampem a *cousa* e lavem o cruzeiro bem lavado para o fogo abotoar direito o *tapinhoan*.

Êta!!! Costa excommungado, nós hoje havemos de ver quem tem garrafas vasias para vender.

(A familia Costa havia doado o patrimonio á N. Senhora da Piedade, para formar-se a matriz. O chefe desta distincta familia era um catholico ás véras, e dias antes mandára levantar o santo cruzeiro, na divisa do patrimonio com as terras de Kopings.

Este, protestante chapado, era tambem republicano do papo amarello.

O velho Costa, como bom brasileiro e excellente catholico, era monarchista *pé de boi*.

*Inde irae.)*

A noite começou a envolver a natureza inteira em densas trevas, tornando propicia a occasião para o desgraçado consummar o sacrilegio.

—*Está na hora, minha gente!* gritou elle.

Os meninos accenderam fachos de palhas, adrede preparados, e os atijaram nas fogueiras, empapadas de kerozene.

Poucos minutos após tres estupendas linguas de fogo, envolviam a cruz abençoada, de todos os lados.

—Bico Torto?

—Nhô.

—*Que é dê o garrafãozinho da bruta para a gente molhar a garganta, rapaz?*

E enchendo as canecas, João Kopings obrigava até as crianças a beber, e bradar *morrás* aos *Costas*.

O Samambaia, entrando na beberria, perdeu o medo e começou a palmeiar ao compadre.

Retirados uns cem metros do cruzeiro, e abrigados sob os carros, os desabusados, tanto atascavam-se na cachaça como vomitavam os maiores improperios contra o céu.

Morrão os coroados ! vivam os protestantes ! hip ! hip ! hurrah ! rapaziada, berrava possesso João Kopings.

E a cada brinde elle envergava um caneco cheio, e o enxugava duma assentada só.

Hurrah ! respondiam todos batendo as palmas.

No entanto um espectáculo surprehendente e ineffavel passava-se alli perto.

A cruz, sobranceira e serena, conservava-se indemne, como que a desafiar a ira de seus adversarios.

As grossas labaredas que a envolviam pouco antes, tripartiram-se e abaixaram-se, como que a oscular-lhe meigamente o sopé.

Uma especie de aureola luminosa circundava-lhe os braços amorosos e sagrados ; semelhava á columna resplendente que outr'ora guiára os hebrêos fugindo da furia egypciaca.

—O que é aquillo ? perguntou Samambaia assombrado e esfregando os olhos com as costas das mãos.

O que é ?

—Cruzes ! Ave Maria Santissima, benta mãe de Deus ! eu estou vendo um signal, *a modo* duma lua em cima do santo cruzeiro." *Lua* parece que você tem, mas é na cabeça, meu Samambaia das duzias, vai deitar-te e cozinhar a *camoéca* que amanhã havemos de accender o cachimbo nas brazas *daquillo* que tu chamas *santo*.

Eh ! rapaziada bôa, mais uma vezada *da bruta* para esquentar o corpo e toca a dormir.

.....  
.....  
Na madrugada seguinte, ao primeiro relampejar da aurora, ainda estremunhando e sem la-

var o carão, Samambaia precipitou-se para o theatro da profanação.

Milagre estupendo e inenarravel! misericordia prodigiosa de Deus Nosso Senhor.

Tombada sobre um leito immenso, de brazas vivas, e com os braços recostados sobre dous tóros ainda ardentes e que despediam nuvens de fumaça, a santa cruz conservava-se intacta!!

Como nos tempos biblicos os meninos na fornalha rubra de fogo, sete vezes candente, passeiavam, cantando alegres e aclamando as maravilhas do céo, assim o lenho abençoado, desafiava o nada de seus contrarios.

Samambaia tombou de joelhos e chorava como criança.

Batendo nos peitos, soluçava:

—Minha Nossa Senhora, minha Nossa Senhora, misericordia! piedade!

Os outros não tardaram a levantar-se e tomados de estupor e assombro fugiram desordenadamente.

Dahi a pouco, grupos e mais grupos de povo começou a chegar,

A noticia num instante percorreu toda a freguezia.

A' tardinha a estrada real estava entupida de gente.

Difficilmente podia transitar-se.

A multidão immensa, tomada duma especie de terror religioso, ante a grandeza do caso, gritava, a todo momento:

Misericordia, meu Deus! misericordia!!

Viva a santa cruz de Deus!

Um homem, de estatura agigantada, desempenado e forte e que como o primeiro rei d'Israel, avantajava-se a todo povo pela altura, entou com voz maravilhosa de harmonia:

..... "Bêmdita louvãda seja  
 Nos céos a divina luz;  
 ..... E'nós tambem cá na terra  
 Louvemos a santa cruz."

O povo todo respondeu:



*"Bem dita louvada seja  
Nos céos a divina luz;  
E nós também cá na terra  
Louvemos a santa cruz."*

Então aquillo tornou-se um delirio.

Milhares de braços estenderam-se para a cruz; ninguém temia o fogo.

Arrancada do brazeiro e carregada á hombro, como se fôra uma leve penna, o cruzeiro milagroso triumphava :

*Statera facta corporis.*

Como era sobrenatural aquelle espectaculo.

O fervor era tão commovente que todo o povo chorava. Homens que ha muitos annos não entravam na Egreja, eram os mais zelosos.

Cousa curiosa, scena empolgante e que como prova a grande palavra de Tertuliano :

*"A alma é naturalmente christã."*

Todos os que estavam calçados arrancavam fóra os sapatos, para carregar o santo lenho, e isso sem aviso, sem pedido de ninguem, instinctivamente, tocados apenas pela magnitude do prodigio.

Depositada na Egreja Matriz, a santa cruz tornou-se o centro do respeito do povo.

Os sacrilegos, authores do crime, fugiram para longe.

Seis mezes após estes factos, appareceu João Kopings.

Vinha rôto, estarrapado e todo coberto de lepra !!

Começou a andar pelas ruas, assobiando, á cantar, e de vez em quando, soltava grandes gargalhadas.

Estava inteiramente louco.

As authoridades locais, condoidas de sua sorte, cotisaram-se e o enviaram para o Hospicio de Alienados.

O Samambaia morreu afogado.

Poucos dias depois acharam o corpo d'elle, boiando, no rio Novo, que passa aqui perto.

Esse grande acontecimento deu-se aqui, no arraial da Piedade, municipio de Leopoldina,

A santa cruz está na Egreja nossa, perfeita, intacta, e cercada de grande veneração de toda a freguezia e das parochias visinhas.

Ella traz em si mesma a prova do milagre.

Com effeito, quem olha para o veneravel lenho, nada percebe, porém, raspando-se ligeiramente a crosta, avista-se na mesma hora o pó de carvão, que pullula na lamina do canivete.

Grande numero de homens respeitaveis e fidedignos, juram ter obtido curas admiraveis, pela invocação da—*Cruz Queimada*—nome pelo qual é conhecida a santa cruz nesta parochia e alhures.

Um velho e digno sacerdote, parcho do Laranjal, disse aqui o anno passado :

—"Esta santa cruz vai aqui tornar-se o centro d'uma grande romaria, porque nella vê-se manifestamente a mão misericordiosa de Deus."

Deus te salve, ó cruz dulcissima, cathedra do grande Mestre, throno da sabedoria, lampada mysteriosa que allumia o mundo universal, arma prodigiosa á cujo conspecto o inferno treme de medo, constellação ineffavel que no céo de nossa patria refulge de esplendores, ó cruz de meu Senhor, salva o Brazil, terra estremecida que te adora, e nos livra da praga dos *beefs* americanos, inimigos encarniçados da santa Egreja e de teu abençoado culto,

*O' Cruz ave spes unica, re:sque dese crimina.*





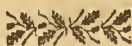








# INDICE



	pag.	
A mentira é peccado.....	0	
A valsa do vigario.....	14	”
Morte do positivista.....	18	”
As penitencias no sertão.....	23	”
Joaquim Veneao.....	28	”
Ultima visita.....	32	”
O mascarado.....	35	”
Bôa lição.....	39	”
O divorcio.....	43	”
O dia de annos.....	48	”
A confissão.....	52	”
O capitão Faisea.....	56	”
Anniversario de Lena.....	63	”
Verdadeiro ladrão.....	68	”
Jesus na Cruz.....	72	”
Historia do tio João.....	75	”
Homem de bem.....	79	”
Sem confissão.....	84	”
Bem feito.....	88	”
Missa não enche barriga.....	94	”
Um sonho.....	99	”
O segredo da confissão.....	103	”
A flôrzinha dos bosques.....	110	”
S. José e o menino catholico.....	114	”
A estrella dos mares.....	118	”
O cruzeiro.....	122	”
A ira do tropeiro.....	130	”
A primeira commtuhão de Maria.....	138	”
Os dois templos.....	142	”
Se Deus quizer.....	150	”
A irinã de caridade.....	154	”
São sempre assim.....	158	”
Bravos! capitão.....	164	”
O casamento da Bilóca.....	167	”
Eseconjuro!!!.....	175	”
Brutalidade.....	183	”
Bravos, rapaziada!.....	187	”
Quem com ferro fere.....	191	”
O escrivão.....	203	”
O Imperador.....	212	”
Maldita seja a avareza.....	217	”
Promessa é divida.....	223	”
O protestante.....	229	”
A Cruz queimada.....	236	”







## Ao leitor



Não faço corrigenda. Hoje que os homens disputam, *scinduntur philologi*, cada qual preconizando mais o seu systema ds escrever, entrego á indulgencia do leitor algumas cincas que notam-se no livro.

Aliás, num volume de duzentas e muitas paginas, é toleravel passarem camarões por malha, e o meu livro vai collocar-se sob a egide da mais hospitaleira Provincia de nossa grande Nação Brasileira.

---

*Laus Deo Virginiq; Matri.*

